

Sophie era uma colegial romântica quando viu - uma única vez - um homem cujo nome não sabia e que nem sequer falou com ela. Mas a atraiu tão profundamente que ela se apaixonou por ele. As coisas deveriam ter ficado só nisso, mas Sophie continuou a sonhar com ele, imaginando o que faria caso se encontrassem novamente. Contra todas as possibilidades do destino, anos mais tarde eles voltaram a se encontrar. Mas Carlos Walsingham era muito diferente do que ela tinha fantasiado. E, claro, não se lembrava dela. Não seria melhor admitir que ele era apenas um herói de sonhos, não verdadeiro, e deixar as coisas como estavam?

Sonhos ardentes

Anne Weale

“Lord of the sierras”
(1976)

CAPITULO I

No verão de seu décimo-sétimo aniversário, quando já terminara os estudos mas ainda estava indecisa quanto ao futuro, Sophie Lingwood foi beijada por um estranho, no porão de uma livraria de segunda mão.

O porão da Livraria Bramfield era um labirinto de passagens estreitas entre prateleiras que iam do chão ao teto, cheias de volumes aglomerados. Quando ela saiu da passagem marcada Topografia/Viagens/História Nacional, um homem estava emergindo de Filosofia/Teologia. Se ele fosse um dos velhos clérigos que frequentavam aquela seção do porão, a investida violenta o teria derrubado.

Mas, como esse homem era jovem, muito mais alto que Sophie e de reações rápidas, ele pode estender os braços rapidamente e segurá-la pelos ombros, reduzindo a força do impacto contra seu peito.

Surpresa e embaraçada, ela balbuciou uma desculpa. Por um instante, teve a impressão de ver um par de divertidos olhos cinza num rosto escuro, de aparência estrangeira. E, então, em vez de relaxar as mãos que a seguravam e ficar de lado para lhe dar passagem, o estranho abaixou a cabeça e beijou-a.

Foi apenas um beijo rápido e leve, mas muito mais chocante que a colisão. Ela não pôde acreditar no que acontecera. Por vários minutos, ficou atônita demais para se mexer ou dizer alguma coisa. Finalmente, quando parecia que o estranho ia dizer algo, Sophie recuperou a consciência, empurrou-o para o lado, e correu.



Seu coração ainda estava batendo com força quando entrou na cozinha, em Cliff Court. Mas a sra. Steel estava preocupada demais com o almoço para notar a agitação de Sophie. Não era raro a sobrinha estar corada e sem fôlego depois de pedalar vigorosamente do centro comercial até o topo do morro íngreme.

Sophie nascera em Taiping, no norte da Malaia durante o estado de emergência, no começo da década de cinquenta. Cinco meses mais tarde, sua mãe e seu pai, soldado, foram mortos a tiros numa emboscada terrorista. Felizmente, ela tinha um avô e uma tia para tomarem o lugar de seus pais. Agora, ouvindo das colegas da escola as brigas frequentes que tinham com os pais, Sophie às vezes imaginava se teria sido tão feliz com eles como era com tia Rose e o velho e querido vovô.

Até a aposentadoria, seu avô havia sido procurador. Mas, desde a infância, seu interesse mais profundo na vida fora a coleção de livros raros. A alegria de sua velhice era ver a neta desenvolver o mesmo interesse.

A tia de Sophie, Rose Steel, era uma bordadeira profissional. Enviuvara no dia 6 de junho de 1944, quando ainda estava com pouco mais de vinte anos; ela nunca encontrou qualquer outra pessoa com quem quisesse se casar, mas achou uma maneira diferente de se realizar, criando magníficos bordados modernos para igrejas e prédios públicos, e educando a filha de seu irmão mais jovem.

Algumas vezes, quando suas amigas casadas reclamavam que estavam constantemente se desentendendo com as filhas adolescentes. Rose imaginava por que nunca tivera problemas com Sophie. Desde o dia que Rose e seu pai viajaram para Southamptom, ao encontro do navio de tropas no qual uma freira-enfermeira do Exército era responsável pela criança órfã, Sophie só lhes trouxera interesse e diversão. O bebê rechonchudo e plácido se transformara numa pequena menina alegre e amorosa, satisfeita em ficar horas olhando os navios passantes através do telescópio de vovô, apanhando conchas na praia, ou costurando seguradores de painéis e saquinhos para ovos com os retalhos que sobravam do trabalho de Rose.

Quando chegou à adolescência, Sophie estava viciada em colecionar livros. O carteiro vinha cedo em Cliff Court, e o desjejum era uma refeição silenciosa. Rose lia o jornal local, o sr. Lingwood estudava os catálogos elegantemente impressos, editados por Dawsons, da Pall Mall, Irmãos Maggs, Sotheran's, e outros famosos vendedores de livros antigos, e Sophie procurava avidamente os títulos oferecidos na Lista Verde de Wrigley, a *Miscelânea* mensal de Jabez Elliot, e as colunas de "Vende-se" do *Colecionador de Livros*.

Desde os doze anos até bem mais que os dezesseis, sua vida foi uma sucessão de casos de amor desesperados com heróis já há muito falecidos. Enquanto suas amigas penduravam fotografias de cantores modernos, as fantasias de Sophie continham El Gran Capitan, seguido por François de Guise, seguido pelo malvado Lord Byron.

Mas ao ser beijada no porão da Livraria Bramfield, ela finalmente perdeu o interesse pelos homens legendários e começou a sonhar com um homem verdadeiro. Durante semanas depois do encontro, ela esperou vê-lo novamente. Não se esqueceu mais de limpar os sapatos. Lavava o cabelo duas vezes por semana. Começou a tratar das unhas e a pensar em roupas, em vez de livros.

Algumas vezes, lembrando-se da escuridão de sua pele, da negrura nada inglesa de seus cabelos, ela tinha certeza de que o homem do porão era espanhol. Mas os espanhóis raramente eram altos, e quase nunca tinham olhos cinza.

Quando chegou setembro, e depois outubro, ela foi forçada a aceitar que o homem do porão era um turista em férias ou talvez simplesmente um visitante, naquele dia.

A essa altura, já estava aprendendo estenografia e datilografia. Não saía mais de casa, todas as manhãs, com o pensamento animador: "Talvez o veja hoje".

Mas sabia que algum dia, em algum lugar, se encontrariam novamente; e quando isso acontecesse, ele se lembraria dela, e se apaixonaria.

No seu vigésimo-primeiro aniversário, um dia antes do dia marcado para ela atravessar o canal, a caminho de seu emprego de verão em Andaluzia, vovô deu a Sophie a 1832ª edição de *A Alhambra*, de Washington Irving, e tia Rose, uma capa ro-dopiante, verde, da cor do mar.

Sophie ficou encantada com os presentes. Vestiu a capa, e rodopiou pelo velho quarto de costura com a postura arrogante de uma manequim. Em seguida, riu e tirou o capuz, deixando que seus longos cabelos castanhos emoldurassem um rosto cheio de calor e vitalidade.

— Não irei para a Alhambra durante o dia, quando está cheia de turistas. Irei à noite, quando estiver iluminada pela lua e silenciosa, usando isso. Um nobre espanhol me verá ali, e me implorará para compartilhar seu castelo, nas Sierras. Mas... creio que mudará de idéia quando me vir na luz do dia, usando minhas calças jeans — acrescentou, rindo.

Falar de um castelo nas Sierras fez com que Sophie se lembrasse de alguém que ela nunca chegara a esquecer. O estranho que há quatro anos e meio fora o primeiro homem a beijá-la.

Durante meses, ele estivera presente em seus sonhos. Noite após noite, ela apagava sua lâmpada de cabeceira, não porque estivesse cansada demais para continuar lendo, mas para poder ficar acordada na escuridão, imaginando uma nova aventura romântica que, em lugar de em época, variava da moderna An-tártica até o Aragão do século quinze. O único fator constante era que ela sempre era a heroína desses dramas, e ele sempre era o herói. Nunca lhe deu um nome, em parte porque nenhum nome inglês parecia ser apropriado, e em parte porque tinha tanta certeza de que algum dia saberia seu nome verdadeiro. Mas, algumas vezes, por ele combinar tão perfeitamente com um nobre espanhol do reinado agitado da rainha Isabella, ela lhe dava um título — lorde das Sierras.

Nesse papel, ele a levaria para sua fortaleza nas altas montanhas, para forçá-la a casar-se com ele, ou até com intenções menos nobres. Inúmeras vezes, em sua imaginação, Sophie vira sua captura, o galope na noite selvagem através das montanhas, sua tentativa de escapar e, finalmente, a cena do castelo, na qual, externamente fria e desafiante, ela comia uma ceia à meia-noite e temia o momento inevitável em que os criados iriam embora e a deixariam sozinha com ele. Mas geralmente, antes que esse momento crítico chegasse, ela já tinha adormecido.

Um ano mais tarde, da mesma maneira que o lorde das Sierras tomara o lugar de seus heróis históricos, ele, por sua vez, foi substituído por um francês.

Sophie conheceu Guy em Ile d'Oléron, a oeste da costa francesa. Estava lá para cuidar e falar inglês com os filhos de um hoteleiro de Bordeaux, que tinha uma casa de verão na ilha, Guy era estudante e estava trabalhando durante as férias num campo de *trailers* que ficava perto dali. Ele fez com que Sophie superasse sua aversão inicial pelas ostras, ensinou-lhe mais francês em dois meses do que ela aprendera durante dois anos na escola, e, quando ela estava de folga, sem ter que se preocupar com crianças, ele a beijava.

Ele a beijava em trechos isolados dos caminhos que ligavam as vilas pintadas de branco da ilha, e ele a beijava enquanto estavam caçando fósseis nos corais que emergiam do mar durante a maré baixa. Eles se beijavam no mar e na praia.

Ela gostava dele, e gostava da sensação que ele lhe causava quando a acariciava e sussurrava em seus ouvidos, murmurando coisas doces em francês. Mas também estava muito excitada por ser a primeira vez que vinha ao estrangeiro. E receosa de qualquer coisa que pudesse tirar sua liberdade de viajar mais.

Quem sabe o que a vida lhe traria? O preço do amor para tia Rose fora um breve idílio, e depois a viuvez. Para sua mãe, o casamento trouxera uma viagem excitante do Leste, um bebê, e, logo depois, a morte. Sophie poderia casar-se com um homem que exigisse que ela fosse para a Bolívia com ele. Ou ele poderia ser o dono de um navio petroleiro, e estar mais no mar que em casa. Ou, talvez, eles tivessem que viver milhas longe da costa mais próxima, como por exemplo Birmingham, sem poder economizar nenhum dinheiro para ver o mundo. Portanto, agora era a sua chance de visitar todos os lugares que tinham alguma magia para ela. Um emprego levou a outro, e para onde quer que viajasse, invariavelmente havia um jovem mais que disposto a ajudá-la a dominar a língua.

Depois de Guy veio Benedict, um rapaz suíço que lhe ensinou a esquiar e desvendou a gramática alemã para ela. Depois dele veio Paolo, com seus cabelos encaracolados, com o qual ela aprendeu o italiano básico. Da Itália, foi para a Holanda, onde, por tantos holandeses falarem inglês além de sua própria língua tão difícil de se pronunciar, ela se dedicou ao espanhol.

Na noite do aniversário em que atingiria a maioridade, que também era a noite de sua partida, ela foi à estação para esperar Kate Dilham, uma amiga que morava em Londres e que também tinha um emprego de verão na Espanha. As duas iam viajar juntas até Costa Brava, onde Kate iria secretariar o gerente inglês de uma locadora de vilas. De lá até o sul da Espanha, Sophie estaria sozinha.

— Você tem sorte de ter um carro — disse Kate, enquanto dirigiam para dentro de uma balsa em Dover, na manhã seguinte. — Se o seu emprego for desagradável, pode deixá-lo e procurar algo melhor. Eu ficarei presa durante toda a estação.

— Meu avô materno me deixou algum dinheiro que poderei usar no meu vigésimo-primeiro aniversário, e quando eu disse a vovô que queria um carro para ir à Espanha, ele me adiantou o dinheiro — explicou Sophie.

O carro era uma pequena perua de segunda mão, equipada com camas de ar e sacos de dormir, para que as moças pudessem economizar dinheiro acampando em vez de ficarem em hotéis.

Kate invejava a independência emocional de Sophie. Achara que estava apaixonada duas vezes, e ambos os casos haviam terminado em desilusão. Vários homens haviam perseguido Sophie, e ela parecia gostar deles, mas nunca ao ponto de esperar ansiosamente por telefonemas e cartas, e certamente nunca ao ponto de não poder voltar atrás, coisa que a própria Kate fizera, e da qual agora se arrependia.

Uma vez, discutindo sobre homens em geral, Kate havia dito:

— O que você faria se William a ameaçasse de não vê-la mais se você não permitisse que fizessem amor?

— Eu não o veria mais! — respondera Sophie, sem hesitação. Em seguida, adivinhando o que fizera Kate lhe perguntar isso: — Não estou apaixonada por William, mas mesmo se estivesse não sucumbiria a esse truque tão antigo.

— Parece que você nunca tem problemas com os seus amigos masculinos — dissera Kate, de mau humor. — Eles parecem ser loucamente viris, mas todos parecem satisfeitos em se comportarem como padres.

— Nem sempre! — disse ela rindo.

— É mesmo? E William? — Kate parou, com medo que a outra troçasse de sua curiosidade. Sophie era uma excelente confidente, mas não falava muito sobre si mesma.

— Acho que, mais cedo ou mais tarde, todos os homens tentam — disse Sophie, pensativa.

— O que desanima é quando se diz não firmemente, e eles começam a atormentar.

— A maioria das pessoas parece dizer sim.

— Oh, bobagem, Kate! De qualquer maneira, eu nunca me deixaria influenciar pelo que a maioria das pessoas faz. Só estou interessada em homens que se interessam por mim como pessoa.

Lembrando-se dessa conversa enquanto o barco atravessava o canal numa nuvem de espuma, e com um barulho de motores que apagava tudo menos alguns comentários gritados, Kate desejou que tivesse sido influenciada por Sophie e não pelos dois homens cujo interesse nela, como ficou provado, fora limitado e curto.

— Como serão os homens espanhóis? — comentou, quando passaram pela Alfândega francesa em Calais.

O bom tempo continuou, e quando chegaram aos Pirineus e atravessaram a fronteira da Espanha, Kate adquirira um leve bronzeado. Sophie, que estivera trabalhando na Suíça antes de voltar a Cliff Court para um descanso entre os empregos, já estava bastante bronzeada quando deixaram a Inglaterra. Agora, estava tão queimada quanto a maioria das pessoas em fim de férias na Espanha.

Antes de se separar, as moças passariam uma noite em Barcelona, na casa do sr. e da sra. Hellington, amigos dos tios de Kate. Os Hellington moravam num prédio de oito andares, de apartamentos caros, no centro da cidade. E, quando desligou o motor na garagem subterrânea para os carros dos moradores, Sophie ficou contente por não precisar mais dirigir aquele dia.

Se estivessem por conta própria, pernoitando numa pensão barata, ela teria passado a noite lendo, talvez passeando um pouco para esticar as pernas. Mas os Hellington estavam convidados para uma festa, e queriam que as moças os acompanhassem.

— Não começa antes das nove, portanto há bastante tempo para que possam se arrumar. Maria, minha empregada, passará seus vestidos. Suponho que vocês trouxeram algumas roupas bonitas para usarem à noite. As mulheres espanholas são extremamente elegantes, e sempre arrumadas imaculadamente — disse a sra. Hellington, olhando com desaprovação para as calças compridas e blusas amassadas das moças.

Kate tinha cabelos curtos, e não se recusou a aceitar a hora que a sra. Hellington havia marcado para ela num cabeleireiro da redondeza. Mas Sophie nunca gostara do ritual de um penteado profissional e, além disso, ela havia lavado seus cabelos antes de partirem aquela manhã. Tudo que precisava fazer agora era escová-los firmemente. Agradeceu à sra. Hellington pela hora marcada, mas acrescentou firmemente que um cochilo faria mais por sua aparência.

— Oh, muito bem — disse sua anfitriã. — Mas você certamente tem que deixar Maria lhe fazer uma manicure. As moças espanholas da classe alta fazem as unhas e os cabelos duas vezes por semana. Até moças de famílias mais pobres tomam muito cuidado com suas mãos. Foi como um favor à sra. Hellington, que as estava recebendo num luxo considerável, tão diferente do conforto despreocupado que elas teriam preferido, que Sophie decidiu prender seus longos cabelos num coque. Vovô e tia Rose não gostavam de coques. William, o mais fantástico de seus amigos a preferia com o cabelo preso, e lhe dera um pente antigo de tartaruga, decorado com turquesas e pérolas, para usar no alto do coque.

Quando a sra. Hellington a viu na capa verde, tão fina, ficou impressionada.

— Uma grande melhora! Seria difícil reconhecê-la, minha querida — disse, com aprovação. Sob a capa, Sophie estava usando um vestido longo, muito simples, marfim. Kate estava com um conjunto de seda, verme-lho-escuro. A sra. Hellington usava um vestido verde, de chiffon, e uma exposição impressionante de diamantes e de esmeraldas.

— Você precisa de um broche para esse conjunto, Kate. Eu lhe emprestarei um. — Ela levou Kate até seu quarto, deixando Sophie sozinha com o sr. Hellington.

— Creio que você levará algum tempo para se acostumar com os horários espanhóis. Almoço às duas da tarde, jantar às dez da noite, e assim por diante — comentou ele. — Há rumores

de que vão acabar com a *siesta*, pelo menos na parte norte da Espanha. No sul, durante o verão, é impossível trabalhar durante as horas mais quentes do dia. Creio que a senhorita não é muito afetada pelo calor intenso, não, srta. Lingwood?

— Espero que não. Na realidade, não sei. Conversaram sobre assuntos corriqueiros até que as outras

voltassem, Kate brilhando com brincos emprestados, um enorme broche e uma pesada pulseira de ouro. Lançou um olhar expressivo de indefesa submissão a Sophie, que se preparou para resistir, com a máxima cortesia, às tentativas da sra. Hellington de cobri-la com brilho emprestado. Mas a história do penteado pareceu ter convencido sua anfitriã de que sua segunda convidada não era do tipo dócil.

O carro dos Hellington era uma enorme limusine preta e reluzente. Kate sentou-se atrás entre eles, e Sophie sentou-se ao lado do chofer, que era jovem e bonito e, não sendo visto por seus patrões, lançou-lhe um olhar atrevido e ardoroso. Enquanto dirigiam pela cidade intensamente iluminada, ela encontrou olhares parecidos, intensos, cada vez que olhava para um homem nas ruas ainda cheias de gente.

A festa era num apartamento ainda maior e mais luxuoso que o dos Hellington. A capa de Sophie e as peles da sra. Hellington foram guardadas por dois dos vários empregados que estavam agitadamente atenciosos no hall de entrada coberto de tapetes na parede, e cheio de flores.

Os donos do apartamento eram um casal americano, de acordo com a sra. Hellington, muito rico, muito importante e cheio de influência. Sophie não gostou deles desde o momento que a sra. Hackenbacker tirou seus dedos sem firmeza do próprio aperto de mão firme de Sophie, e os lábios da sra. Hackenbacker se esticaram num sorriso artificial, enquanto seus olhos frios e pálidos observavam a falta de jóias de sua convidada.

— Céus! Há jóias aqui para reestocar a loja de Cartier — murmurou Kate, enquanto as moças seguiam os Hellington por entre a multidão de convidados que conversavam.

— Sim — concordou Sophie, nada impressionada.

Ficou claro que os Hellington e os Hackenbacker iam para os círculos onde a posse e a exibição de riqueza eram de primeira importância. Era um meio social ao qual ela não pertencia, e não tinha nenhum desejo de pertencer. Vovô e tia Rose haviam-lhe ensinado a admirar mais uma antiga ametista do que um enorme diamante moderno; lilases selvagens mais do que rosas caras sem nenhum perfume, e pessoas cuja mente era rica, mesmo que não tivessem dinheiro.

A maioria dos convidados era de ingleses e americanos, e mesmo os espanhóis falavam inglês. Ela não teve nenhuma oportunidade de testar seu espanhol ouvindo pedaços de conversas. Após uma hora de laboriosa conversa de tipo coquetel, o barulho e a fumaça dos cigarros começaram a fazer com que sua cabeça doesse, e uma ou duas vezes ela se pegou demonstrando monotonia. Rapidamente armou um sorriso tão artificial quanto o da sra. Hackenbacker.

Estava tomando sua terceira taça de champanha, desejando ardentemente uma xícara de café forte, quando, através de uma brecha entre as cabeças das pessoas, viu um homem alto. No mesmo momento, ele olhou para ela.

Sophie engoliu em seco e sentiu seu coração pular com choque e excitação. Era ele... o lorde das Sierras!

Enquanto olhavam um para o outro, ele começou a sorrir com o mesmo brilho tentador que ela nunca esquecerá. E, dessa vez, ela respondeu com um sorriso de prazer, sem nenhuma timidez. Em seguida, a pessoa que estava ao seu lado reclamou atenção, e, quando ela olhou novamente, ele havia desaparecido.

"Devo ter sonhado", pensou. Bebera champanha demais com o estômago vazio.

Mas ela sabia que não tinha inventado aquele rosto escuro e esguio, e os olhos cinza estranhamente incongruentes. Ele estava ali, naquela sala, e, apesar de não poder vê-lo, sua presença fez com que ficasse excitada.

Durante os próximos dez minutos, sua emoção variava da alegria por, finalmente, nessa festa terrível, ter começado a grande aventura de sua vida, e medo de ele não a ter reconhecido, ou que, mesmo que tivesse, ser casado, não sendo livre para continuar aquele olhar involuntário de interesse. Finalmente, quando seu espírito estava começando a afundar na decepção, uma mão tocou seu ombro. Ela voltou-se, e lá estava ele, a seu lado.

— Boa noite — disse. — Este é um prazer imprevisível. Não preciso perguntar quem é você. Você é maravilhosa, a única moça aqui que não precisa se decorar como uma árvore de Natal para causar alguma impressão.

Sophie riu, os olhos castanhos brilhando. Alívio e prazer estavam efervescendo dentro dela como as bolhas em sua taça de champanha. Ele estava esperando que trocassem um aperto de mãos, e quando ela passou sua taça para a mão esquerda, viu o olhar rápido com o qual observou que ela não usava nenhum anel — Certamente você não está se divertindo nesta bagunça.

Venha jantar comigo. Conheço um restaurante perto do porto onde a comida é boa, e se pode conversar.

— É uma sugestão tentadora, mas estou aqui com o sr. e a sra. Hellington, e não posso...

— Creio que eles não se importariam. Não, se eu explicar as circunstâncias especiais. — Os olhos cinza estavam brilhando com travessura. — Apresente-me à sra. Hellington, e eu lhe explicarei o meu caso. — Ele parou, antes de acrescentar calmamente. — Se você esqueceu meu nome, é Carlos Walsingham.

— Estava na ponta da língua. E eu sou Sophie Lingwood, só em caso de você ter esquecido.

— Mas mudou de idéia. Seria interessante ver como ele lidaria com essa dificuldade sem nenhuma ajuda.

Por acaso, a sra. Hellington estava por perto. Escutava uma matrona espanhola pequena e gorda, mas não com toda a atenção. Seus olhos passeavam para cá e para lá, avaliando as pessoas a sua volta. Viu Sophie se aproximando, e suas sobrancelhas pintadas se levantaram um pouco ao ver o companheiro alto de Sophie.

— Sra. Hellington, posso lhe apresentar Carlos Walsingham?

— Como vai?

Dedos cheios de anéis e unhas cor de sangue foram estendidos a Carlos, que se curvou, levando-os aos lábios, sem realmente beijá-los. Depois, com Sophie, ele foi apresentado à *señora Ruiz*.

— Espero que a senhora me permita roubar a srta. Lingwood pelo resto da noite — disse e Sophie engoliu um sorriso pela facilidade com que ele usara seu sobrenome, que segundos atrás não sabia. — Amanhã estarei deixando Barcelona. Portanto, esta noite é a nossa única oportunidade de renovarmos um velho conhecimento.

— Mas sim, certamente... é claro que sim. Eu a verei no café da manhã, minha querida. Não a faça voltar muito tarde, sr. Walsingham. Ela tem uma longa viagem pela frente, amanhã. — Com um sorriso, a sra. Hellington os dispensou.

No hall, Sophie disse:

— Tenho uma capa em algum lugar.

Carlos falou em espanhol com um empregado masculino, que se curvou e desapareceu.

Enquanto estavam esperando, disse zombeteiramente:

— Deixe-me ver... onde foi que nos vimos da última vez? Em Davos? Em St. Tropez? Em Bruxelas?

— Já faz tanto tempo! Estou surpresa por você lembrar.

— Como poderia esquecer esses olhos dourados? Ah, aqui está o seu agasalho. — Ele o tomou do empregado, desdobrando-o, e colocou-o sobre seus ombros.

No andar térreo, deu o chaveiro a um porteiro.

— Teremos que esperar alguns minutos enquanto ele pega meu carro. Você também é só um pássaro de passagem por aqui? Para onde irá amanhã? De volta para a Inglaterra?

— Não, para o sul... para Andaluzia.

— É mesmo? Eu também. Talvez nos encontremos novamente lá.

— Talvez. — concordou ela, sorrindo.

Com qualquer outro homem, teria sido cautelosa, mantendo alguma distância até que soubesse mais sobre ele. Mas, se fosse qualquer outro homem, ela não teria saído tão facilmente da festa.

Um carro branco caro, com a capota abaixada, veio até onde eles estavam, dirigido pelo porteiro uniformizado, Carlos agradeceu, dando-lhe uma gorjeta. Colocou Sophie no assento do passageiro, tomando cuidado para que as pregas de sua capa não ficassem presas na porta, quando a fechou. Em seguida, deu a volta pela longa frente redonda do carro, tomando lugar atrás do volante.

— Um carro francês, um primeiro nome espanhol, em um sobrenome inglês. Você é um verdadeiro cosmopolitano — disse ela, com a leveza que a intimidade permite, enquanto ele dirigia através da cidade.

As mãos dele no volante eram escuras como as de um cigano, contrastando com os punhos brancos de sua camisa social. Era um motorista descontraído e nada competitivo, observou com aprovação. Não era do tipo que freava subitamente nos sinais vermelhos, nem dava partidas rápidas para se mostrar. Na opinião de Sophie, homens que dirigiam daquela maneira eram imaturos ou inseguros. Carlos Walsingham não era um rapazinho despontando para a masculinidade, nem precisava de um carro poderoso para fazer com que as mulheres gostassem dele e os homens o respeitassem. Não tinha a beleza latina do chofer dos Hellington e dos outros espanhóis que ela vira ali. Mas, mesmo se usasse as calças empoeiradas e o capacete cor de laranja-vivo que os homens que trabalhavam nas construções usavam, haveria algo nele que faria a maioria das mulheres olhar duas vezes.

— Minha mãe era espanhola — explicou. — Quando ainda era menina, foi mandada para a Inglaterra para não sofrer com a violência e o perigo do *Movimiento*, a Guerra Civil. Casou-se com um inglês que foi morto em ação quase no fim da Segunda Guerra Mundial. Quando fui para a escola, ela voltou para a Espanha e casou-se novamente. Desde então, minha vida foi dividida entre um colégio interno na Inglaterra e a casa de meu padrasto espanhol. É difícil imaginar duas educações tão diferentes — acrescentou, secamente. — E você, srta. Lingwood? Que mistura produziu resultados tão maravilhosos?

— Pelo que sei, todos os meus genes são ingleses — respondeu ela. — Mas nasci no Extremo Oriente e, ultimamente, tenho viajado bastante, apesar de essa ser a minha primeira visita à Espanha.

— Esperemos que seja inesquecível.

"Será inesquecível", pensou Sophie, estudando o perfil forte e a cabeça bem-formada dele. Estavam passando pela extensa costa marítima da cidade.

— Essas são as balsas noturnas que vão até as ilhas Baleares — disse Carlos, indicando as balsas a vapor ancoradas em cais aglomerados e alegremente iluminados. — Aquela grande e moderna vai até Majorca, e a outra, até Menorca. Chegarão às ilhas amanhã de manhã, ao nascer do sol. E aquela é uma reconstituição da *Santa Maria* — acrescentou, enquanto se aproximavam do ancoradouro de um galeão do século quinze.

— O navio no qual Cristóvão Colombo fez sua primeira viagem ao Novo Mundo?

— Correto; mas, na Espanha, ele é Cristóbal Colón. Muitas vezes eu tive problemas na escola, porque esquecia que a História não é a mesma em todos os países.

O restaurante ao qual ele a levou não era o tipo de lugar frequentado por Hellingtons e Hackenbackers. Era confortável e muito limpo, mas não tinha uma decoração espetacular, menus enormes e comida flambeada ao lado da mesa — coisa que Sophie aprendera a ver como desperdício inútil de conhaque.

Enquanto caminhavam através da longa sala estreita onde todas as mesas, menos uma, estavam ocupadas por famílias da próspera classe artesã, ela ficou surpresa ao ver Carlos cumprimentar, em espanhol, as outras pessoas, e ser cumprimentado por elas. Estava consciente dos olhos escuros das mulheres que a avaliavam, mas não era uma curiosidade fria, e os comentários murmurados eram de admiração,

— *Guapa* é uma palavra que você escutará com muita frequência na Espanha — disse ele, quando já estavam sentados. — Seu significado tem muitas nuances, desde bonita até maravilhosa. Da maneira como foi dito agora, quer dizer muito bonita.

Sophie estava para responder que um domínio razoável da língua espanhola fora uma qualificação essencial para seu emprego de verão, mas o garçom estava se aproximando. Deixou o comentário de lado, e simplesmente sorriu, aceitando o cumprimento. Ele era completamente espanhol quando elogiava uma mulher, pensou.

— Se essa é a primeira vez que está na Espanha, temos que comer *paella* — disse Carlos. — Nos lugares turísticos, quase nunca é como deve ser. Mas aqui, onde as pessoas locais comem, a *paella* é excelente. Você está com fome, espero.

— Com muita fome — confirmou ela. — Você vem aqui com muita frequência? Parece que conhece todo mundo.

— Não, não os conheço. Na Espanha, é costume cumprimentar as pessoas com as quais se come. Os espanhóis são muito amigáveis.

— Já notei. Até os meio espanhóis são excepcionalmente afáveis. Ele sorriu.

— Não creio que a senhorita tenha dificuldade em fazer amigos em qualquer país. Talvez com pessoas de seu próprio sexo, mas nunca com as do meu.

O garçom trouxe *sherry* e uma bandeja de *tapas*, tira-gostos, incluindo petiscos de lula frita em farinha dourada e crocante, tâmaras recheadas, azeitonas pretas, anchovas em conserva e fatias de *chorizo* vermelhas, uma deliciosa salsicha com alho que soltava um suco cor de laranja-vivo, que exigia étimos dentes e digestão robusta, coisas que Sophie possuía.

— Tenho uma confissão a fazer. Não consigo me lembrar do seu primeiro nome — disse Carlos, subitamente.

— Sophie.

Mas a *paella* chegou, uma festança de arroz amarelo e brilhante fervendo numa panela larga e escura, e coberta com mariscos de casca vermelha, camarões cor-de-rosa, fatias de pimentão vermelho, ervilhas e suculentos pedaços de galinha. Juntamente com ela veio vinho e uma cesta de pão fresco e crocante, feito num forno antigo, totalmente diferente dos pães feitos em padarias.

Enquanto o garçom enchia os pratos até em cima e servia o vinho, Sophie enfiou um canto do guardanapo enorme de quadrados vermelhos no decote de seu vestido de noite e se preparou para atacar o jantar com o mesmo entusiasmo desinibido demonstrado pela forte esposa espanhola da mesa ao lado.

Era meia-noite quando deixaram o restaurante.

— Agora, para onde a levarei para dançar? — ponderou Carlos, enquanto andavam até o carro.

— Está louco? Depois dessa refeição, quase não consigo andar! — disse Sophie, rindo.

— Então faremos um passeio de carro — disse apontando para as montanhas que rodeavam a cidade. — Eu a levarei lá para cima, para ver a vista.

Ela sacudiu a cabeça.

— Tenho que voltar agora, Carlos. Não tenho a chave da casa, e não são os Hellington que vão esperar por mim. Será Maria, a empregada, que parecia estar terrivelmente cansada, esta tarde.

Para sua surpresa, ele não discutiu. Levando-a de volta ao apartamento, disse:

— Como você vai viajar amanhã? De avião, presumo?

— Não, de carro.

— Você tem carro?

— Sim.

— E onde pernoitará amanhã? Com outros amigos na estrada costeira?

— Os Hellington não são amigos meus. Eles têm negócios com parentes de Kate Dilham, a moça que viaja comigo. Amanhã ela vai para Llafranch, e eu continuarei até o sul. Não tenho programa rígido. Pretendo dirigir até ficar cansada, e então pararei.

Ele não tocou mais no assunto, e começou a falar sobre a Suíça. No restaurante, a maior parte da conversa havia sido sobre os outros países da Europa, e os lugares que eles conheciam, gostavam ou não gostavam.

Um porteiro noturno estava de plantão na entrada do prédio. O elevador estava no andar térreo.

Sophie esperava que Carlos trocasse um aperto de mãos com ela, e saísse de sua vida tão subitamente como havia reentrado. Mas, quando o elevador passou pelo primeiro andar, ele a virou para si, e tirou o capuz de sua capa. Em seguida, tomou-a nos braços e beijou-a.

Quando o elevador chegou ao quarto andar e parou, Carlos a soltou. Andaram até a porta do apartamento dos Hellington, e ele apertou a campainha. Quando a porta foi aberta por Maria, ele disse:

— *Buenas noches, querida* — e desapareceu pela escada. Quando Sophie entrou no quarto, Kate começou a jogar perguntas excitadas para ela.

— Sophie! Finalmente! Onde esteve até agora? Quem é esse homem fabuloso sobre o qual ouvi histórias a noite toda? Por que não me contou que tinha um milionário espanhol interessado em você?

— Milionário espanhol? Sobre o que está falando, Kate? — perguntou Sophie, surpresa. Ela ainda estava nas nuvens.

— Bem, é isso que a sra. Hackenbacker disse à sra. Hellington. De acordo com ela, ele é o solteiro mais cobiçado entre os Pireneus e Gibraltar, e um número sem fim de *señoritas* à procura de marido e de *señoras* casamenteiras ficarão lívidas quando souberem que ele foi conquistado por uma moça inglesa.

— Oh, Kate, quanta bobagem! — Sophie deixou-se cair na outra cama de solteiro, e jogou longe suas sandálias douradas. — A sra. Hackenbacker não sabe bem como são as coisas. Para começar, ele não é espanhol.

— Não, na realidade ela não disse que era — concordou Kate. — Disse que o pai dele era de uma família inglesa muito rica, de banqueiros, e que sua mãe herdou uma fortuna. Não é surpresa nenhuma que o seu Carlos tenha talento para fazer dinheiro sozinho. Ele é dono de hotéis e motéis e vilas em todos os lugares.

— Ele não é "meu Carlos" — disse Sophie. — Eu o vi uma vez, anos atrás. E hoje estávamos muito famintos e chateados com a festa, portanto ele me levou para comer uma *paella*.

Vamos deixar a cidade amanhã de manhã, e Deus sabe quando, se é que chegará a acontecer, eu o verei novamente.

— Mas ele lhe deu um beijo de boa-noite no elevador.

— Como você sabe?

— Adivinhei. Você não costuma flutuar com essa expressão sonhadora no rosto. Onde o viu pela primeira vez?

— Na... Suíça — disse Sophie, mentindo.

— Ele deve ter causado uma tremenda impressão em você se deixou que a beijasse esta noite. Com a sua opinião puritana sobre a vida, um beijo de boa-noite no segundo encontro é bastante significativo — disse Kate, com um pouco de sarcasmo.

— Não sou puritana, Kate. Já beijei muitas pessoas. Só que não pretendo dormir com ninguém até que tenha certeza que o ame, e, a essas alturas, já saberei se me ama — disse Sophie, calmamente.

A amiga corou e alisou o lençol.

— Sinto muito, querida.

— A *paella* não é um pedido de casamento, Kate — disse Sophie, sorrindo, e começando a despir-se. — O que mais você escutou sobre ele?

— A sra. Hackenbacker, que definitivamente não é uma das minhas pessoas preferidas, disse que a maioria dos espanhóis tem sangue mouro nas veias, e pelo que já ouvi falar, Carlos Walsingham tem hábitos mouros também.

— Que mulher tola! A ocupação árabe na Espanha durou quase oito séculos! É natural que os andaluzes sejam mais mouros que qualquer outra coisa. O que ela quis dizer com hábitos mouros?

— Foi isso que a sra. Hellington perguntou! A sra. Hackenbacker riu baixinho e disse que provavelmente não era possível manter um harém hoje em dia, mas todo mundo dizia que Carlos tem mais do que um ninho de amor. — Kate parou. — Não estou lhe dizendo isto para ser má, Sophie. Mas, se você realmente gosta dele, é melhor que saiba dos rumores.

Sophie foi até o banheiro para tirar a maquiagem e deixou a porta aberta.

— O que disse o sr. Hackenbacker? Ou os maridos não contribuíram com a discussão?

— Eles pareceram um pouco amedrontados, na minha opinião. A única coisa que o sr. Hackenbacker disse foi que o jovem Walsingham tinha um talento muito, muito bom para os negócios. Quantos anos tem Carlos? Você sabe?

— Trinta, talvez. Não tenho certeza. Você me dá licença por alguns momentos? — Sophie fechou a porta do banheiro.

Quando saiu, um pouco mais tarde, ficou aliviada ao ver que Kate tinha adormecido. Soltoou o coque, escovou o cabelo, e guardou o pente antigo numa caixa forrada. Em seguida, apagou ambas as lâmpadas de cabeceira, fechou as cortinas de seda cor de marfim, e deitou-se na cama. Mas, apesar de estar fisicamente cansada, tinha muitas coisas na cabeça para poder adormecer.

Como a sra. Hellington informara às meninas que sempre tomava o café da manhã na cama, era óbvio que foi a curiosidade sobre a relação de Sophie com Carlos Walsingham que a fez juntar-se às moças na mesa do café, na manhã seguinte.

— Você se divertiu bastante, minha querida? Aonde o sr. Walsingham a levou para jantar?

— Não sei o nome do restaurante. Era um lugar pequeno, em algum lugar perto do porto.

Ele disse que faziam uma *paella* especialmente gostosa ali.

Nesse momento, apareceu Maria, carregando uma cesta com mais ou menos dez dúzias de cravos. Não era uma cesta de floricultura, com as flores já arrumadas em rígida exposição. Era uma grande cesta de vime, como as que Sophie vira nos mercados de flores, em toda a Europa. De um lado da alça da cesta, os cravos eram vermelhos, do outro lado, brancos. Encheram o aposento com o seu aroma.

— Para a *señorita*! — anunciou Maria.

— Para mim? — repetiu Sophie, surpresa.

A empregada concordou com a cabeça, e lhe entregou um envelope com o nome dela e o endereço dos Hellington, escritos com uma mão forte, e claramente legível.

— Céus! Essas flores teriam custado uma fortuna em Londres — comentou Kate.

— Também não estão baratas aqui, no momento — disse a sra. Hellington. — O sr. Walsingham deve gostar muito de você, Sophie.

Sophie abriu o envelope e tirou uma só folha de papel. Desdobrando-a, leu: "Há um poema do Marquês de Santillana que começa..." O resto da nota estava escrito em espanhol. Não tinha assinatura.

— O que diz? — perguntou Kate, ansiosamente. — Ele quer vê-la novamente hoje?

— Se quiser ficar mais alguns dias, teremos muito prazer, minha querida — acrescentou a sra. Hellington.

Vagarosamente, Sophie levantou os olhos do papel.

— É muito bondoso de sua parte, mas preciso deixar Barcelona hoje de manhã. Prometi começar o trabalho na semana que vem, e tenho que deixar algum tempo para possíveis problemas com o carro, e para ver um ou dois lugares no caminho. Esta é apenas uma nota educada, agradecendo por ter jantado com ele ontem à noite.

— Sei que estou sendo intrometida, mas era realmente só uma nota educada? — perguntou Kate, mais tarde, quando ela e Sophie estavam arrumando as malas. — Não posso acreditar que mesmo homens muito ricos façam gestos extravagantes com cravos para moças que não esperam mais ver.

— Há uma possibilidade de nos vermos em algum lugar no sul — respondeu Sophie. — Mas não é provável. Ele não sabe para onde estou indo, ou por quê; e se ele está no negócio hoteleiro, imagino que o centro de suas operações é Málaga ou Marbella. Ambos ficam muito longe do meu lugar em Costa do Sol. Kate, o que vou fazer com tantos cravos? Eles morrerão se os levar comigo.

— Minha querida Sophie, esses são os tipos de problemas que você terá que resolver se se habituar a escravizar milionários — respondeu Kate, com um sorriso.

Era um pouco mais de nove horas quando Sophie subiu a rampa da garagem subterrânea, e acenou um último adeus para Kate, que ia passar o dia visitando Barcelona, antes de pegar o ônibus do fim da tarde para Llafranch, um lugar de veraneio no norte.

O zelador do prédio explicou a Sophie como deixar a cidade, e assim que ela pegou a estrada, onde era fácil estacionar por alguns minutos, parou o carro para ler novamente o bilhete de Carlos.

Um poema do século quinze não era tão fácil de traduzir, mas, pelo que pôde entender, as linhas significavam o seguinte: "Uma moça de Bores, lá em La Lama, fez com que eu me apaixonasse. Eu pensava que o amor me esquecera, como alguém que já há muito cessou de ter aquelas dores que queimam os amantes mais que uma chama. Mas vi aquela beleza, tão maravilhosa de se olhar, com um rosto que agrada, fresca como uma rosa, com tanta cor como nunca vi em outra mulher".

Antes de deixar Barcelona, parou o carro mais uma vez. Viu duas mulheres sentadas em cadeiras no asfalto do lado da rua que tinha sombra. Uma delas era muito velha, e estava vestida de preto. A outra era jovem, e estava para dar à luz. Impulsivamente, Sophie parou o carro ao lado da calçada. Enchendo seus braços de cravos, só deixando alguns para si atravessou a rua. Sorrindo, disse em seu castelhano sem prática: — *Señoras*, uma pessoa me deu todas essas lindas flores, mas eu tenho uma longa viagem pela frente, e, com o calor do meu carro, elas morrerão antes de eu chegar a meu destino. Posso dá-las às senhoras, para seu prazer?

As exclamações de surpresa a seguiram enquanto ela voltava para seu carro. Quando se sentou atrás do volante, a mulher mais jovem gritou:

— *Buena viaje, señorita!*

Era quase meio-dia quando Sophie parou pela terceira vez. Chegara a um pedaço onde o Mediterrâneo só estava a alguns metros da beira empoeirada da estrada. Apesar de não ter visto ninguém se banhando, o mar calmo e azul, reluzindo na luz brilhante do sol, era uma tentação irresistível.

Como a parte traseira do carro estava equipada com cortinas, não teve nenhum problema para vestir o maiô. Cinco minutos depois, estava correndo através da areia quente para a beirada da água.

Provavelmente, para os padrões espanhóis, o mar ainda estava frio demais para se nadar. Para Sophie, acostumada desde a infância a desafiar as ondas cinzas-esverdeadas do canal inglês, a temperatura da água aqui era meramente refrescante.

"Moçuela de Bores, ollá da La Lama, pusome en amores. Uma moça de Bora, lá em La Lama, fez com que eu me apaixonasse."

Enquanto nadava, e flutuava, e nadava novamente, a primeira linha do poema ecoava em sua mente, e com ela a lembrança do beijo da noite passada, no elevador. Até então, tudo que ele dissera e fizera, tudo sobre ele, confirmava o mito que construía desde seu primeiro e curto encontro, anos atrás. Agora, a única coisa que perturbava sua felicidade era não saber quando se veriam novamente.

Quando saiu da água, os longos cabelos pingando nas costas, Sophie ficou consciente da fome que sentia. Menos que um quarto de milha mais adiante, ela pôde ver um prédio branco pintado com as letras vermelhas "BAR". Talvez também fosse um restaurante onde pudesse, depois, comprar um almoço leve e uma bebida gelada.

Quando começou a andar de volta ao carro, seu coração subitamente começou a bater mais rápido, mas não do exercício da natação, ou por causa do calor que fazia com que as montanhas brilhassem. Ao lado do carro dela estava um outro, um elegante carro branco, francês. E onde, quinze minutos atrás, era um pedaço deserto de areia e vegetação, havia agora um círculo de sombra feito por um guarda-sol alegremente colorido. Na sombra, numa de duas cadeiras reclináveis de praia, estava um homem alto, e de pele escura. Sophie começou a correr.

— Carlos! O que está fazendo aqui? — perguntou, quando alcançou o guarda-sol. Ela não fez nenhuma tentativa de esconder o prazer que sentia por vê-lo novamente.

Ele se levantara com sua aproximação, e estava estendendo o roupão de toalha azul-claro que ela jogara na areia, juntamente com os tamancos e óculos de sol.

— Obrigada. — Ela vestiu primeiro as mangas do roupão, e amarrou o cinto.

— Você não estava me esperando?

— Não, é claro que não. Porque deveria? Como você sabia onde me encontrar? Ou isso é uma coincidência?

— De maneira alguma. Dei dinheiro ao porteiro para que me telefonasse assim que você saísse. Eu a segui desde Sitges até aqui.

Sophie não disse nada. Afastou-se um pouco para torcer seus cabelos. Em seguida, colocou neles um elástico que estava guardado no roupão, e também os grandes óculos de sol. Ningém jamais tentara conquistá-la dessa maneira persistente, e ela estava surpresa e feliz com isso.

— Você esqueceu de trocar um aperto de mãos comigo — disse Carlos. — Na Espanha, sempre é preciso trocar um aperto de mãos. Até os adolescentes fazem isso quando seus grupos se encontram na rua, ou na praia.

Ela colocou a mão na dele, e sentiu um tremor correr pelo ombro quando a bem delineada mão escura fechou-se sobre a sua, mais clara e menor. Ele a segurou por um instante, e depois a beijou.

— Eu pensei que só se beijava a mão de mulheres casadas. — ela disse, recuperando o fôlego.

— Sim — concordou ele. — Mas você é inglesa, e eu sou meio inglês. Portanto, podemos adaptar o costume ao nosso gosto. Imagino que você esteja com sede. Deixe-me lhe dar algo para beber.

Ele trouxera uma grande cesta de comida, e também todos os talheres, pratos e apetrechos necessários para um piquenique a dois. Para sua surpresa, ela notou que tudo era de prata batida a mão e timbrada.

Carlos notou sua surpresa.

— Isso me foi dado por um de meus tios-avós espanhóis. Naquele tempo, essas coisas não eram muito mais caras que porcelana fina. São inquebráveis, como plástico, mas consideravelmente mais atraentes, você não acha?

— Realmente, acho! Obrigada — disse, quando ele lhe estendeu um dos copos de prata cheio de algum líquido dourado e gelado, tirado de uma jarra a vácuo.

— É só suco de frutas. Não levo vinho quando estou viajando, e achei que você não se importaria de beber uma bebida não alcoólica durante o almoço. O vinho ao meio-dia deixa as pessoas sonolentas. Uma *siesta* pode ser muito agradável... — disse ele, com um brilho nos olhos cinza que fez ela olhar para outra direção, para o mar — mas, geralmente, prefiro ficar acordado e tomar vinho à noite.

— Eu estava planejando comer ovos e batatas fritas no próximo restaurante que aparecesse na estrada — disse Sophie, desdobrando o guardanapo fino de linho, e olhando-o enquanto ele servia a salada.

— Há um poema espanhol que diz que a vida sempre é inesperada: *Cuando pitos, flautou; cuando flautas, pitos*. Ou seja: quando se espera flautas, vêm assobios. Quando se espera...

— Ovos fritos, pode-se achar camarões em galantina, em pratos de prata — ela terminou por ele. — Isso me lembra que ainda não lhe agradei pelas flores maravilhosas... e pelo outro poema.

— Você achou alguém que o traduzisse?

— Não... — ela ia acrescentar "não foi necessário", mas mudou de idéia. — Agora você pode me dizer o que significa.

— Com prazer. Com uma condição.

— Que é...

— Você jantar comigo novamente, esta noite.

— Isso dificilmente será possível, não é? Se você dirige na velocidade normal de seu carro, estará milhas na minha frente esta noite.

— É verdade. Mas acontece que tenho um encontro em Valência que deverá durar pelo menos uma hora, ou mais. Há um bom hotel alguns quilômetros antes de chegar a Alicante. Na alta estação, é essencial fazer uma reserva, mas não estarão completamente cheios nesta época do ano. Na velocidade que estive dirigindo esta manhã, você chegará lá com bastante tempo para poder descansar antes de nos encontrarmos para jantar, e depois eu a levarei para conhecer um pouco de Alicante.

Sophie hesitou. Deveria ser recatada? Deveria deixá-lo esperar um pouco?

Sempre achou que, quando uma moça gostava muito de um homem, era estúpido e sem sentido disfarçar. *Moçuela de Bores... pusome en amores*. Carlos não estava tentando esconder que gostava dela. Por que fingir que ela não retribuía o sentimento?

— Neste caso, adorarei jantar com você — disse-lhe ela. — A sra. Hellington diz que você está no negócio hoteleiro. Está me recomendando que eu fique num de seus próprios hotéis?

Ele riu, e sacudiu a cabeça negativamente.

— Não tenho nenhuma propriedade nesta costa, só no sul. Mas o gerente atual do Miramar costumava trabalhar para mim, portanto posso lhe prometer todas as atenções para o seu conforto.

— Um outro exemplo de assobios e flautas — disse Sophie. — Estava planejando ficar num *camping* espanhol. Foi assim que Kate e eu viajamos pela França.

— Acampar é excelente para estudantes e para famílias que querem férias mais baratas e mais cheias de aventuras do que uma viagem de promoção — disse Carlos, sacudindo os ombros. — Mesmo os *campings* mais organizados são barulhentos e tumultuados demais para se ter conforto. O melhor lugar para se ficar na Espanha são *osparedores* que pertencem ao governo. São iguais aos melhores hotéis, mas cobram preços extremamente moderados. Alguns deles ficam em prédios que uma vez foram palácios reais.

Mesmo sem o efeito soporífero do vinho, o almoço delicioso, o conforto da cadeira reclinável, o ar do mar e o calor cada vez mais intenso fizeram com que Sophie tivesse muita vontade de cochilar, enquanto tomava a segunda xícara de café.

Carlos não demonstrava nenhum sinal de sono, apesar de, como concessão ao brilho da luz, ter colocado óculos escuros. Parcialmente escondendo seus olhos ingleses, eles acentuaram sua hereditariedade espanhola, e o ar mouro, ainda muito forte depois de duas gerações.

— Você tem pés muito charmosos, Sophie. Os dedões da maioria das mulheres são deformados pelo uso de sapatos apertados. Não está com calor, nesse roupão de praia? Se o tirar, o seu biquini secará até sairmos daqui.

— Sim, você tem razão. — Ela sentou-se e tirou o roupão azul. Em seguida, desejou não ter feito isso. Seu biquini não era particularmente pequeno, e ela normalmente não ficava constrangida. Mas Carlos, ao contrário de muitos homens, não era malicioso. Seu interesse pelo esguio corpo dourado de Sophie era tão aberto quanto fora o estudo de seus pés, e a fez sentir-se tímida o suficiente para dizer rápido:

— Acho que vou nadar mais um pouco. E você?

— E muito cedo, depois do almoço. Podemos andar, se você quiser. — Ele pulou da cadeira, e esticou a mão para ela.

O barulho dos carros na estrada tinha diminuído, pois já eram quase duas horas da tarde e a *siesta* já começara. Sem o ruído dos carros, e sem nenhum hotel alto ou prédios novos de apartamentos à vista, pois esta parte da costa ainda era muito subdesenvolvida, a praia se tornara tão cheia de paz e particular como toda a costa leste devia ter sido antes que milhões de nortistas à procura de sol tivessem começado a atravessar a fronteira.

Andando pela areia quente, Sophie lembrou-se das tardes de inverno quando, agasalhada contra o vento frio e a espuma das selvagens ondas do canal, ela caminhara pela praia embaixo de Cliff Court, sonhando com esse homem. Agora, aqui estava ela, de mãos dadas com ele. E esta noite ele lhe mostraria os cenários de Alicante e lhe diria o significado do poema.

— Você precisa arrumar um chapéu — disse Carlos. — O sol espanhol pode causar dor de cabeça às pessoas que não estão acostumadas com ele.

— Sim, e estragará meu cabelo se eu não tiver cuidado — disse ela, tirando o elástico e sacudindo a cabeleira castanho-acinzentada.

Ele parou, e puxou-a para seus braços.

— Seria uma pena. Agora, o seu cabelo parece seda.

Ela pensou que ele a beijaria novamente. Mas, depois de segurá-la perto de si por alguns momentos, ele a soltou e disse secamente:

— E melhor voltarmos às nossas viagens.

Sophie ainda estava de biquini quando o carro branco partiu rapidamente para o sul, logo perdendo-se de vista na onda de calor que embarçava a estrada. O interior de seu próprio carro estava um forno, enquanto ela vestia as roupas que estivera usando antes. Mas com o carro em movimento e todas as janelas abertas, o calor não era mais insuportável.

Chegou ao hotel que Carlos lhe recomendara duas horas antes do encontro. Seu quarto dava para os jardins cheios de sombras de palmeiras, e mais além, para o Mediterrâneo. Lavou os cabelos no chuveiro, e depois sentou-se, enrolada numa toa-lha de banho, secando-o preguiçosamente com o secador portátil, e pensando em Carlos Walsingham.

Um pouco mais tarde, excitada demais para ficar lendo, desceu para comprar alguns selos espanhóis. Estava de pé ao lado de uma estante giratória, escolhendo cartões postais coloridos, quando Carlos entrou. Carregava uma mala, e foi só então que ela se deu conta de que ele também se hospedaria no Miramar. Por alguma razão, tivera a impressão que ele passaria a noite num hotel em Alicante.

— Alô, novamente — disse ele, sorrindo. — Terminei meus negócios mais cedo do que esperava.

Enquanto preenchia a ficha de registro, um espanhol saiu de uma sala ao lado da entrada. Os dois homens se cumprimentaram cordialmente, e Carlos apresentou o espanhol a Sophie. Era o gerente, e falava inglês. Depois de trocar um ou dois comentários convencionais com ele, Sophie afastou-se para pagar os cartões-postais.

Escutando-os distraidamente, Sophie ouviu o espanhol comentar:

— Mas você, Carlos, você ainda está determinado a manter sua liberdade, é? Há quanto tempo já tem essa bela criatura em suas garras? E por quanto tempo mais ela apreciará a sua generosidade? Não mais do que algumas semanas, suponho?

— Você exagera, Jorge. Não sou um mulherengo inveterado. Mas se uma moça está procurando uma aventura, e se joga na minha direção, o que você quer que eu faça? Não sou tão diabólico quanto pensa, meu amigo, mas também não sou nenhum santo, e como você próprio disse, ela é charmosa. Você nos deu quartos conjuntos, é claro?

— É claro, e não resta dúvida de que não passará muito tempo até que a porta que os liga seja destrancada, seu sortudo!

— Sem comentários.

Carlos foi até onde Sophie estava, e colocou uma mão sobre seu ombro. Em inglês, disse:

— Dê-me quinze minutos para tomar um chuveiro, e em seguida me juntarei a você para tomarmos um drinque no terraço, e pensarmos em como vamos passar a noite.

Aparentemente, o rosto dela não expressou nenhum de seus sentimentos. Sem esperar pela sua resposta, ele lhe deu uma palmadinha e desapareceu no elevador.

CAPÍTULO II

Sophie passou a noite embaixo de palmeiras altas, nas redondezas de uma cidade do interior chamada Elche. Pretendia achar um hotel, até que viu o sinal indicando um *camping* ali por perto. Era mais fácil seguir a seta do que se aventurar no centro da cidade. Por ser tão cedo no ano, havia bastante lugar no *camping*, até mesmo para alguém que chegasse tão tarde.

Estacionou o carro o mais longe possível dos outros. A caminho do banheiro, onde queria escovar os dentes, jogou o resto dos cravos numa lata de lixo. De volta no carro, fechou as cortinas, tirou a roupa, e deslizou para dentro do saco de dormir. Em seguida, enterrou o rosto no travesseiro, e chorou pela tola mas linda ilusão que Carlos quebrara em pedaços irreparáveis.

— Não há nada melhor do que o velho ditado: "Ir cedo para a cama, e levantar-se cedo de manhã", não é? — disse um alegre rapaz do interior, vestido com um blusão largo e bermudas cor de terra, ao passar por Sophie a caminho do banheiro, às seis horas da manhã do dia seguinte.

Quando ela viu sua imagem no espelho em cima da pia, um pequeno sorriso carrancudo apareceu em seus lábios. Era difícil imaginar um rosto mais brilhante, logo de manhã.

A noite passada, ela estivera aborrecida e exausta demais para se incomodar em retirar a maquiagem. Agora, suas pálpebras estavam não só inchadas, do longo acesso de choro sufocado, mas rodeadas de rímel borrado.

Sua aparência ficou melhor depois de ter se lavado, e ela se sentiu melhor depois de duas aspirinas e uma xícara de café forte, feito num fogareiro portátil a gás. Sabia que levaria muito tempo para recuperar-se do choque, da dor e da humilhação da véspera.

Sendo essencialmente um *camping* de passagem, e não um para se ficar mais tempo, lá pelas dez horas da manhã o El Palmeral estava deserto, a não ser por um trailer, uma grande barraca azul, e o carro de Sophie.

Ela passou parte da manhã deitada ao sol, perto da piscina do *camping*.

Estava pensando em passar o dia se recuperando, e até em cancelar o seu compromisso de verão com um telegrama. Acharia o caminho de volta para a fronteira, e procuraria algum outro emprego em alguma parte da Europa onde teria pouca possibilidade de encontrar Carlos Walsingham.

Mas começou a se dar conta de que não poderia deixar de cumprir o seu compromisso com Piet Veenveld, e mesmo que não tivesse nenhuma obrigação, seria tolo perder tudo que a Espanha tinha para oferecer só porque um don-juan meio espanhol fizera-a de boba. Não, isso não era verdade, pensou. "Eu tive a louca vaidade de acreditar que um homem como Carlos, muito rico, além de muito atraente, pudesse se apaixonar por mim à primeira vista. O que ele disse ao seu amigo Jorge era verdade. Do ponto de vista dele, eu realmente parecia estar me jogando aos seus pés. Como podia saber que, para mim, ele não era um estranho?"

Ela discutia com ela mesma. Estava pronta a admitir que a maior parte da culpa do acontecimento de ontem era dela; mas Carlos era inocente? Pelo que ouvira, um espanhol nascido e criado ali poderia ser desculpado por supor que uma moça que estivesse viajando sozinha no estrangeiro, uma moça que saísse para jantar com um homem que não conhecia não tivesse o caráter moral dos mais altos. Mas Carlos, filho de inglês, educado na Inglaterra, não tinha desculpa para confundir uma moça aventureira com uma aventureira. Mais ainda se ele era tão experiente quanto as pessoas diziam, já era tempo de aprender a distinguir entre uma moça que estava pronta a lhe dar seu coração e uma que estava simplesmente querendo ir para a cama com ele.

"Uma moça de Bores... fez com que eu me apaixonasse. Eu pensei que o amor tinha me esquecido..."

Que moça, tanto espanhola como inglesa, lendo essas linhas, não pensaria que o homem que as enviara tinha intenções muito mais sérias do que um simples caso?

A tarde, dormiu na parte traseira do carro. Quando acordou, alguns novos campistas haviam chegado. Depois de um chuveiro, foi dar um passeio pela rua fora dos portões do *camping*. Não muito longe, havia um outro portão numa parede alta que rodeava uma plantação comercial de palmeiras. Sophie comprou um quilo de tâmaras numa loja perto da entrada. O dono da loja lhe disse que Elche tinha as únicas florestas de palmeiras frutíferas na Europa. Ao experimentar uma tâmara, ela se lembrou que já fazia quase trinta horas desde sua última refeição.

Felizmente, o *camping* tinha um pequeno restaurante. Depois do jantar, como só a metade das mesas estava ocupada, pediu um copo de conhaque espanhol para tomar com café, e começou a ler o livro sobre a Alhambra, que o avô lhe dera de aniversário.

Às sete horas da manhã, no dia seguinte, ela prosseguiu na última parte de sua viagem, determinada a tirar da cabeça tudo que acontecera desde sua chegada.

Era mais fácil pensar do que fazer, foi o que descobriu enquanto dirigia através do campo sinistro e deserto entre Vera e Almería. Esperava não ter o azar de o carro enguiçar nessa região árida e sem sombras, de desfiladeiros destruídos por erosão, quando um olhar no espelho retrovisor fez com que sua garganta se contraísse. Aproximando-se rapidamente atrás dela, vinha um longo e baixo carro branco.

Quando a ultrapassou e sumiu numa nuvem de poeira, ela começou a tremer de alívio. Não chegara a ver o motorista, mas vira que tinha placa suíça.

Em Almería, a estrada voltava a margear a costa e ela ficou contente de ver o Mediterrâneo novamente, e de saber que no fim da tarde já teria chegado.

Em Aguadulce, o pequeno lugar de veraneio onde parou para o almoço, ela passou por mais um momento de susto.

Estava sentada no carro, debaixo da sombra de um bloco de apartamentos, terminando de comer as tâmaras que comprara em Elche, quando um homem saiu do prédio e olhou em sua direção.

Por um instante, pensou que fosse Carlos. Em seguida, apareceu uma mulher e ele falou com ela, e Sophie pôde ver que tinha dentes cheios de obturações de ouro, e que usava um relógio ostentador de ouro, e vários anéis. Não era nem um pouco parecido com Carlos.

"Se vou ficar pulando de susto cada vez que vir um homem com cabelos pretos, logo estarei uma pilha de nervos", pensou, aborrecida.

Alguns minutos depois das cinco, ela dirigiu para a entrada do *camping* Torre del Moro, onde moraria e trabalharia até o fim de setembro.

— Sophie! Não esperávamos vê-la tão cedo — exclamou a jovem loura que estava pendurando um *póster* com o anúncio de dança flamenca, quando Sophie se aproximou do quiosque da recepção.

— Alô, Margriet. Como vai? Vocês não se incomodam por chegar um ou dois dias mais cedo?

— De maneira alguma; quanto mais cedo, melhor. Há muito o que fazer, apesar de o *camping* ainda não estar muito cheio, como você deve ter notado — disse Margriet Veenveld, em inglês excelente. — Ah, aí vem Piet.

Como sua mulher, Piet Veenveld, o gerente do *camping*, tinha cabelos claros e olhos azuis. Tinha deixado crescer uma barba grossa e encaracolada, desde que Sophie o vira da última vez, e estava usando uma alegre bermuda. Tanto ele como Margriet estavam intensamente bronzeados.

— Sophie, é bom vê-la aqui! Fez boa viagem? O que achou da Espanha, até agora? Imagino que esteja cansada, hein? Sente-se, arranjarei algo para beber.

— O que preciso é de exercício, Piet, e não ficar sentada. Estou louca para nadar. Posso?

— É claro. Margriet, leve-a até a piscina. Cuidarei das coisas por aqui.

— Há uma praia no outro lado do morro, para os campistas, mas nós temos permissão para usar a piscina particular, quando não há ninguém na torre — explicou Margriet, acompanhando Sophie até o carro para pegar suas roupas de banho.

Ela apontou para a torre do relógio no promontório cuja vista dava para o *camping*.

— Pertence a um marquês e sua família, mas acho que é só uma de suas casas de veraneio. No último verão, estiveram aqui por alguns dias. E mais tarde, alguns de seus amigos ficaram aqui por duas semanas. O resto do tempo, esteve vazia.

Quando Sophie destrancou o carro, a moça holandesa acrescentou:

— Você pode se trocar na sua barraca. Espero que não ache que é pequena demais para ser confortável. Está num lugar bonito e com sombra, não muito perto dos apartamentos. Na alta estação, recebemos muitas reclamações sobre o barulho que vem dos apartamentos. Algumas vezes há festas que vão até as duas ou três horas da manhã, e os campistas ficam muito aborrecidos pois a maioria deles gosta de dormir cedo e levantar cedo.

Logo depois de ter se trocado, as duas se dirigiram para o caminho de pedrinhas que ia do promontório até a praia usada pelos campistas. No lado da torre moura que não dava para o mar, uma área de terra fora fechada por uma parede alta, caiada de branco. Pegando uma chave da bolsa de praia, Margriet abriu uma larga porta de ferro, e acenou para Sophie entrar. A cena com a qual os olhos de Sophie depararam teria causado uma exclamação

muda de alegria em qualquer circunstância, e o fato de ela estar com calor e cansada da viagem acentuou sua reação.

— Oh, Margriet... que divino! — olhou com surpresa, encantada com a piscina octogonal de azulejos brancos, com água lisa como vidro, refletindo o céu, no centro do pátio florido e cheio de folhas. Todos os botões e plantas estavam crescendo em grandes vasos arrumados em grupos no chão de azulejos coloridos. No centro da piscina, erguia-se uma fonte pequena, mas elaborada. Quando Margriet apertou o botão escondido entre as folhagens da parede, sete jatos d'água apareceram, jogando água para o alto, na direção do ar ensolarado, e as três bacias rasas começaram a soltar jatos da cor do arco-íris.

— Se esta casa fosse minha, eu viveria aqui o ano todo — comentou Margriet, meia hora mais tarde. Elas estavam sentadas na beira da piscina, com os pés na água, olhando o jogo de águas da fonte. — Mas talvez suas outras casas sejam ainda mais atraentes do que esta.

— Como ela é por dentro? — Perguntou Sophie, estudando a torre.

— Cheia de móveis e quadros maravilhosos e lindos tapetes antigos da região de Alpujarra, do outro lado dos morros, entre a costa e a cidade de Granada — respondeu Margriet. — A torre tem ar condicionado para que nos meses muito úmidos, nada se estrague. Um jardineiro vem todas as manhãs cuidar das plantas, e uma mulher mantém a casa sempre pronta. O marquês deve ser muito rico. Imagine ser casada com alguém assim!

— Ele é casado? — perguntou Sophie.

— Oh, sim! Tem quatro ou cinco filhos. A marquesa é jovem e muito atraente. Mas é muito mais velha. Ele é baixo e muito gordo, e... ela procurou a palavra certa — e careca. Portanto, acho que prefiro viver com Piet numa barraca.

Sophie jantou com os Veenveld, aquela noite. Como não queriam deixá-la ajudar a lavar a louça, ela sentou-se numa espreguiçadeira, fora da barraca, de onde podia ver a Torre del Moro, que guardara o promontório durante tantos séculos, iluminada pela lua.

No dia seguinte, ela começou a trabalhar. Passou a primeira manhã seguindo Piet pelo *camping*, e conhecendo os empregados locais, incluindo o jovem casal espanhol que limpava os banheiros; o velho Pepe, que era jardineiro e faxineiro; as pessoas que tomavam conta das lojas do *camping*; o cozinheiro, o homem do bar e os garçons do restaurante.

A tarde, enquanto Piet foi até a piscina particular para nadar e tirar uma soneca, Sophie sentou-se no quiosque da recepção com Margriet, e ouviu alguns dos problemas dos campistas, com os quais teria que lidar. No começo da noite, Margriet a levou para Almunecar, a cidade mais próxima que chegava a ser uma cidade, para ver o *passo* noturno. Todas as pessoas locais que não estavam mais trabalhando andavam pelas ruas para verem e serem vistas.

No final da semana, ela já havia aprendido a rotina do trabalho, apesar de ainda ter dificuldade para entender qualquer pessoa que tivesse sotaque andaluz forte.

Já estava no *camping* havia três semanas, quando a mulher que limpava a torre disse a Margriet que alguns amigos do marquês chegariam aquela noite, e ficariam durante dois dias.

Durante esse tempo, os Veenveld e a *señorita* inglesa teriam que nadar na praia.

Na manhã seguinte, Sophie saiu para seu agora habitual banho de mar, antes do café da manhã. Piet e Margriet não gostavam da praia. E ela concordava que a cor e a textura da areia eram um choque para qualquer pessoa que esperasse encontrar na Costa do Sol milhas e milhas de areia dourada, fina como pó. E o mar, também, não era para banhistas tímidos. Mas, para ela, a transparência do Mediterrâneo e a fascinação de olhar os peixes com a máscara e tubo de ar compensava todas as outras deficiências. Gostava também do bar da praia, com as mesas e cadeiras da lado de fora, num anexo cercado, sob um toldo. O bar era dirigido por um inglês chamado Mike, muito simpático com os campistas, mas educado apenas com os Veenveld ou com Sophie.

Quando passou pela porta do jardim cercado, ouviu o som de movimentos na água, no lado de dentro. Parando um instante, ouviu uns gritos femininos de zombaria, seguidos por uma risada masculina e mais barulho de água violentamente jogada. Sophie sorriu. Talvez os convidados do marquês estivessem em lua-de-mel.

Parada ali, sentindo a felicidade despreocupada do casal brincando na piscina, ela foi subitamente tomada pela consciência aguda de sua própria infelicidade. Consequira esconder esse sentimento de Piet e Margriet, e tentava não pensar no assunto. Mas algumas vezes não conseguia evitar.

A essa hora da manhã, o bar de Mike ainda estava fechado e trancado com cadeado. A praia estava deserta, com exceção da mula branca e esquelética que algumas vezes, para preocupação de Sophie, era deixada ali, abandonada, sem sombra ou água.

Ao ver Sophie, a criatura começou a zurrar, seus gritos altos ressoando entre os promontórios de rochas. Ela calou o animal com pão e cenouras. Alguns momentos mais tarde, estava flutuando no mar quente, olhando um cardume de peixes listrados. Quando saiu do mar, empurrou a máscara para cima dos cabelos, e subiu com dificuldade pelo monte de pedregulhos onde havia deixado as sandálias. Calçou-as, e caminhou penosamente pela praia, olhando a mula e imaginando quem era seu dono. — *Momento, señorita, por favor!* O pedido, vindo das rochas em cima dela, a assustou. Mas um outro choque, ainda maior, estava por acontecer. O homem que a estava olhando carrancudo da beirada das rochas era Carlos Walsingham.

Por alguns momentos, Sophie ficou com a língua presa. Enquanto permanecia paralisada, atônita, Carlos desceu pelo lado liso do promontório íngreme. Pulou os últimos metros, e veio parar a alguns centímetros dela.

— Então nos encontramos novamente. — Ele foi frio. — Não esperava encontrá-la aqui. Mas surpresas são a sua especialidade, não? Você aparece inesperadamente, e desaparece ainda mais inesperadamente.

— A minha partida do Hotel Miramar pode ter sido inesperada para você. Acontece que entendo espanhol, e não gostei do tom da sua conversa com o *señor* Garcia. Você estava errado em presumir que eu estava me "jogando" em sua direção, almejando "apreciar a sua generosidade" pelo período de tempo em que conseguisse mantê-lo interessado. Não sou um brinquedo, sr. Walsingham, e não gosto de homens que vêem assim as mulheres.

Quando fez menção de passar por ele, Carlos segurou-a pelo braço.

— Por que não me disse aquele dia? Seria muito mais sensato do que desaparecer sem explicação.

— Você estava preocupado? — perguntou Sophie, cortando-o. — Virou o mundo procurando por mim?

— É claro que a procurei. Pensou que quando eu descobrisse sua fuga levantaria os ombros e deixaria as coisas assim?

— Não me surpreenderia. Quer tirar sua mão do meu braço, por favor?

— Muito bem, mas não tente ir embora, porque eu a impedirei.

— E você me pergunta por que deixei o Miramar sem nenhuma explicação!

Teve a satisfação de ver que esse ataque atingira o lugar certo. Agora ele sabia como ela se sentiu, ouvindo a conversa dele com Jorge Garcia.

Mas, apesar de o queixo enrijecer-se por um instante, e os olhos cinza parecerem momentaneamente zangados, sua raiva desapareceu tão rapidamente quanto surgiu.

— Espera mesmo que eu acredite que você pensou que a forçaria a qualquer coisa, mesmo tendo me dito que não compactuava com as minhas atenções?

— Eu já tinha tido uma advertência desagradável, e não estava inclinada a arriscar uma pior.

Um movimento nas rochas acima deles e um brilho de cores vivas fez com que ambos olhassem para cima. Uma moça estava descendo, para juntar-se a eles. Tinha longos cabelos pretos, trançados numa só trança lustrosa, e seus braços e pernas eram da cor das peles morenas quando estão bronzeadas, diferente do tom claro de Sophie. Estava usando shorts amarelos, e uma camiseta branca com um grande girassol na frente.

Quando alcançou a rocha da qual Carlos havia pulado, ele foi ajudá-la a descer. Abaixando-se, ela colocou as mãos sobre seus ombros fortes. Com um movimento rápido, ele a transferiu da rocha para a areia pedregosa.

— *Buenos días, señorita!* — A moça sorriu para Sophie, e fez uma reverência.

Era alta, mas não tinha mais do que doze anos. O girassol adornava um peito quase tão chato quanto o de um menino, mas, mesmo assim, era muito feminina. Usava pérolas minúsculas em suas orelhas furadas, e esmalte incolor em suas unhas curtas mas bem-cuidadas. Era só uma questão de tempo até que seu corpo alcançasse a beleza já extraordinária de seu rosto.

Carlos apresentou-a.

— Mariluz é a filha mais velha dos donos da torre. Esta é a srta. Lingwood, *chica*.

— Como vai, srta. Lingwood? — disse a menina em inglês, estendendo a mão.

Sophie trocou um aperto de mãos com ela. Em seguida, virou-se para Carlos e disse secamente:

— Tenho que ir, senão me atrasarei para o café da manhã. De qualquer maneira, não há nada mais para discutirmos. Até logo, *señor*.

Depois do café da manhã, Piet lhe pediu que fosse ao banco em Almuñecar, para depositar algum dinheiro. Quando voltou, havia vários recém-chegados para serem acomodados.

Foi só na hora do almoço que Margriet lembrou que tinha algumas novidades para os outros dois.

— Fomos convidados para jantar na torre, hoje à noite, Piet. Um dos hóspedes lá é Carlos Walsingham. Ele esteve no *camping* esta manhã, mas viu que eu estava ocupada, e não ficou muito tempo. Você também está incluída no convite, Sophie. Expliquei a ele que os Kuyper não estão nos ajudando este ano porque Sonja está esperando um bebê, e contei-lhe sobre Sophie e o jovem homem que deve chegar na semana que vem. Carlos perguntou muitas coisas sobre você, Sophie. Ele é um homem muito atraente. Vocês dois poderiam se divertir juntos, acho.

— Conheci o sr. Walsingham na praia, esta manhã. Não gosto dele — disse Sophie, simplesmente. — Tenho alergia a homens do tipo dele. Não quero ir ao jantar, Margriet. Você pode muito bem dizer que estou com dor de cabeça, dor de dente, ou alguma outra coisa.

A moça holandesa pareceu muito surpresa.

— Sophie, você não quer realmente dizer isso, não é? Nenhuma moça poderia não gostar de Carlos. Eu o acho charmoso. Se ele já a conhece, isso explica sua curiosidade sobre você. Não pareceu nem um pouco interessado em Sacha, mas parece que você lhe causou uma boa impressão.

— Estou certa de que se engana, Margriet. Mas, de qualquer forma, não gosto dele, e não quero vê-lo outra vez.

— Isso cria uma situação um pouco difícil, Sophie — disse Piet, olhando-a pensativamente.

— Veja bem, Carlos Walsingham é o dono deste *camping*. Provavelmente, é o menos importante e lucrativo de todos os seus empreendimentos, mas no ano passado ele fez várias visitas inesperadas para verificar se tudo estava correndo bem. Geralmente ele fica em Almuñecar, e não na torre, apesar de ter alguma relação familiar com o marquês.

— Ele é o dono do *camping*! Pensei que pertencesse ao marquês.

— Não, não, só a torre e a terra em volta dela são propriedades do marquês. O resto pertence a Carlos Walsingham, inclusive os apartamentos de veraneio, que são alugados, na maioria, para pessoas de Granada.

— O que significa que Carlos é o nosso patrão — acrescentou Margriet. — E não se deseja ofender o patrão, se pode ser evitado. Seja lá o que você sente por ele, Sophie, seria tolo perder um bom jantar, e a oportunidade de ver todas as coisas bonitas dentro da torre. Há muitos livros — acrescentou, sabendo alguma coisa do interesse de Sophie em capas finas e livros raros.

Não foi este último comentário que fez Sophie mudar de idéia, mas sim a consciência de que Margriet e Piet estavam verdadeiramente preocupados com a possibilidade de ela ofender o homem que era a origem de seus salários.

Mais tarde, ela quis saber com Margriet:

— Vocês na certa têm um contrato, não é? Carlos Walsingham não pode despedi-los por simples capricho, pode?

— Oh, claro! Temos um contrato, e eu tenho certeza de que ele não é homem de quebrar um acordo, mesmo quando não escrito, sem ter ótimas razões para isso — respondeu a moça holandesa. — Mas, se estiver satisfeito conosco como gerentes no final da segunda estação que trabalhamos aqui, quem sabe o que pode oferecer a Piet? Queremos ficar na Espanha. Eram nove e meia quando Piet e as duas moças seguiram pelo caminho que levava à torre. Piet vestira um terno, e Margriet estava usando uma blusa fina de babados, uma saia longa florida, e jóias com muito brilho. Ambos haviam olhado um pouco duvidosamente para o vestido de Sophie, que era simples, de gabardina de algodão branco, com o qual ela combinou sandálias vermelhas e uma longa corrente de ouro dando a volta duas vezes no pescoço. O lenço e o batom estavam dentro de uma pequena bolsinha de moedas, vermelha; e o cabelo, preso na base da nuca, com uma fivela discreta de tartaruga.

Não havia ninguém no pátio iluminado pela lua, quando Piet abriu a porta e ficou de lado para que as moças o precedessem. Mas, quando ele bateu na porta da torre, só houve um intervalo breve antes de ser aberta por Mariluz. Quando a menina espanhola os levou para a sala do primeiro andar, Sophie se deu conta que quando a torre fora transformada numa casa, uma nova parede fora construída ao longo do diâmetro. Do lado que dava para o mar ficavam os quartos, enquanto o lado que dava para a terra era ocupado por uma fileira de galerias ligadas por degraus crescentes de escadas. Ambas as escadas e as galerias eram guardadas por magníficas balaustradas de ferro.

Do *camping*, como também da praia, a torre parecia ter somente algumas janelas pequenas, gradeadas com metal pesado. Mas, quando Sophie entrou na sala, viu que do lado do mar a parede grossa fora furada por uma janela maior, invisível para qualquer um que olhasse da terra.

A janela, que dava uma impressão geral de cores e textura ricas, foi tudo que ela teve tempo de notar antes que Carlos se aproximasse dela. para um aperto de mãos, e para apresentá-la a uma senhora mais velha, muito elegante, que, para surpresa de Sophie, foi apresentada como sra. McKinlay.

Só quando desceram para a sala de jantar, Sophie soube por que, apesar de seu sobrenome escocês, a sra. McKinlay parecia e se vestia como uma francesa, mas era chamada de tia Jacinta, por Carlos.

Enquanto os dois homens estavam discutindo a direção do *camping* e Margriet conversava com Mariluz, a sra. McKinlay voltou-se para Sophie:

— Carlos me contou que esta é sua primeira viagem à Espanha, srta. Lingwood, mas que tem um bom domínio da língua. Como pode ser isso?

Sophie explicou, acrescentando:

— Mas tenho muita dificuldade em entender o sotaque andaluz. Um brilho de saudade veio aos olhos grandes e escuros da sra. McKinlay.

— Tive o mesmo problema anos atrás, logo depois que me casei. Minhas irmãs e eu tivemos uma governanta inglesa entre as muitas que passaram por nós, mas por muito tempo depois do meu casamento eu não conseguia entender os acentos escoceses dos empregados da casa da minha sogra, perto de Dundee.

— Imagino que a senhora demorou a acostumar-se com o clima escocês, não?

— Creio que demoraria se tivéssemos morado lá. Mas o meu' marido estava no serviço diplomático, e nosso primeiro lar foi na China. Agora, ele já está aposentado, é claro, e depois de termos passado nossas vidas viajando, temos vontade de nos estabelecermos num canto tranquilo da Escócia. Porém, o último inverno foi excepcionalmente severo, e há algumas semanas, quando ainda estava muito frio, senti uma vontade repentina muito grande de ver Andaluzia na primavera, mais uma vez. No momento, estamos hospedados com os pais de Mariluz. Quando Carlos chegou e mencionou que dirigiria pela costa desde San Pedro até Motril, achei que seria interessante ver com meus próprios olhos a grande mudança trazida pelo turismo. Meu marido achou que a viagem seria cansativa demais para ele; portanto, a querida pequena Mariluz ofereceu-se para vir e me fazer companhia quando Carlos está ocupado com assuntos de negócios.

— Mariluz é a sua neta?

— Não, minha sobrinha-neta. A mãe dela é uma das crianças de minha irmã mais jovem, e o pai dela e a mãe de Carlos são primos. As ramificações das famílias espanholas são muito complexas — acrescentou, sorrindo. — A senhorita faz parte de uma família grande, srta. Lingwood?

Sophie ia começar a explicar que era filha única, quando mudou de idéia e disse apenas:

— Não, não.

Era contra a sua natureza não ser comunicativa com uma pessoa de quem gostava. Mas tinha certeza de que qualquer informação que passasse para a sra. McKinlay chegaria a Carlos e, no que se relacionava com ele, ela queria manter uma reserva impenetrável.

— De que parte da Inglaterra a senhorita vem? — perguntou a sra. McKinlay.

— Sussex. — Sophie evitou mais perguntas, perguntando à sra. McKinlay de que país, dentre os quais ela vivera, gostara mais.

O café foi tomado na sala, e não muito mais tarde Mariluz disse boa-noite.

— Gostaria de ver o meu quarto, srta. Lingwood? — perguntou ela.

Estava tão ansiosa para mostrá-lo que Sophie não pôde recusar. Havia três dormitórios de adultos no andar em cima da sala, e dois dormitórios para crianças, no terceiro andar.

— Quero dormir no sótão, mas tio Carlos não quer deixar — disse Mariluz, tristemente. — Eu gostaria de vir para cá mais vezes. Gosto de nadar, mas os outros gostam de montar a cavalo.

— Por que você não está na escola? — perguntou Sophie.

— Temos aulas em casa, com *mademoiselle* St. Just. Meu irmão Joaquin frequenta a escola na Suíça, e Esteban irá quando tiver treze anos. Mas mamãe acha que é melhor as meninas ficarem em casa. A senhorita foi para a escola, srta. Lingwood?

— Sim, mas não para um internato. Frequentei a escola na cidade onde cresci. Posso ver seus livros? — perguntou, indicando uma prateleira embutida para livros e brinquedos.

Enquanto Mariluz se preparava para dormir, conversando, Sophie lançou um olhar experiente às várias prateleiras cheias de livros. Será que Carlos gostava de livros quando estava na escola? Se tivesse que adivinhar, diria que foi um menino inquieto e enérgico demais para ter um passatempo como a leitura.

Houve uma batida na porta, Mariluz gritou *adelante!*, e Carlos entrou no quarto:

— Achei que você gostaria de ver a vista do teto, Sophie. Mariluz virá conosco. Você não correrá nenhum perigo — acrescentou ele, com um tom de zombaria.

— Oh, sim, não precisa ficar nervosa — assegurou-lhe a criança. — O parapeito faz com que seja impossível cair.

O acesso ao teto era feito através de «ma escada íngreme de degraus de madeira, do outro lado do andar. O alçapão estava trancado e aferrolhado. Depois de destrancá-lo, Carlos o empurrou para cima e subiu para o teto. Em seguida, virou-se para ajudar Sophie.

— Obrigada. — Ela tirou seus dedos da mão dele o mais rápido possível e afastou-se.

Daquela altura, o bloco de apartamentos cuja vista dava para o *camping* parecia muito pequeno. Na direção oposta, era possível ver as luzes agrupadas de Almuñecar, a distância.

— A pedra ainda está quente — murmurou Sophie, descansando seus cotovelos em cima do parapeito, e olhando para baixo, na direção do mar calmo, tão longe dessa distância.

A seu lado, Mariluz olhava para as estrelas, os longos cabelos, já não mais trançados, caindo sobre os ombros. Sua camisola chegava até os tornozelos, as pregas macias caindo de uma pala com renda em volta dos braços e do pescoço.

— Por que você não me deixa dormir aqui, tio? — perguntou ela. — O que poderia me acontecer?

— Nada, mas não acho que seus pais aprovariam; e como você não descansou esta tarde, e eu sei que isso não agradaria a sua mãe, já é hora de estar na cama, *chica*.

Mariluz não discutiu.

— Boa noite, srta. Lingwood.

Mas Sophie não tinha nenhuma intenção de ser deixada no teto da torre com Carlos.

No corredor, fora de seu quarto, a menina trocou um aperto de mãos com Sophie, e repetiu a reverência respeitosa que fizera aquela manhã. Em seguida, Carlos abaixou a cabeça e ela ficou na ponta dos pés para beijar seu rosto.

De certa forma, para sua surpresa, ele não fez nenhuma tentativa de recomeçar a conversa interrompida na praia, mas desceu as escadas em silêncio. Sentiu que olhava para ela, e tinha certeza de que sabia que ela não tinha querido vir ao jantar. E se divertiu com o contraste entre seu comportamento desta noite, e o calor sem reserva em Barcelona.

Na galeria, fora da sala, ele disse:

— Se você quiser se juntar a nós para o café da manhã, será muito bem-vinda.

— Obrigada, mas realmente prefiro banhos de mar. — Ela entrou na sala com alívio.

Porém, sua descontração foi temporária, pois a única pessoa que estava lá era a sra.

McKinlay, usando um par de óculos com armação de tartaruga e bordando uma peça fina de Unho esticada num bastidor.

— Os Veenveld tiveram que ir embora cedo — explicou ela, tirando os óculos. — Um mensageiro veio dizer que havia problemas na discoteca. Acho que não é nada sério. Sem dúvida, Piet resolverá o assunto.

— É melhor que eu me vá. Talvez precisem de mim — disse Sophie, imediatamente.

— Não, não vá ainda — disse a sra. McKinlay. — Ele não queria que sua mulher fosse, mas ela insistiu. Acho que estava com dor de cabeça, e ficou contente com a desculpa. Carlos, eu gostaria de tomar um pouco daquele Madeira especial, e talvez a srta. Lingwood também queira experimentá-lo. Venha, sente-se, minha querida! — disse ela, indicando o sofá a seu lado, e recolocando os óculos. — Não se importa se eu continuar com o meu trabalho? Estou bordando um conjunto de guardanapos para dar de presente de casamento, e já estou atrasada. Ah, obrigada, Carlos — disse ela, minutos depois, quando ele colocou um copo de vinho claro na mesa ao lado dela, no sofá.

— Obrigada. — Sophie pegou o copo que ele lhe estendeu. Enquanto observava a sra.

McKinlay, Sophie estava consciente do olhar de Carlos. E, sabendo que ele provavelmente

insistiria em acompanhá-la pela descida do caminho do morro, sentiu um tremor de apreensão.

— Pobre Carlos, você não está achando esse silêncio muito monótono? — perguntou a sra. McKinlay.

— Não, de forma alguma. Como eu poderia achar monótono quando tenho duas mulheres bonitas para olhar?

A sra. McKinlay deu risada.

— Aí fala o filho de Mercedes! O macho exclusivamente britânico não é adepto de elogios.

— Você não tem nada a dizer em defesa de seus compatriotas, Sophie? — perguntou Carlos, olhando-a com um sorriso que Sophie gostara em Barcelona, mas que agora, sabendo que não havia nenhuma afeição nele, ela não gostava e se ressentia.

— É, eu concordo! Eles não sabem ser galantes. Mas acho que é principalmente porque as mulheres inglesas não dão muita importância a discursos bonitos. Muitas vezes, um homem que diz e faz coisas charmosas não é, na realidade, tão simpático e valioso quanto o tipo de homem que não sabe fazer gestos galantes e murmurar frases doces.

— Sim, charme demais pode ser um mau sinal — concordou a sra. McKinlay. — Por outro lado, suspeito sempre dos homens que jamais conseguem dizer alguma coisa bonita a uma mulher. Se Ninian tivesse me presenteado com um conjunto de panelas, e eu sei que isso já aconteceu a algumas esposas, eu teria jogado uma delas nele, e o resto pela janela. Felizmente, meu marido sabe escolher muito bem presentes que me agradam. Ganhei isso no meu último aniversário. Não é bonito? — Perguntou, mostrando a Sophie o pendente de ouro e a caixa de marfim esculpida que o acompanhava.

Quando Sophie disse que precisava ir, a sra. McKinlay acompanhou-a pelas escadas, até o hall.

Depois de trocar um aperto de mãos com a sra. McKinlay, Sophie tentou escapar da provação pela qual sentia que teria que passar.

— Se vai se oferecer para me acompanhar, não é necessário, sr. Walsingham. A luz da lua faz com que seja fácil enxergar o caminho. Estarei lá em dois minutos.

— Pode ser que não precise de acompanhante, srta. Lingwood, mas os meus antecedentes espanhóis se virariam em seus tímidos se eu não insistisse em acompanhá-la até sua porta — respondeu Carlos suavemente. E, para grande apreensão de Sophie, ele vi-rou-se para a tia, dizendo: — Espero que já esteja na cama quando eu voltar, tia. Boa noite. Durma bem. No pátio, seguindo Sophie em volta da piscina, ele disse:

— Sei que houve um tempo em que era costume as esposas chamarem seus maridos de sr. Tal e Tal. Mas você não acha que é um pouco absurdo me chamar de sr. Walsingham quando, não muito tempo atrás, permitiu que eu a beijasse?

— Não sabia que seria meu patrão.

— Não sou. Piet que é.

— O *camping* é seu. Você é o patrão dele.

Eles tinham chegado à porta na parede, mas em vez de abri-la Carlos apertou o botão que ativava a fonte. Sem vontade de demorar-se ali, mas incapaz de ignorar algo tão bonito, Sophie olhou para os jatos brilhantes que se dividiam em mil gotas.

— Na realidade, o fato de eu ser seu patrão, indiretamente, não tem nada a ver com essa sua formalidade fria, não é? — disse Carlos secamente. — A culpa é daquela conversa infeliz entre Jorge Garcia e eu. Imagina o que teria acontecido se você não a tivesse ouvido, ou se não pudesse entendê-la?

— As consequências teriam sido as mesmas, com a única diferença que eu teria deixado o Miramar mais tarde do que deixei, e teria passado a noite num lugar diferente.

— Mas talvez não achasse necessário partir. Não, espere um momento. Acabe de me ouvir.

Quando ela se virou para abrir a porta, ele esticou o braço e segurou-a com a mão esquerda. Foi só um gesto simbólico, mas ela adivinhou que ele não teria escrúpulos em manter a porta fechada à força se fosse necessário.

— Não tenho muita escolha — disse ela, sacudindo os ombros.

— Digamos que tivéssemos jantando no Hotel Carlton, em Alicante, e depois dançado por uma hora ou duas, e que, em seguida, eu a tivesse levado de volta para o Miramar e começado a fazer amor com você. Teria deixado o hotel, então? As duas da manhã? Ou teria dito não firmemente, e trancado sua porta, indo para a cama sozinha, mas não muito zangada comigo?

Acho que se você tivesse a coragem de ser honesta, admitiria que estou certa. Ela falou baixo:

— Muito bera, serei honesta com você. Talvez fosse isso que tivesse acontecido. Mas ainda assim eu deixaria o hotel cedo, na manhã seguinte, antes de você acordar. E ainda assim desejaria não vê-lo mais.

— Sophie, estamos vivendo em 1970, e não em 1870. Não sou obtuso! Já entendi que você não é uma discípula da chamada sociedade permissiva. Mas, com o seu rosto e o seu corpo, você nunca conseguirá me convencer que fui o primeiro homem a lhe fazer uma proposta, ou que teve intenções de fazer, se lhe fosse dado um pouco mais de tempo — acrescentou, com humor sarcástico.

— Eu não disse que foi.

— Você se comportou como se eu fosse... ou tivesse sido.

— Pensei... esperei que você fosse diferente.

— Por quê? — Perguntou ele, simplesmente.

— Porque... ah, não sei por quê. Você nunca esperou que, algum dia, alguma pessoa gostasse de você por você mesmo? Não porque é o rico Carlos Walsingham. Não porque é alto, escuro e atraente. Só por alguma coisa dentro de você, que... — para seu horror, sua voz ficou rouca e seus olhos cheios de lágrimas. — Estou cansada, e tenho que me levantar cedo. Por favor, deixe-me ir, Carlos.

Ele abriu a porta e ficou de lado. Em silêncio, eles desceram o morro até que ela ficou calma o suficiente para dizer:

— De qualquer forma, não foi assim que aconteceu. E, se você fosse mulher, não gostaria de ser escolhida para o harém Walsingham depois de um conhecimento de menos de vinte e quatro horas.

— O harém Walsingham? Do que está falando?

— Não posso fingir que não fui avisada — disse ela, amargamente. — A sra. Hellington me disse que você era um paxá. Mas eu, como uma idiota, a ignorei.

Carlos riu.

— Os paxás são turcos. O harém é uma instituição árabe. Da próxima vez que vir a sra. Hellington, pode lhe dizer que é verdade que, supostamente, tenho o sangue de Moulay Abu Hassan em minhas veias. Infelizmente, diluiu-se muito com os quinhentos anos de casamentos com várias cristãs, e eu não tenho a sua tão falada vitalidade. Se você fizesse parte do meu harém, querida, seria a única ocupante.

— Você pode não ter tantas mulheres. Obviamente toma exatamente a mesma atitude para com elas.

— Até nos encontrarmos no Miramar, você parecia achar a minha atitude aceitável.

— Eu não havia me dado conta do que você tinha em mente. Você parecia... eu achei...

— Você me intriga — disse Carlos suavemente, quando ela ficou em silêncio. — Se não se deu conta que eu esperava que nos divertíssemos juntos, então deve ter acreditado que eu tinha intenções sérias. Você pensou isso?

— E... eu não sei. Parecia... uma possibilidade.

Foi então que ela tropeçou numa pedra solta e provavelmente teria caído se ele não a segurasse e a puxasse para junto de si.

— Ainda há uma possibilidade! Se você não ficar mais zangada comigo... Não posso me apaixonar por uma moça que não quer me conhecer.

Ele levantou o rosto dela na direção do seu. Atrás de sua cabeça escura, a torre de observação iluminada pela lua se levantava contra um céu de estrelas. Por um instante, segura em seus braços, tão perto dele que podia sentir seu coração batendo, a lembrança de todas as fantasias com ele, do tempo em que ainda era uma menina, subitamente pareceram tão reais que ela ficou sem resistência.

Foi só uma fraqueza momentânea. Quase imediatamente, enrijeceu, e afastou-se dele com força.

— Acho que relacionamentos sérios não são o seu estilo. Se fossem, o *señor* Garcia não teria comentado sobre a sua determinação de manter sua liberdade. Você não está mais interessado em mim do que estava. O meu rosto e meu corpo servem, mas a minha mente não lhe interessa nem um pouco.

Ela parou para recuperar o fôlego, e quando Carlos não a contradisse continuou:

— A única razão para ainda lembrar do meu nome é porque, provavelmente, fui a primeira na sua vida que o deixou com cara de tolo na frente de um associado. Boa noite.

E virou-se, correndo pelo resto do caminho até o *camping*.

A caminho do chuveiro, na manhã seguinte, passou por Mike, o rapaz do bar da praia. Ele morava numa barraca pequena num canto do *camping*, mas não costumava acordar cedo.

— Oi, Sophie! — Ele lhe fez um aceno amigável. Enquanto estava escovando os dentes, Margriet entrou, bocejando, e jogou sua bolsa de cosméticos na prateleira atrás da pia.

— Você levantou cedo, Sophie. Pensei que dormiria até tarde, esta manhã.. Que horas chegou em casa?

— Mais ou menos à meia-noite.

Sophie perguntou o que houvera na discoteca, e Margriet sacudiu os ombros, dizendo que quando Piet chegou lá, o pequeno problema já tinha sido resolvido.

— A sra. McKinlay pensou que você estivesse com dor de cabeça, ontem à noite. Você estava?

— Não, estava sendo discreta, dando a Carlos uma oportunidade de passear na luz da lua, com você. Já gosta mais dele, agora?

— O seu tato foi desperdiçado, Margriet. Ele simplesmente não é o meu tipo. — Sophie colocou a touca de banho, e desapareceu dentro de um dos cubículos opostos à longa fileira de pias.

Aquele dia era a tarde de folga de Sophie, e ela a passou olhando os peixes. Entre um mergulho e outro, sentou-se no anexo do bar da praia, tomando um refresco e conversando com Mike, que estava num humor mais sociável que o de costume.

Quando voltou ao *camping*, Margriet lhe disse que Carlos estivera lá para se despedir, e perguntara por Sophie.

— Eu disse que você estava na praia. Ele a encontrou?

— Não, não o vi. Estive no mar, a maior parte do tempo. Particularmente, Sophie duvidava que Carlos tivesse ido à

praia. Tinha certeza de que o seu comentário sobre ele ter sido feito de bobo na frente do *señor* Garcia o amargurara tanto quanto amargurara a ela ser tomada por um de seus amores casuais.

Estranhamente, em vez de sentir-se satisfeita e aliviada por ficar livre de sua presença perturbadora, passou a noite com um sentimento de depressão irracional.

CAPÍTULO III

Na manhã seguinte, ela recebeu uma carta curta de Kate, dizendo que seu emprego em Costa Brava estava superando as expectativas, e uma longa carta de vovô. Levando em consideração que eleja estava com quase oitenta anos, e que durante os últimos anos quase não saíra de Cliff Court, a carta do sr. Lingwood era interessante.

Ao meio-dia, Piet e Margriet foram até a torre para nadar, deixando Sophie de plantão no quiosque. O *camping* já estava cheio, com três famílias tentando se arranjar da melhor maneira possível no estacionamento de carros. Portanto, quaisquer novas chegadas teriam que ser dirigidas a um *camping* que havia do outro lado de Almuñecar.

Sophie estava acrescentando uma página à carta que escrevera na noite anterior, quando alguém disse:

— *Buenos días* — e ela levantou os olhos para ver um rapaz jovem, com um bigode de pirata, sorrindo para ela. Um violão, dentro de uma mochila, estava jogado sobre seu ombro, e ele estava usando uma camisa marroquina bordada, e calças de brim desbotadas. Seus pés estavam descalços, mas seus dedos adornados com vários anéis. Era um tipo que a maioria das pessoas da geração de Rose Steel via com susto ou apoplexia. Sophie notou que seus cabelos, unhas e roupas estavam limpos, e o sorriso dela foi tão amigável para ele quanto teria sido para qualquer outra pessoa.

Antes que pudesse perguntar como poderia ajudá-lo, ele disse, em francês:

— Você me desorienta, moça bonita. Não consigo adivinhar a sua nacionalidade. Talvez seja como eu, uma mistura, é?

— Sou inglesa. Mas falo um pouco de francês — respondeu ela, em francês.

— E eu falo inglês muito bem, portanto não teremos nenhum problema para nos comunicarmos. Sou Sacha Lucien, o novo ajudante.

Ela piscou um pouco com essa informação. A maioria dos campistas eram franceses, alemães e ingleses de meia-idade, com alguns espanhóis e escandinavos. Teve o pressentimento de que poderiam ver Sacha com maus olhos, como empregado do *camping*. Mas Piet já o conhecia e gostava dele. Portanto, não havia dúvida de que ele tinha outros talentos além de tocar violão.

— Eu sou Sophie Lingwood. Bem-vindo à Torre del Moro. Você veio de longe? Está com fome? Ou com sede?

— Não recusaria um pouco de cerveja gelada.

Piet havia instalado uma pequena geladeira sob o balcão. Sophie tirou uma garrafa para Sacha, e uma garrafa de refrigerante para ela.

— Estou vindo de Granada. Já esteve lá? — perguntou Sacha. Ela sacudiu a cabeça negativamente.

— A Alhambra é tão bonita como dizem?

— Não vi. Não gosto dos lugares turísticos. A estrada que atravessa as montanhas, isto sim, é fantástica! Eu consegui uma carona num caminhão, e cantamos, comemos *chorizo*. Você gosta de *chorizo*?

— Não cheguei a comer muito.

Ele abriu a pequena mochila, que parecia ser sua única bagagem além do violão, e tirou uma longa salsicha verme-lho-escura. De seu bolso, tirou um canivete espanhol curvado, cortou um centímetro da salsicha, descascou-a, e ofereceu-a a Sophie na ponta da lâmina.

A carne vermelha estava rodeada de gordura branca, e temperada com alho e pimenta, o que fazia com que o suco fosse de uma cor laranja-vivo. A textura era maleável, algumas pessoas teriam dito dura. Para Sophie, o gosto era delicioso, parecido com salame, porém melhor.

Sacha ensinou muitas coisas sobre a Espanha para Sophie, durante sua primeira semana no *camping*. Em vez de viajar descendo a costa turística, como ela fizera, ele pegara caronas, sem pressa, através da Espanha central, pernoitando em *posadas*, os hotéis baratos que agora eram frequentados principalmente por motoristas de caminhão. Assim, ele vira a verdadeira Espanha por trás da fachada artificial de lugares de veraneio, e suas descrições das vilas nas montanhas e dos vales selvagens fizeram com que Sophie ansiasse por vê-los com seus próprios olhos.

Apesar dos anéis, camisas bordadas e pés descalços, ele se tornou rapidamente muito popular, até com os campistas que pareciam mais convencionais. A única pessoa que se recusava a gostar dele era Mike, que se referia a ele como "aquele miserável sujeito hippie".

— Eu gosto dele. Ele é limpo, bondoso e alegre. O que você tem contra ele? — perguntou Sophie, na primeira vez que ouviu Mike se referir a Sacha dessa maneira.

— Não tenho paciência com esses jovens que vagueiam pela Europa toda com roupas estranhas, fumando maconha e geralmente causando problemas.

— Sacha não fuma nada — disse Sophie, olhando o cigarro entre os dedos amarelados de Mike. — Ele trabalha para viver. Eu acho que suas roupas são divertidas, e o cabelo dele não é mais comprido que o seu.

"E mais limpo", acrescentou, mentalmente. Pois Mike, como alguns espanhóis, usava brilhantina no cabelo.

Um dia, Sacha perguntou a Sophie se ela gostaria de ir a Almuñecar com ele, à noite. Quando mencionou para Margriet que ele a estava levando para jantar no Bar Vizcaya, que tinha uma reputação pela sua boa comida, a moça holandesa disse:

— Ah, então ele gosta de moças. Eu não estava muito certa disso. Não parece ser do tipo efeminado, mas não nos observa quando não estamos olhando, Sophie. Você o acha atraente?

— Não sei. Não pensei nele dessa maneira. Gosto dele como pessoa.

— Ele lhe contou algo sobre si? Quando perguntei sobre sua família, me contou histórias malucas, e sei que estava brincando.

— Talvez, como eu, esteja querendo se divertir um pouco antes de se estabelecer — sugeriu Sophie. — Pode ser que venha de uma família extremamente respeitável, monótona, e daqui a um ano ou dois venda seu violão e se torne tão respeitável e monótono quanto seu pai.

— Se você está se divertindo, não é de uma maneira muito selvagem — comentou Margriet, duvidosamente. — Você não estava interessada em Carlos, e não notou que Sacha é um rapaz bonito. Que tipo de homem você gosta? Não me diga que Mike é o seu tipo?

— Céus, não! — disse Sophie, com ênfase. — Não estou muito inclinada a ficar emocionalmente envolvida com ninguém, por enquanto, Margriet. O ideal para mim seria ficar solteira até mais ou menos vinte e cinco anos.

"Mas se Carlos tivesse sido como imaginei, teria me casado com ele imediatamente", pensou com tristeza.

Quando Sacha veio a sua barraca, aquela noite, estava usando botas de *baseball*, calças de ginástica, e um velho, mas mesmo assim colorido, casaco de veludo azul bordado com tranças cor de laranja e lantejoulas douradas que ele comprara no Mercado das Pulgas, em Paris.

— Acho que esse bordado é dos meados do século dezenove da Iugoslávia — disse Sophie, admirando-o.

Adivinhando que as roupas espalhafatosas de Sacha, como Mike as chamara, seriam ainda mais espalhafatosas que de costume para uma noite na cidade, ela fizera o melhor possível para combinar com o gosto dele em roupas, vestindo uma camiseta amarela cor de melão e

um par de calças turquesa largas, presas com uma longa echarpe de franjas, persa, amarrada em volta da cintura fina.

Foram para Almuñecar no carro dela, e estacionaram numa rua lateral antes de se juntarem ao *paseo* noturno na calçada asfaltada que dava para uma das praias gêmeas da cidade.

O centro de Almuñecar, onde pacientes mulas ainda vagavam para cima e para baixo nas ruas estreitas e íngremes, ficava atrás das ruínas de uma antiga fortaleza. Do lado do mar desse castelo, em cima do morro, ficava o Grande Hotel Sexi, em forma crescente, com vista para as duas praias.

Da praia ocidental se via uma erupção recente de altos blocos de apartamentos com varanda, e um agrupamento de vilas de verão que, sem dúvida, teriam que ser demolidas, com o tempo, para darem lugar a mais apartamentos ainda.

Depois de passearem pela cidade durante mais ou menos uma hora, eles se dirigiram ao Vizcaya, onde, lembrando-se do restaurante de Barcelona, Sophie sorriu e cumprimentou as pessoas que já estavam jantando. O casaco colorido de Sacha e seus braços nus causaram muitos comentários entre os espanhóis, e a garçonete que anotou seus pedidos teve dificuldade em conter as risadinhas. Mas ele parecia não se incomodar.

— Você parece triste, Sophie. Por quê? — perguntou ele, subitamente.

Ela rapidamente forçou um sorriso. Estivera pensando sobre Barcelona, e como, por uma noite e um dia, vivera num paraíso de bobos-

— Essa é a minha expressão de fome — respondeu com facilidade. — Estou ansiosa pelos filés de peixe espada.

Essa foi a primeira de muitas noites juntos. No mês seguinte, foram a todos os restaurantes e discotecas. Mas, apesar dele chamá-la de moça linda algumas vezes, Sacha a tratava mais como irmã do que como namorada. Ele gostava de dançar, mas só música enérgica. Quando o ritmo ficava mais lento e as luzes mais escuras, dizia que estava cansado e com muita sede. Evitava abraçá-la em público, e nunca tentara fazê-lo em particular. Para Sophie, ainda profundamente perturbada pelos seus dois encontros com Carlos, a atitude de Sacha foi um alívio.

Uma tarde, quando a praia estava ainda mais lotada que de costume, pois era feriado, Sophie foi até a torre. Sacha estava de plantão no *camping*, e Piet e Margriet tinham ido visitar alguns amigos em Málaga, e só voltariam no dia seguinte.

Depois de ter nadado um pouco, Sophie ficou ao sol até que estivesse seca. Em seguida, arranjou um monte luxurioso de almofadas num canto do sofá de balanço coberto e reclinou-se na sombra do toldo para ler.

Mal tinha começado quando, com o canto do olho, viu um movimento no outro lado da piscina. No momento seguinte ouviu barulho de alguém caindo na água. E, quando as ondas da água se dissolveram, ela viu uma figura longa e escura se aproximando debaixo da água. Seus olhos se arregalaram. O coração deu um pequeno pulo estranho. Mas quando Carlos saiu da piscina, não demonstrou nenhum sinal do tumulto que havia dentro dela.

— Boa tarde. Acho que a mulher da limpeza esqueceu de nos avisar que você viria — disse ela, em resposta a seu "Alô, Sophie. Como vai?"

— Não havia necessidade de avisar. Estou aqui sozinho, desta vez, e você pode usar a piscina com tanta frequência como usaria se a torre estivesse fechada.

Ela o viu afastar-se para pegar a toalha que deixara cair ao pular na piscina. Era a primeira vez que o via despido, e ficou levemente surpresa com a força de sua figura alta e bronzeada. O que fazia para ficar assim? Era preciso mais que um pouco de natação ou visitas semanais a um ginásio caro para manter um corpo tão firme.

Enquanto enxugava a cabeça com força, e desaparecia dentro da torre, ela pensou em escapar rapidamente. Mas achou que seria melhor ficar e aguardar uma volta inesperada com uma atitude de educada indiferença.

Antes de ter tempo de decidir o que fazer, ele reapareceu, de shorts, carregando uma jarra térmica numa mão e dois copos altos na outra.

Sophie jogou as pernas para o chão, e rapidamente colocou a bolsa de praia, o chapéu e a máquina fotográfica no meio do sofá, para impedir que Carlos se sentasse perto demais. Se Carlos notou, e adivinhou a razão disso, não deu nenhum sinal.

— Como vão as coisas no *camping*? — perguntou, sentando-se no outro canto do sofá.

— Estamos superlotados. Alguns dos campistas não pretendiam vir tão para o sul, mas não havia lugar para eles nos *campings* de Costa Blanca. A maioria dos nossos campistas atuais pretende passar suas férias todas aqui, mas tivemos alguns que estavam só passando, a caminho do Marrocos. Não vejo o sentido de uma viagem tão comprida até a África do Norte, para pessoas que só têm duas ou três semanas de férias. Assim que eles chegarem, terão que dar meia volta e ir para casa, sem nada para lembrar-se no inverno a não ser milhas e milhas de estradas principais.

— E, realmente parece loucura — ele concordou. — Um vôo promocional para Marrocos não seria mais caro, e seria muito menos cansativo. — Estendeu-lhe um copo de suco de laranja gelado. Ao fazer isso, notou o livro dela. — O que está lendo?

— Uma coleção de histórias sobre a Alhambra.

Carlos apanhou o volume, e Sophie reprimiu o impulso de implorar-lhe que o manuseasse com cuidado. Sabia, por experiência, que até mesmo as pessoas mais bem-educadas e finas não sabiam, com pouquíssimas exceções, lidar com livros antigos e raros, com o mesmo cuidado que dispensariam a uma peça de porcelana antiga. Para sua surpresa, Carlos inspecio-nou o livro com a maneira inconfundível de um conhecedor. Depois de alguns minutos, perguntou:

— Onde você pegou isso?

— Ganhei de alguém que estava esperando visitar a Alhambra. Ele colocou o livro sobre o sofá.

— Me dê licença por um momento.

Vendo-o atravessar o pátio, Sophie perguntou a si mesma por que nunca lhe ocorrera pensar ou considerar que ele também fosse um colecionador. O fato de o primeiro encontro ter ocorrido numa livraria de segunda mão não pareceu significativo. Muitas pessoas que não colecionavam livros visitavam livrarias como a Bramfield. Também ela sempre associara colecionadores de livros com homens do tipo de seu avô; homens que, mesmo na juventude, haviam sido mais inclinados aos prazeres intelectuais do que aos físicos.

Desde o momento em que, mais de quatro anos antes, ela esbarrara em Carlos e sentira suas mãos fortes em seus ombros, ela pensara nele como um homem de ação. Em Barcelona, o seu carro e até mesmo sua escolha do restaurante haviam confirmado sua primeira impressão. Só alguns minutos atrás ficara surpresa com a firmeza de seu físico. Agora, pela primeira vez, começou a imaginar se ele também era um homem para o qual um dos prazeres da vida era uma noite de solidão entre livros.

Ele voltou, carregando um livro grande que colocou sobre os joelhos dela.

— As mesmas histórias, encadernadas de maneira diferente.

Sophie apanhou o volume. O formato era Grande Imperial Octavo, desconfortavelmente pesado para se segurar na mão. Estava encadernado em marroquim de couro, com fitas levantadas na lombada luxuosamente trabalhada, e o título era vermelho cor de sangue. Tinha cantos dourados, contracapa marmórea, tudo para impressionar um colecionador noviço ou alguma pessoa que simplesmente quisesse algo para encher suas prateleiras com beleza. Ela gostou da portada do livro, uma gravura de uma donzela de olhos abaixados com um bandolim, mas a página do título mostrava que era o quarto volume de uma edição colecionada das obras de Irving, publicada sessenta anos depois da cópia dela.

— É seu?

— Não. Não sei como veio parar aqui. A maioria dos livros na sala está lá para fins ornamentais. Provavelmente vieram das casas de velhos tios e tias, quando morreram. A maioria deles é em espanhol, mas há alguns em outras línguas. Você levaria em consideração trocar sua cópia por esta?

— Mas se esse livro pertence ao marquês, será que ele aprovaria que você o trocasse por um que não é tão bonito?

— Hilário não se importará. Eu encontrarei algo adequado para substituí-lo.

— Você quer dizer que quer a minha cópia? Por quê? Carlos estava segurando a cópia dela numa mão bem-for-

mada e bronzeada. Por um momento ele não respondeu, e ela se viu tensa esperando a resposta.

— Esta é uma das primeiras edições, e tem pouco interesse para o leitor normal. Mas, para alguém que aprecia livros como objetos, além do conteúdo, a sua cópia é a mais desejável das duas. Tenho certeza de que você não maltrata nenhum livro, mas um livro tão antigo como esse merece mais do que cuidados normais.

— Ele é valioso?

— Não posso lhe dizer o preço de mercado. Sei muito pouco sobre Irving, a não ser essas histórias. Esse livro não é o meu campo de interesses. Mas eu faria algum esforço para salvar qualquer livro colecionável dos riscos de um verão na Costa do Sol — acrescentou ele secamente.

— Bem, como foi presente de aniversário, não o venderia ou trocaria. Mas você não precisa se preocupar; ele não será deixado no sol ou jogado numa bolsa com roupas de banho úmidas. Meu... — ela interrompeu o que estava dizendo, quando a porta na parede se abriu, e Sacha entrou no pátio.

— Margriet telefonou, Sophie. Eles tiveram um acidente na estrada. Piet está no hospital, em Málaga. Ainda não sabem se está seriamente ferido, mas é certo que ele não voltará amanhã.

— Oh, Deus! Pobre Margriet. Ela está ferida?

— Não, felizmente ela ficou só chocada.

Sophie se deu conta de que os dois homens não se conheciam e os apresentou, imaginando se Carlos levantaria as sobrancelhas ao ver o longo colar de contas e conchas que Sacha estava usando com suas bermudas.

Mas, evidentemente, Carlos estava preocupado demais com as más notícias para prestar qualquer atenção à aparência do portador:

— Margriet está no hospital, agora? Ela disse como poderíamos entrar em contato com ela? — perguntou.

— Não, ela só disse que telefonaria assim que tivesse mais informações. Não está sozinha. Uns amigos estão com ela.

— Ela e Piet foram passar a noite com um outro casal holandês que mora perto de Málaga — acrescentou Sophie.

— Irei até lá para ver se posso ajudar — disse Carlos. Quando ele se virou, ela disse:

— Não esqueça seu livro — e entregou-o a ele. Ele deixara o livro dela sobre o sofá, quando se levantara para trocar um aperto de mãos com Sacha.

— Se Margriet telefonar novamente, diga-lhe que estou a caminho.

Descendo o morro com Sacha, Sophie disse:

— A propósito, Carlos Walsingham é o proprietário do *cam-ping*. Nesse sentido, temos sorte de ele estar aqui. Saberá como arranjar substitutos se Piet tiver que ficar de cama por algumas semanas. Provavelmente não foi um acidente muito ruim, já que Margriet não está ferida, não?

— Não sei — respondeu Sacha tristemente. — Geralmente é o passageiro que sai mais ferido. Talvez Piet fosse o passageiro. Margriet dirige o carro algumas vezes?

— Sim, mas não estava dirigindo quando eles partiram essa manhã. Podem ter parado para tomar café, e então ter trocado de lugar, é claro.

Mais ou menos às dez e quinze, quando a maioria das barracas e *trailers* já estava na escuridão, apesar da noite ainda estar começando para os espanhóis que passavam os fins de semana nos apartamentos, Sophie estava em sua barraca quando ouviu uma leve batida na porta de lona. Quando a abriu viu que Carlos estava parado do lado de fora.

— Ah, você ainda está vestida. Bom. O bar só fecha daqui a dez minutos. Venha tomar um café, e lhe contarei o que aconteceu. Você sabe onde Sacha pode estar a essa hora da noite?

— No bar. creio. Só fechamos o quiosque há alguns minutos. Mas Sacha não estava no bar ao ar livre, e quando Sophie

sugeriu que fossem ver se ele estava na barraca, Carlos dispensou.

— Não, não é importante. Ele pode saber de tudo amanhã de manhã. O que você quer? Café? Conhaque?

— Café, por favor. — Ela subiu num dos bancos altos ao lado do balcão. Além de um casal alemão, eles tinham o lugar todo para si.

— Piet ficará fora de ação por algumas semanas — disse Carlos. — Está com um braço quebrado, várias costelas quebradas, e seu rosto e suas pernas estão muito cortados. O carro ficou um lixo. É surpreendente que Margriet não tenha se ferido, mas naturalmente está muito abalada. O motorista do outro carro morreu, e por algum tempo ela pensou que Piet também tivesse morrido. Felizmente, sua amiga é um tipo de mulher calma e sensata, e vai ficar com Margriet num hotel perto do hospital. Pelo que Margriet conta, parece que um pneu do outro carro furou quando estava em alta velocidade, e ele perdeu o controle. Piet viu quando o carro veio na sua direção, e tentou evitar uma colisão frente a frente, mas não conseguiu evitar uma colisão parcial. Haverá um inquérito, mas conheço um excelente advogado em Málaga que os orientará durante o processo.

Ele bebeu um pouco de conhaque. Parecia cansado, pensou Sophie. Talvez tivesse dirigido por um longo tempo, durante o dia, e a viagem inesperada para Málaga cansara até mesmo a sua vitalidade abundante.

— Você já jantou?

— Ainda não.

— Há comida na torre? A mulher da limpeza o esperava?

— Comprei ovos e um *chorizo* antes de deixar Málaga. Se a despensa estiver vazia, posso preparar uma omelete — respondeu ele. Um leve sorriso apareceu em sua boca. — Mas é bondade sua ficar preocupada com meu bem-estar.

Ela baixou os olhos para o copo de café. Em sua ansiedade sobre os Veenveld, não pensara muito no efeito de sua volta sobre sua própria paz de espírito. Disse casualmente:

— Será difícil arranjar substitutos temporários para os Veenveld? Sacha e eu podemos segurar por algum tempo, mas não por várias semanas.

— Não será difícil substituir Piet. Eu mesmo tomarei as suas responsabilidades. Se uma substituta para Margriet será necessária, isso ainda veremos.

— Você? — perguntou ela, surpresa. — Ah, mas certamente...

— Certamente o quê?

— Certamente você tem coisas mais importantes a fazer do que ajudar aqui. Pensei que você tivesse vários hotéis e motéis, e outros negócios.

— Tenho, mas é na baixa estação, quando as alterações e os melhoramentos são feitos, que eles precisam da minha atenção. Nesta época do ano, ficam nas mãos dos gerentes.

Portanto, como era minha intenção passar as próximas quatro semanas na torre, de

qualquer forma, posso muito bem combinar minhas férias com um estudo de primeira mão sobre o aspecto de turismo do *camping*.

— Entendo — disse ela, cheia de incerteza.

O casal alemão fora embora, e o homem do bar estava arrumando tudo, preparando-se para fechar. Ela terminou seu café e desceu do banco.

— Obrigada por ter me dado as notícias. Foi um alívio. Carlos levantou-se.

— Boa noite, Sophie.

— Boa noite.

Enquanto voltava para a barraca, trocando boas-noites em várias línguas com os campistas que estavam indo e voltando da bateria de chuveiros, seus pensamentos estavam tão alvo-rogados quanto na noite que ele a acompanhara pela descida do morro.

Por que decidira passar um mês na torre? Tinha certeza de que não era a sua intenção na última visita. Podia ser que o ataque de despedida naquela ocasião tivesse ferido sua vaidade masculina, a ponto de deixá-lo determinado a fazê-la engolir suas próprias palavras? A possibilidade de ter que se defender contra uma campanha persistente e planejada para arrasá-la fez com que Sophie se acovardasse. Se ele fosse um libertino mais velho que se arrepiasse só ao olhá-la teria se sentido muito menos perturbada. Resistência baseada em genuína repugnância era invencível. Mas resistir a um homem tremendamente atraente era outra coisa. Será que os princípios seriam mais fortes que os seus sentimentos? Será que seu coração perderia para sua cabeça?

Quanto mais pensava, mais se convencia de que nenhum homem na posição de Carlos escolheria umas férias na Costa do Sol, no meio do verão, a não ser que tivesse alguma razão especial para suportar as multidões, quando podia estar relaxando em algum lugar de veraneio exclusivo para os ricos. É verdade, a torre era mais luxuosa do que o hotel mais luxuoso, e a piscina particular fazia com que não fosse necessário para ele misturar-se com as multidões na praia. Mas, pelo que ela sabia, a sofisticada vida noturna mais próxima ficava em Má-laga, ou talvez em Granada. Almuñecar servia para um homem de família de classe média e para o pessoal de *blue jeans*. Não para os homens importantes.

Ela dormiu mal, e às cinco e meia da manhã estava a caminho da praia. A única pessoa por perto era um menino inglês de mais ou menos doze anos, que estava pescando nas rochas debaixo da torre. Fora ele, a praia estava tão tranquila como devia ter estado antes da chegada dos turistas.

Sophie não tinha paciência, às vezes, com a opinião egoísta expressada por pessoas mais velhas, de que o turismo estava estragando a orla marítima da Espanha. Para ela, parecia uma coisa maravilhosa que, agora, as pessoas que passavam a maior parte do ano em fábricas, lojas e escritórios nas cidades cinzentas do norte podiam vir para o sul, para o sol. Era melhor para a população local, também. Mil turistas em viagens promocionais traziam mais prosperidade que um punhado de donos de vilas.

Mas adorava as primeiras horas do dia, quando os morros marrons estavam cobertos com uma névoa e o mar tinha um brilho cor de pérola. Quando o sol se levantava, não dava o brilho duro do meio-dia, mas proporcionava uma luz dourada que deixava partes do cenário em sombra rubra. Nessa hora da manhã não havia rádios tocando, ou ressoantes vozes espanholas gritando dos balcões mais altos para as pessoas que estavam passando em baixo, e nenhum ruído de tráfego da estrada costeira. O dia começava devagar e gentilmente, e ficar até a cintura no mar calmo e quente era infinitamente refrescante. Ela estivera nadando uns vinte minutos quando percebeu com traiçoeira excitação que, além do menino, havia mais uma pessoa na praia. Carlos, com calção de banho e uma toalha pendurada na ombro, conversava com ele. Enquanto ela andava na água, observando-o, ele levantou uma mão, em reconhecimento. Em seguida, deu a volta pelas rochas para um lugar de onde pudesse mergulhar, bem longe da linha do menino.

Ela adivinhara que ele mergulharia e nadaria com a facilidade de alguém para quem a água era um dos elementos naturais, e não com o ar desacostumado de tantos turistas. Quando o viu surgir à tona e virar-se na sua direção, movido por braçadas lentas porém poderosas, ela teve o impulso de correr para a praia o mais rápido possível. Mas já era tarde demais. Se ele quisesse, poderia interceptá-la facilmente.

Para seu alívio. Carlos parou de nadar antes de alcançá-la. A uma distância de dois ou três metros, começou a andar na água.

— Bom dia!

— Bom dia.

— Você não deveria nadar sozinha. Pode ter câimbra.

— Eu não estava sozinha. O menino estava lá, quando eu cheguei.

— Talvez ele não saiba nadar.

— Meninos que gostam de pescar geralmente sabem nadar. — Ela virou-se e começou a nadar na direção de um dos vários barcos a motor ancorados a alguns metros da praia.

Carlos a seguiu, até que, aproximando-se de uma lancha azul e branca, aumentou a velocidade, ultrapassando-a. Quando chegou à sombra do casco, ele já tinha subido a bordo e estava lhe estendendo uma mão, para ajudá-la a subir.

Ela sacudiu a cabeça negativamente.

— Preciso voltar, agora. Gosto de lavar minha roupa quando a lavanderia está vazia.

Ela estava a mais ou menos um terço do caminho para a praia quando ouviu ele mergulhar do barco. Saíram do mar lado a lado.

— Você acha as comodidades do *camping* satisfatórias? Tem alguma crítica? — ele perguntou.

— Não, acho que é um *camping* excelente. Tive alguns problemas logo que cheguei. Na ausência de tomadas na parte das mulheres da bateria de chuveiros, uma moça francesa entrou na seção dos homens para poder usar seu secador de cabelos. Aborreceu vários homens que estavam lá no momento, mas Piet os acalmou; e mandou instalar mais algumas tomadas. Acho que quem planejou não se deu conta que mulheres também usam depiladores elétricos, sem mencionar secadores de cabelo e rolos elétricos.

— E um ponto para ser observado nos futuros *campings*. Pelo que tenho visto e ouvido, os alemães são líderes no que se refere a melhores comodidades e os mais altos padrões de higiene. Mas é claro que muitas coisas que fazem os acampamentos em chinês mais frescos serem mais agradáveis, por exemplo chuveiros quentes, são supérfluos aqui.

Ele ainda falava sobre acampamentos quando chegaram à porta na parede.

— Posso lhe oferecer um pouco de café? — perguntou ele. — Café verdadeiro, não instantâneo.

— Não, obrigada. Carlos. *Dios* — usando o equivalente a "tchau" em espanhol.

Ela virou-se e andou alguns passos.

— Sophie.

— Sim? — ela parou.

— Acho que devo esclarecer algo para você. Se você está nervosa, achando que eu possa tirar vantagem de nossa relação de trabalho no *camping*, para conseguir o que queria com minhas intenções desonestas, não tem por que se preocupar. Enquanto eu estiver com a responsabilidade aqui, você estará a salvo. — Um brilho de divertimento iluminou seus olhos.

— A não ser que você mesma indique que a virtude não é mais o seu próprio prêmio. Veja você mais tarde. *Dios*, — E, desta vez, foi ele quem se virou.

Uma semana mais tarde, Sophie dirigia pela costa, até Má-laga, para ver Margriet e Piet. Por um trecho, depois de Al-muñecar, a estrada insinuava-se para cima e para baixo, para dentro e para fora dos sulcos secos que entremeavam os rochedos rosa-avermelhados. Ao dar a volta numa curva. Sophie viu um menino cigano sorridente que acenava com umas

cestas tentadoramente em sua direção. Ela devolveu o sorriso, mas sacudiu a cabeça negativamente para as cestas. Mais adiante, viu sua família. Estavam ajudando um burro a puxar sua carroça cheia para cima de um morro. Sorriram e acenaram. Ao ultrapassá-los, ela viu o rosto de pele escura e dentes bonitos de um dos filhos mais velhos, no espelho retrovisor. Sua expressão alegre e segura lembrava a maneira com que Carlos olhara para ela através da sala cheia, na festa da sra. Hellington, em Barcelona, Depois de Nerja, a linha costeira se alinhava, e por todo o caminho, onde uma vez houvera vilarejos de pescadores, prédios brancos de catorze andares erguiam-se em ambos os lados da estrada.

Encontrou Margriet instalada numa suíte de um hotel caro.

— Isso é obra de Carlos, e ele insiste em pagar a conta — disse ela, mostrando o quarto com ar condicionado e o banheiro opulento.

— Ele é um homem rico. Isso não o levará à ruína.

— Ele é generoso não só com dinheiro — disse Margriet, com desaprovação. — Veio imediatamente, e foi um grande conforto, pois, sendo meio espanhol, sabe os costumes do país, e onde encontrar um bom advogado, todas as coisas desse tipo. Seja lá o que você pense dele, Sophie, sei que tem bom coração e sempre ajudaria uma pessoa com problemas. Há outra coisa sobre ele: a maioria dos homens não gosta de ver mulheres chorando. Eu estava muito aborrecida o dia todo depois do acidente. Não conseguia parar de chorar, mas Carlos não ficou embaraçado. Segurou minha mão e ficou falando comigo, e foi tão bondoso que nem posso lhe dizer.

Voltaram à sala de estar e ela perguntou:

— Como estão as coisas no *camping* com ele tomando conta? Piet ficou muito surpreso quando soube.

— Ele passa muito tempo conversando com os campistas. Manolo foi muito repreendido porque uma mulher reclamou que os melões da loja do *camping* eram o dobro do preço dos Melões do mercado, em Almuñecar, e também que alguns biscoitos que ela comprou na loja estavam murchos.

— Mas você e Sacha não foram repreendidos?

— Ainda não. É estranho, mas Carlos não parece compartilhar o sentimento de Mike por Sacha. Algumas vezes eles jogam xadrez juntos, quando tudo está quieto no *camping*, à tarde.

— Carlos não a convidou para jantar com ele na torre?

— Não. — Sophie mudou de assunto. — Como está Piet? Está fazendo um bom progresso? Depois do almoço, elas visitaram Piet, que fez todo o possível para parecer alegre, mas que obviamente estava passando por um considerável desconforto de suas fraturas, cortes e machucados. A noite, as duas moças jantaram num dos famosos restaurantes de peixe da cidade, onde pediram sopa malaguenha e tainha vermelha na grelha.

Sophie passou a noite no outro divã do quarto de Margriet. Na manhã seguinte foi, sozinha, ver os bascos do coro, do século dezessete, na catedral que vovô a incitara a visitar se tivesse a oportunidade.

"Durante a Guerra Civil", escrevera numa carta que ela relera antes de sair, "os republicanos acolheram famílias pobres nas capelas menores. Essas pessoas usavam o altar para cozinhar, e as imagens como combustível. Por que as esculturas de Pedro e de Mena não foram destruídas é um mistério, mas parece que vale a pena vê-las. Como gostaria de ser vinte anos mais jovem, e poder vê-las com meus próprios olhos!"

Já era o fim da tarde quando voltou ao território que lhe era familiar, entre Almuñecar e Torre del Moro. No meio do caminho entre a cidade e o *camping*, viu o carro de Carlos estacionado debaixo de uma árvore, numa estrada lateral. Atrás dele, estava um Lancia esporte vermelho, cuja motorista, uma criatura glamourosa usando bustié branco e calças

azul-marinhas e brancas, estava conversando animadamente com Carlos enquanto ele trocava o pneu para ela.

Para a mortificação subsequente de Sophie, ela ficou tão fascinada com esse espetáculo que esqueceu de olhar no espelho retrovisor antes de diminuir a velocidade, o que fez com que o motorista do carro de trás freasse, com muito barulho, passando por ela e gritando pela janela, ao fazer isso.

Inevitavelmente, Carlos e a moça se viraram para olhar. Com o rosto em chamas, Sophie prosseguiu.

Para sua surpresa, uns vinte minutos mais tarde Carlos apareceu no quiosque, onde ela parara para contar a Sacha as novidades de Málaqa. E, para surpresa maior ainda, não disse nada sobre o incidente na estrada. Simplesmente perguntou como estava Piet.

Mais tarde, tomando uma chuvaçada, ela achou o fato de ele não ter zombado dela estranhamente deprimente.

Na tarde seguinte, quando estava de plantão no quiosque enquanto Sacha descansava um pouco, viu algo jogado mima das prateleiras embaixo do balcão que, quando ela se deu conta do que era, fez com que ficasse surpresa e feliz. Era o número de verão do *Colecionador de Livros*, uma revista trimestral que o sr. Lingwood assinava, e na qual sua neta geralmente conseguia achar muitas coisas que a interessavam.

Estava profundamente concentrada num artigo sobre capas inglesas quando Carlos disse:

— Você não acharia isso mais interessante? — Levantou uma cópia de bolso maltratada de um best seller moderno. — Alguém o deixou no caminho para a praia. — E acrescentou o título na lista dos "achados e perdidos" do quadro de anúncios.

— Isso é seu, presumo. — disse Sophie, entregando-lhe o exemplar do *Colecionador de Livros*.

— Sim. É uma leitura muito seca, com exceção de alguns aficcionados.

Sua vexação por não ter podido terminar o artigo e o fato de ele presumir que não acharia um periódico como aquele interessante fizeram com que ela dissesse, num tom cuidadoso:

— Eu precisaria de um dicionário para entender todas essas palavras compridas.

Os olhos cinza dele se estreitaram.

— Sarcasmo, Sophie? Será possível que você seja uma aficcionada?

Ela disse, evasivamente:

— Meu avô é colecionador de livros. Conheço um pouco o assunto.

— Foi ele que lhe deu a *Alhambra*, de Irving?

— Sim.

— E você sabia os valores relativos da sua cópia e da cópia que eu lhe ofereci?

— Sim, sabia.

— Ainda bem que não tentei convencê-la de que a sua cópia não tinha nenhum valor — disse secamente.

— Achei que você foi notavelmente escrupuloso. Os colecionadores não o são, às vezes.

Talvez não tivesse sido se eu tivesse algo que você queria muito. Qual é a sua especialidade? Antes que ele pudesse responder, um carro veio até eles e o motorista inclinou-se para fora, para perguntar se tinham espaço livre. Durante quinze minutos, Sophie ficou ocupada atendendo o recém-chegado, e nesse tempo ela resolveu evitar qualquer conversa futura sobre colecionar livros. Mas parecia uma ironia particularmente cruel do destino que Carlos fosse um bibliófilo. Se ele só fosse um homem comum, com outra atitude para com as mulheres, como eles se dariam bem, pensou ela, desejosamente. Que verão feliz poderia ser se Carlos estivesse no lugar de Sacha, e se Sacha fosse o ocupante da torre.

— Você foi ver as grutas em Nerja, no caminho para Málaga, semana passada? — perguntou Mike, quando ele e Sophie estavam conversando na avenida central do *camping*, uma manhã.

— Não, não fui. Acho que as grutas não me atraem muito.

— Você não deveria deixar de ver as de Nerja. Até o general Franco já esteve lá.

— É mesmo? Bem, não posso ir esta tarde. Meu carro está sendo checado. Talvez vá na semana que vem.

— Vou a Nerja esta tarde. Por que não vem comigo? Você pode ver as grutas enquanto eu trato dos negócios que tenho lá.

Sophie hesitou. Não tinha certeza se queria passar algumas horas na companhia de Mike. Havia algo um pouco esquisito nele. Tinha coisas estranhas na cabeça e, apesar de sentir que era uma pessoa solitária, que precisava de alguém que o escutasse, ele também era um homem intolerante com discriminações que ela não compartilhava. Se comesse com uma de suas conversas chatas no bar da praia, não era muito difícil escapar. Mas uma vez no carro dele, estaria presa. — É muito gentil de sua parte, Mike, mas... — Não tem de quê. Eu ficarei contente em ter a sua companhia. Eu a pegarei no portão principal às quatro horas.

— E, antes que ela pudesse dizer alguma coisa, ele se virou e foi embora.

Mais tarde, naquela manhã, ela estava andando pelo *camping* para verificar se todas as latas de lixo haviam sido esvaziadas e se ninguém estava com o rádio ligado ou aborrecendo os vizinhos, quando Carlos apareceu e começou a andar ao lado dela.

— Sophie, acho que seria melhor se você usasse um vestido quando está de plantão — disse ele, secamente.

— Mas, sim... se você quiser — respondeu ela, surpresa. — Mas Margriet sempre usa roupa de banho. E todas as outras pessoas também... — disse ela, gesticulando na direção de todos os campistas à vista.

— Eles estão aqui para se divertir. A maioria das mulheres é de meia-idade, e não acho que se divirtam muito vendo seu marido admirando o seu charme.

Lembrando que nunca comprava biquínis muito pequenos, porque poderiam cair com os mergulhos e a natação enérgica que ela gostava de fazer, Sophie achou um pouco injusto instruí-la a usar vestidos de algodão. Havia moças no *Camping* cujo biquíni era muito mais revelador do que o seu, de toalha coral, amarela e florida.

— Você vai fazer com que Sacha use uma camisa, no caso de os maridos de meia-idade se aborrecerem vendo sua mulher admirando o seu charme? — perguntou.

Para sua surpresa, Carlos parou e a encarou. Em seguida disse, numa voz baixa e fria como aço:

— Você já tem a minha palavra que não ultrapassarei os limites da nossa relação de trabalho. Será que tenho que lembrá-la o que é uma relação de trabalho, e que mesmo que eu possa expressar meus desejos na forma de pedidos em vez de ordens, não espero ser questionado?

— Sinto muito — gaguejou ela, abalada com a severidade sem precedentes de sua maneira.

— Naturalmente obedecerei. Vou me trocar agora.

— Vai para a cidade? — Perguntou Sacha quando, logo depois disso, a encontrou usando calças brancas e uma blusa azul-marinha, de quadradinhos, sem mangas.

— Carlos me disse para não usar roupas de banho no *camping*.

— Não se aborreça com isso. É um cumprimento. Você deve tirar a sua cabeça do trabalho

— comentou Sacha, com um sorriso.

— Não a cabeça dele. Ele acha que eu atraio os maridos de meia-idade. Apesar de não entender por que eu deveria ser uma distração quando há pessoas desse tipo aqui... — ela terminou a sentença com um gesto de cabeça na direção de uma moça francesa que estava passando, usando um biquíni mínimo de cor marrom, com uma corrente em volta dos quadris ondulantes, e sandálias com salto de plataforma.

— Não creio que ela interessaria a Carlos. Se se pode comparar mulheres com vinho, *mademoiselle* é o que, na Inglaterra, se chama de vinho azedo. Você, senhorita inglesa, é um vinho de primeira categoria.

— Oh, Sacha, que elogio esplêndido — disse ela, rindo. — E além de ter sido chamada à atenção por Carlos, eu tenho que ir com Mike a Nerja, esta tarde, e estava me sentindo decididamente deprimida. Você me animou.

— Por que vai a Nerja com Mike?

Ela explicou. Para seu desânimo, ele fez uma careta, e depois sorriu:

— Acho que não terá muitos problemas com ele. Você é alta e forte, e ele não é muito homem.

— Não estou esperando nenhum problema desse tipo. Mike nunca me lança olhares cobiçosos.

— Não quando você pode vê-lo fazendo isso. Mas quando não está olhando para ele... — fez uma pantomima de cobiça exagerada.

Sophie sorriu, certa de que ele só estava troçando. Por um momento, tinha pensado que falava sério,

— Quem vai cuidar do bar, Mike? Ou você o fechou? — perguntou ela, quando partiram para Nerja.

— Pago um menino local para cuidar do bar, às vezes. Ele só fala espanhol, mas as pessoas podem apontar o que querem. Nunca pensei, há cinco anos, que estaria cuidando de um bar de praia na Espanha,

— O que você fazia?

A pergunta foi a chance para um monólogo, que durou até que ele estacionou ao lado das grutas. Quase desde o começo da história, ele fora um corretor da bolsa, que tinha um enorme apartamento na praça Cadogan, e uma casa de veraneio nos Cotswolds. Sophie sabia que a história de seu passado era uma mentira. Era um mentiroso tão fluente e detalhado que ela poderia ter apreciado suas invenções se também, não fosse um motorista terrível. Quando desligou o motor, ela sentiu que já tivera tensões suficientes para um dia.

— Olha, não sei quanto tempo vou demorar, e não quero que fique preso a mim. Pegarei um ônibus de volta para o *camping*, Mike. Eles parecem passar por aqui com bastante frequência, e terei chance de falar com alguns andaluzes.

— Não, não. Não posso permitir isso. O ônibus é muito vagaroso e muito quente. Virei buscá-la dentro de uma hora. Não me importo de esperar — insistiu ele.

As grutas de Nerja eram impressionantes. De uma entrada estreita, e depois um pequeno museu de ferramentas e ossos pré-históricos, descia uma escada para a Sala de Cataclismo, uma câmara tão vasta e impressionante como uma catedral. Uma iluminação colorida, escondida, dava alguma idéia da beleza do lugar quando fora descoberto, antes que as luzes do século vinte extinguissem o brilho e a luz mágica, claras como jóias, perdidas na escuridão, longe dos olhos humanos durante três mil anos.

Quando finalmente emergiu para o calor iluminado pelo sol do ar de fora, Sophie tinha esquecido seu pavor de voltar para casa com Mike dirigindo. Faltavam dez minutos para vir buscá-la, e ela escolheu alguns cartões postais para mandar para casa, e tomou uma limonada gelada num terraço com vista panorâmica.

Várias horas mais tarde, enquanto andava perdida por Nerja, matando o tempo pois o serviço de ônibus não era tão frequente quanto havia pensado, um carro branco parou ao seu lado.

— Posso levá-la para casa? — perguntou Carlos.

— O que está fazendo em Nerja? — perguntou ela, cautelosamente, quando já estava sentada ao lado dele, com o carro andando.

— Procurando por você. Quando o seu cavalheiro voltou sem você, Sacha ficou preocupado. Como ele não tem carro, insistiu comigo para que viesse salvá-la. Preciso dizer que, para uma moça de sua idade, com a sua aparência, você não sabe reconhecer um macho predatório e evitar situações embaraçosas.

Sophie não disse nada. Aconchegada no conforto do carro dele, e na estranha segurança de sua presença, ela sentiu-se estupidamente perto de lágrimas.

— Quando você comeu pela última vez?

— Na hora do almoço, mas não estou com fome.

— Você pode não estar. Eu estou. Vamos comer no El Cortijo Blanco.

Quando saiu da porta marcada *señoras* da pequena fazenda que fora convertida em restaurante, tendo penteado o cabelo e colocado um pouco de batom. Carlos estava bebendo *sherry* com um olhar de distração carrancuda. Levantou-se ao vê-la chegar, e, pelo seu rosto sério, ela imaginou se seria interrogada, além de alimentada.

Ele havia pedido *arroz en crosta*, arroz e galinha cobertos com uma massa crocante com salada e vinho tinto. Ela começou a sentir-se menos deprimida, principalmente porque ele não a encheu de perguntas.

— O que você achou das grutas? — perguntou ele. E, quando o tópico já estava esgotado: — Conte-me sobre seu avô e os seus livros.

Ela lhe contou, mas cuidadosamente evitou qualquer comentário que revelasse seu interesse pessoal no assunto. Uma ou duas vezes, ao levantar os olhos do prato, ela o encontrou estudando seu rosto com um olhar particularmente interessado, que fez com que ela imaginasse se o fato de estarem falando sobre livros dera algum clique em sua memória.

Agora, dando-se conta de como fora tola em esperar que ele se lembrasse dela, a última coisa que queria era ser reconhecida como a menina que ele beijara anos atrás.

Foi por essa razão que, quando ele perguntou onde morava o avô, em vez de dizer a verdade, ela disse o nome de uma cidade próxima do lugar de veraneio onde crescera.

Estava escuro quando passaram por Almuñecar. Já que a torre só era acessível a pé, Carlos deixou seu carro num espaço atrás do bloco de apartamentos.

Enquanto caminhavam para o *camping*, Sophie disse:

— Muito obrigada por me trazer de volta e pelo jantar. Não sei o que você acha que aconteceu, mas...

— Poupe-me uma explicação — interrompeu ele, sarcástica-mente. — Como não é a primeira vez que lhe acontece esse tipo de contratempo, eu acho que você deveria ser um pouco menos inocente no futuro. Boa noite, Sophie. — E, com um gesto de despedida, virou-se de lado para falar com um velho espanhol grisalho com o qual obviamente tinha alguma amizade. Sacha estava falando com um campista quando ela se aproximou do quiosque, portanto deu meia-volta e foi até sua barraca, decidida a ir dormir cedo.

Estavam cozinhando um ovo para o café, quando Sacha perguntou na manhã seguinte:

— Eu estava certo sobre Mike e você, não? — disse ele. — O que Carlos disse quando a encontrou? Ou ele já tinha se acalmado?

— O que você quer dizer com acalmado?

— Ele não ficou satisfeito quando eu disse que você havia ido a Nerja com Mike. Mas quando Mike voltou sem você, puxa!

— Ele disse que você o persuadiu a me buscar.

— Eu não disse nada. Ele não pediu a minha opinião. Perguntou a Mike por que você não estava com ele. Mike pareceu embaraçado e disse que ele não tinha nada a ver com isso, mas que você decidira voltar de ônibus. Então, em seguida, Carlos disse que não havia nada especial para ver em Nerja, fora as grutas, e que ele responsabilizaria Mike se qualquer

coisa acontecesse a você. Portanto, era melhor que Mike lhe dissesse a verdade, imediatamente!

— Mas isso é bobagem. Por que ele deveria ser responsabilizado? E o que poderia me acontecer numa pequena cidade como Nerja, totalmente inofensiva?

— Ele pensou que você tentaria pegar uma carona para voltar. Sei que ele acha perigoso para moças viajarem dessa maneira. Ele é meio espanhol, e na Espanha as moças solteiras ainda são mais protegidas que em outros países.

— As moças espanholas podem ser protegidas, mas eu tenho certeza de que Carlos não sente a mínima obrigação de proteger moças estrangeiras — disse Sophie, num tom contorcido. — E o que aconteceu depois?

— Depois, Mike admitiu que houve um desentendimento entre vocês, e Carlos lhe disse para arrumar as malas e sair daqui imediatamente.

— Você quer dizer, sair do *camping*!

— Sair do *camping*, do bar, da província — disse Sacha, dramaticamente.

— Você quer dizer que o bar da praia pertence a Carlos, e que ele despediu Mike?

— Sim, mas acho que havia outras raz... — começou ele. Mas Sophie não estava mais escutando.

— Você pode comer este ovo cozido? Vou até a torre implorar uma audiência com o todo-poderoso sr. Walsingham — disse ela, com um brilho nos olhos.

Por uma vez, a beleza tranquila do pátio folheado falhou em fazer com que ela parasse e prendesse a respiração quando empurrou a porta na parede. Esta manhã, marchou resolutamente em torno da piscina, e puxou a corrente que tocava uma campainha antiga, produzindo um som profundo, parecido com o tocar de um gongo, que deve ter acordado qualquer campista que ainda estivesse dormindo.

Enquanto esperava pela resposta do chamado, ocorreu que Carlos poderia ainda não estar acordado. Mas, mesmo que estivesse na cama, a campainha deveria acordá-lo, e não havia tempo a perder se Mike devia ser readmitido.

De fato, não se passaram mais que um ou dois minutos antes que a enorme porta de ferro se abrisse para dentro, e Carlos levantasse uma sobranceira interrogativa ao ver sua visita, a esta hora da manhã. Estava com um roupão de seda fica azul-marinho, sobre calça de pijama quadriculado de azul-marinho e branco, julgando pelo seu peito nu, ele dispensava a camisa, mas já havia feito a barba, e o cabelo estava penteado.

— Eu gostaria de falar com você — anunciou Sophie, num tom firme.

— Com todo o prazer, entre! Não! Pensando melhor, talvez seja mais decente eu sair. Não a deixarei esperar por muito tempo. — Esperando que ele reaparecesse, ela andou em volta da piscina, desejando que não tivesse permitido que ele pusesse de lado a sua tentativa de explicação, na noite anterior. Mas mesmo se ela tivesse se dado conta que Mike era um de seus concessionários, nunca lhe teria passado pela cabeça que Carlos tomaria ações tão drásticas.

Quando ele se juntou a ela, já estava usando uma camisa e shorts, e carregava uma bandeja de desjejum na qual, ela notou, havia duas xícaras.

— Café? — perguntou ele, colocando a bandeja em cima de uma mesa branca.

— Não, obrigada. Eu já tomei.

Ele lançou-lhe um olhar enigmático.

— Sente-se, Sophie. Se não o fizer, eu não poderei fazê-lo, e prefiro tomar café sentado. Gostaria de comer uma fruta? — perguntou, indicando cinco ou seis pêssegos macios, arrumados numa cesta forrada com um guardanapo.

Ela sacudiu a cabeça impacientemente.

— Você parece subitamente muito preocupado em ser decente. Ele levantou os ombros levemente.

— Quando, na Espanha...

— Você estava na Espanha, no Miramar — lembrou ela. Carlos começou a descascar um pêssago.

— Um hotel é terra de ninguém, onde as pessoas se comportam de acordo com suas vontades. Aqui, na realidade, sou o convidado de meu primo, e você é uma jovem virgem e um pouco tola, um fato do qual eu não estava consciente no Miramar!

— Mas não tão jovem ou tola para deixar que você me seduzisse — retrucou ela. — Ou incapaz de lidar com alguém como Mike. Sacha me disse que você o despediu. Isso não faz com que se sinta hipócrita?

— Nem um pouco — disse ele, calmamente.

— Bem, mas deveria — disse ela, indignada. — Despedir um homem porque você suspeita que ele tentou exatamente a mesma coisa que você próprio tentou uma vez, me parece o cúmulo da hipocrisia.

— Não me recorde de jamais ter deixado uma moça abandonada a quilômetros de casa, e provavelmente sem nenhum dinheiro.

— Mike não me abandonou. Eu o deixei... mas não pela mesma razão que deixei o Miramar — acrescentou ela, acusadoramente.

— Qualquer um que ouvisse suas referências denunciadoras ao Miramar pensaria que você teve que defender sua virtude à força — respondeu Carlos, secamente. — Não foi um escape tão perto, se você se recorda.

— Não é provável que eu me esqueça! Você pode não ter me abandonado, mas forçou-me a dirigir mais do que uns quilômetros para achar um lugar onde passar a noite.

— Ao contrário, não a forcei a partir, e não teria forçado atenções que não lhe fossem bem-vindas, se você tivesse ficado. Você entrou em pânico, como moças de seu tipo são aptas a entrar, nessas circunstâncias.

— Suponho que você pensa que moças do meu tipo são um anacronismo divertido, não é?

— De forma alguma. Na Espanha, a maioria das moças solteiras é pura. A sociedade permissiva tem uma influência muito limitada aqui. É porque fui criado para respeitar tais moças que me preocupei com o seu bem-estar, ontem. — Ele parou, e mais uma vez olhou-a com uma expressão que ela não conseguiu interpretar. — Levando em conta que no norte dos Pirineus as pressões estão principalmente na outra direção, e que você é tudo menos feia, deve ter muita força de caráter para manter os seus princípios nada modernos.

— Não é preciso ter grandes poderes de resistência para recusar pães velhos, se, no fim do dia, se vai a um banquete

— disse Sophie.

— Já fui chamado de muitas coisas, mas nunca de pão velho

— comentou Carlos, com uma expressão magoada.

Em seguida, a pele no topo de suas altas bochechas mouriscas começou a enrugar-se, e ela sabia que ele ia rir. Era difícil continuar séria quando ele ria. Contra sua vontade, ela sentiu a boca querendo curvar-se em resposta. Fora sua aparência de alegria, de poder apreciar rapidamente os absurdos da vida, que a atraía tão fortemente em Barcelona. Agora, apesar de ela saber que estava rindo dela, a vista e o som de sua diversão fizeram com que quisesse desesperadamente entrar num acordo com ele. Mas não dava, e nunca daria. Portanto, ela puxou a boca para baixo, e disse seriamente:

— Por favor, Carlos, você não pode despedir Mike por não fazer nada. Não quis vir com ele para casa principalmente porque ele é um motorista abominável. Admito que fiquei um pouco assustada quando ele me levou para a casa vazia de alguma pessoa, e disse que poderíamos fazer um piquenique na varanda. Mas provavelmente, se eu tivesse ficado, ele só teria

contado mais histórias inventadas. Acho que é um sujeito bastante patético. Tenho certeza de que ele nem chegaria a ser ameaçador.

O divertimento desaparecera de seus olhos.

— Você está desperdiçando o seu fôlego, minha menina. Eu não sei para onde ele foi e, se soubesse, não faria nenhuma diferença.

Ele viu os ombros dela caírem, e falou num tom exasperado:

— Ora, não seja tão tola, Sophie! Você realmente pensa que eu o teria despedido só por essa razão? O homem tem sido um aborrecimento. Sua maneira geralmente é morosa, seu padrão de higiene é baixo, e já tive vários problemas por ele beber demais e não se comportar bem em Almuñecar. Desconfio que Piet queria livrar-se dele, mas ficou com medo de tomar alguma atitude. Não tive essa dificuldade.

Por um momento ou dois, ela não disse nada. Em seguida, vagarosamente, levantou-se.

— Entendo. Neste caso, sinto muito por tê-lo incomodado desnecessariamente. Deixarei que continue o seu café em paz — e virou-se.

Ele a chamou de volta, a expressão já não tão severa como quando estivera falando sobre Mike.

— O banquete sobre o qual você esteve falando. Quanto tempo está disposta a esperar?

— Talvez toda minha vida — disse ela, num murmúrio. — Suponho que isso lhe pareça bobo. Ele sacudiu os ombros.

— Bobo, não. Simplesmente muito jovem. Você leu muitas coisas de Robert Louis Stevenson?

— Só *A Ilha do Tesouro* e *Doutor Jekyll e Sr. Hyde*.

— Há um livro dele, chamado *Viagens com um Asno*, que resume as minhas ideias sobre esse assunto quando eu tinha a sua idade. Quantos anos você tem? Dezenove? Vinte?

— Tenho vinte e um. Quantos anos você tem?

— Estou velho demais para acreditar na fórmula de Stevenson para a boa vida, ou para esperar perfeição numa mulher.

— Eu não espero perfeição, só... — ela parou. — Preciso ir. Sacha estará esperando por mim. Quando chegou ao quiosque, Sacha estava curioso:

— Ele a ouviu?

— Não! Eu é que o ouvi.

Mais tarde, naquela manhã, ela passou pela barraca que Mike ocupara, quando Rosário, uma das faxineiras, estava limpando de cima a baixo. Pediu à moça inglesa que viesse ver o interior.

— Veja, señorita, acreditaria que qualquer pessoa, a não ser um porco, pudesse viver nesta sujeira? — Exclamou ela, no andaluz rouco e arrastado que Sophie finalmente estava começando a dominar.

Sophie ficou chocada e envergonhada que um compatriota inglês pudesse causar tanta imundície. Mike parecia uma pessoa razoavelmente limpa, mas seus alojamentos eram repugnantes. Na outra vez que ela foi à Almuñecar, Sophie procurou *Viagens com um Asno*. Mas a maioria dos livros de bolso ingleses que estavam à venda era de suspense ou "o livro do filme". Apesar do proprietário da livraria da cidade oferecer-lhe vários romances espanhóis, de capa dura, de "Carlos" Dickens, ele não tinha nenhum livro de Robert Louis Stevenson.

Pensou em escrever a vovô, pedindo-lhe que mandasse a Edição Pinguim, mas depois pensou que certamente encontraria uma cópia em Granada, que era uma cidade universitária. Ela estava profundamente curiosa para saber a fórmula da felicidade que atraía Carlos quando era mais jovem, mas na qual ele já não acreditava mais.

CAPITULO IV

Antes de Piet e Margriet voltarem a Torre del Moro, Carlos encontrou um casal dinamarquês para tomar conta do bar da praia e admitiu mais duas moças holandesas para a assessoria do *camping*.

No dia seguinte, à volta dos Veenvelts, Sophie pôde embarcar para sua visita tão adiada a Granada. Foi acompanhada por Sacha, que também tinha um longo fim de semana de folga e lhe perguntara, na presença de Carlos, se ela daria uma carona.

— Vi que você não fez nenhuma objeção a eu levar Sacha como passageiro — comentou ela com Carlos mais tarde, quando o outro já não estava mais presente.

— Pelo contrário, você o achará útil se precisar trocar um pneu — respondeu ele. — Não há muito tráfego na estrada entre Almuñecar e Granada. A estrada que sai de Motril é o caminho mais agitado desde a costa. Na estrada lateral, você poderia esperar muito tempo antes que alguém a ajudasse.

— Eu não teria que esperar. Sei como trocar um pneu.

— Imagino que saiba. Eu sei pregar um botão. Mas por que estragar suas mãos sem necessidade? E pode haver outras contingências com as quais você não saberia lidar.

— A estrada lateral é muito perigosa?

— Nem um pouco. Eu diria que é mais segura que a estrada de Motril, por causa da falta de tráfego. Você não precisa se preocupar em ter que dirigir à beira de precipícios numa estrada sem proteção.

Eram oito horas da manhã quando Sophie e Sacha partiram. Uma vez nas redondezas de Almuñecar, em vez de entrar na cidade, eles pegaram a curva que dava na *vega*, à planície fértil que rodeava o leito seco do rio Verde.

Enquanto dirigiam através da *vega*, na direção dos montes marrons do interior do país, Sacha apontou para plantações de *chiri-moyos*, árvores de origem sul-americana que só cresciam nessa parte da Espanha, e que davam uma fruta que externamente, se parecia com a alcachofra.

— Ouvi dizer que são deliciosas. Mas não são exportadas, e esta não é a estação certa para comê-las — disse pesarosamente.

— Onde você pretende ficar em Granada? — perguntou Sophie. A intenção dela era ficar num *camping* chamado Los Alamos, alguns quilômetros fora da cidade. Fora recomendado por dois jovens ingleses, que estavam em lua-de-mel numa barraca, e que tinham estado em Granada.

— Encontrarei um lugar — disse Sacha, vagamente. Quando finalmente marcaram o lugar de encontro para a volta, a estrada já ia para cima, na direção de Otivar, que, segundo Carlos, era a última aldeia da estrada. Depois de Otivar só havia alguns hotéis e fazendas isolados. Pensando em Carlos, e imaginando se ele ainda estaria na torre quando ela voltasse, Sophie perdeu o interesse pela viagem. Agora que os Veenveld estavam de volta, não havia nenhuma razão para ele ficar. Mas, certamente, ele teria mencionado sua intenção de partir. Ele certamente teria se despedido dela.

A atmosfera da cidade era uma mistura de *apartamientos*, blocos de escritórios e lojas novas, altas, ainda não acabadas. Quando tiveram que parar num sinal, Sophie viu um trabalhador usando jeans e um capacete de segurança, cor de laranja, empurrando um carrinho de mão e cantando. A música *flamenca* sempre lhe agradara, mas essa era a primeira vez que a ouvia em seu ambiente natural, cantada numa voz poderosa, por um homem que parecia descender de povo tão misterioso quanto as notas duras e vibrantes que saíam de sua garganta. Parcialmente cigano, parcialmente mouro, talvez parcialmente fenício, ele cantava com tal melancolia antiga que Sophie sentiu um estremecimento na espinha.

Foi preciso um leve toque de Sacha para ela notar que as luzes do semáforo haviam mudado. Mas, aí, ela se deu conta de que o motor não estava parado, mas morto.

Mais ou menos uma hora depois, o carro estava na oficina mais próxima e parecia que encontrar e consertar a causa do problema ia levar algum tempo. Sophie decidiu que, para não estragar o feriado de Sacha, ele se recusara a deixá-la sozinha para resolver a situação, teria que esquecer Los Alamos e encontrar algum lugar para ficar na cidade. No fim da tarde seguinte, ela pisou agradecida na sombra do vinhedo que formava um teto arejado na entrada lateral da igreja de San Jerónimo. Para sua surpresa e prazer, a grande igreja estava vazia. De todas as centenas de turistas em Granada, naquele dia, parecia que só ela estava interessada no túmulo de Fernando Gonzalo de Córdoba, o imortal El Gran Capitán.

Ficou na igreja alguns minutos e estava sentada debaixo do púlpito de mármore cor-de-rosa, apreciando o silêncio e o frescor depois do calor das ruas, quando, para sua surpresa, Carlos entrou.

— Você está percorrendo Granada muito minuciosamente — disse ele, enquanto se sentava ao lado dela. — A maioria das pessoas não faz questão de vir aqui.

— Queria ver a estátua do El Gran Capitán — explicou ela, olhando para as efígies pintadas do grande soldado e sua mulher, rezando em ambos os lados do altar. — O que o traz aqui?

— Semana que vem, vou com meus primos para a casa de verão nas montanhas, perto de Ronda. Vim a Granada para comprar um presente para Luísa. Estava numa loja aqui perto quando vi você passar. Eu a segui porque pensei que você e Sacha quisessem ouvir um bom *flamenco* esta noite. Mas talvez você não saiba onde ele está hospedado.

— Sim, eu sei. Dentro de meia hora vou me encontrar com ele em Plaza del Carmen. Tenho certeza que gostaria de ouvir *flamenco* tanto quanto eu.

Então suas suposições estavam corretas. Ele ia embora. Ela devia ter sentido alívio. Ao invés disso, teve uma forte sensação de desespero.

— Nesse caso, eu a acompanharei — disse Carlos. — Por que está interessada em El Gran Capitán?

— Ele foi um de meus heróis, quando eu estava na escola. Sua efígie é um pouco decepcionante. Sempre pensei nele como um homem alto, e mais escuro, em sua cor.

— Eu deveria achar que a relação dele com a esposa aumentou sua afeição por ele?

— O que quer dizer? Nunca li que ele fosse cruel com ela. — Não, cruel não. Mas você sabia que quando a tenda da rainha Isabel pegou fogo e as roupas dela se incendiaram, ele obrigou a noiva a dar a ela seu enxoval?

— Imagino que ele o devolveu mais tarde. Talvez fosse Isabel que ele amava. Há uma ou duas pistas que indicam isso, e tenho certeza que ela deve ter preferido o capitán a seu próprio e cansativo marido Fernando. Carlos pareceu divertido.

— Imagino que Isabel devia ser como Elizabeth I. Elas eram primeiro rainhas, e depois mulheres. Você já viu o túmulo de Isabel, na Capela Real?

— Sim, ontem; e de manhã cedo subi o morro até Alhambra. — Ela olhou para o relógio. — Vamos andando?

Fora, parecia estar mais quente que nunca. Carlos colocou a mão sob seu cotovelo para guiá-la ao atravessarem a rua em frente da igreja.

— Era o que você esperava?

— Como pode perguntar? Aquele teto incrível, e o labirinto de aposentos escuros com vista inesperada das piscinas e jardins lá fora. Mesmo cedo, já havia grupos dirigidos andando por lá. Para apreciá-la ao máximo, teria que estar lá sozinha — "ou com a pessoa amada", acrescentou mentalmente.

Quando chegaram à Plaza del Carmen, cinco minutos mais tarde, Sacha não estava em lugar nenhum.

— Vamos tomar alguma bebida gelada, ou você prefere um sorvete? — Perguntou Carlos quando se sentaram num café aberto, fora do clube Taurino, ao lado da praça movimentada.

— Uma bebida gelada, por favor. — Ela estava consciente de que a cidade adquirira um brilho que não tinha, para ela, há uma hora atrás. Não era de Alhambra que se lembraria, mas dessa praça indistinta, movimentada, das vozes sonoras de meia dúzia de homens que conversavam atrás deles, e das mãos escuras de Carlos descansando na beirada da mesa.

— Onde seus primos ficam, no inverno?

— Em Sevilha, que é terrivelmente quente no verão. Luísa e as crianças passam a maior parte do tempo no *cortijo*, e Hilário se junta a eles assim que pode. Aí vem Sacha.

Esperava que Sacha se atrasasse, e ficou surpresa por Carlos reconhecê-lo tão depressa, pois, desde sua chegada a Granada, ele subitamente assumira uma aparência mais sóbria. Quando comentou essa mudança, Sacha respondeu que roupas de praia não eram apropriadas para visitar museus e catedrais. E, apesar dele próprio não ter nenhuma crença religiosa, achava estúpido ignorar os códigos respeitados por pessoas mais velhas.

Agora, vindo na direção dele, carregando um pacote pequeno, poderia ser tomado por um rapaz espanhol a caminho do trabalho, depois da *siesta*. A camisa curta de algodão estava enfiada dentro da calça apertada, mas bem passada, e seus sapatos pareciam ter recebido recentemente a atenção de um dos vários engraxates da cidade.

— Passei por uma livraria e encontrei dois dos livros que você queria — disse ele a Sophie, depois que a presença de Carlos lhe foi explicada.

Ficou consciente do embrulho por alguns minutos. Quando pediu a Sacha que os comprasse, se passasse por uma boa livraria, não imaginava que Carlos subitamente apareceria em cena.

— Obrigada. Quanto lhe devo?

— Há uma nota na sacola. — Ele abriu a sacola de papel, tirando não só a conta, mas também os dois livros. Era esperar demais que Carlos não prestasse atenção nos livros. Mas tirá-los das mãos de Sacha e tentar enfiá-los na bolsa, às pressas, poderia piorar as coisas.

E, claro, quando ela abriu a bolsa para pagar o rapaz francês, Carlos esticou a mão por cima da mesa e apanhou os livros, segundos depois de Sacha colocá-los lá.

— Eu podia lhe emprestar o Gautier, Sophie. Por que não me perguntou se não havia uma cópia entre os livros da Torre?

— Você poderia não querer emprestá-lo.

— Para qualquer um, não. Para a neta de um colecionador de livros, com toda a certeza. O que temos aqui? — E, virando-se para o segundo livro: — *Viagens com um Asno*.

Era impossível dizer, pela expressão, se ele se lembrava da conversa na manhã em que fora até a torre, furiosa, para chamar sua atenção por ter despedido Mike. Mas tinha certeza que ele lembrava.

Felizmente, Sacha escolheu aquele momento para dizer:

— Sophie lhe contou sobre o problema com o carro? É impossível que as pessoas da oficina estejam exagerando os danos para conseguirem uma conta maior?

— Você sofreu um acidente? — perguntou Carlos, cortando.

— Não, não o... o carro simplesmente quebrou.

— Onde fica essa oficina? Acho melhor ter uma palavrinha com eles — disse, quando ela terminou de explicar.

— Ora, não. For que deve se incomodar? — protestou ela. — Tenho certeza que não estão tentando me enganar. Por que deveriam fazê-lo?

— Porque o negócio de carros é uma grande trapaga — disse Sacha cinicamente. — Como pode saber o que eles fazem; ou não fazem? Você tem que acreditar no que dizem.

— Geralmente, as oficinas espanholas são extremamente moderadas em seus preços. Mas a época de turismo traz muitos negócios extras. Eu poderia conseguir apressar o conserto — disse Carlos. — Eles lhe deram algum cartão, Sophie?

— Sim, mas tenho certeza que Sacha está se preocupando sem necessidade. Se o carro não estiver pronto a tempo para voltarmos... bem, poderemos voltar de ônibus, e eu virei pegá-lo quando estiver pronto.

— De qualquer forma, falarei com eles. O cartão, por favor, e uma caneta, se é que tem uma em sua bolsa.

Relutantemente, ela entregou o cartão que lhe fora dado pelo proprietário da garagem, e abriu o zíper de sua bolsa, que continha a caneta esferográfica.

— Então você vai ficar em Granada, como estava pretendendo. Onde posso encontrá-la esta noite? — Perguntou ele. Ela lhe disse, e ele escreveu o endereço atrás do cartão. A vista de sua letra recordou-lhe o bilhete que acompanhara a grande cesta de cravos que lhe mandara em Barcelona. O bilhete que ela deveria ter rasgado mas, traindo a razão lógica, guardara.

Em seguida, Carlos perguntou a Sacha se ele gostaria de ouvir um pouco de música *flamenca* naquela noite e, quando o rapaz francês assentiu, ele se preparou para acrescentar seu endereço ao que lhe fora dado por Sophie.

— O endereço é o mesmo. Nós dois estamos no Santa Clara — disse Sacha.

Sophie viu Carlos levantar as sobrancelhas. E disse:

— É perfeitamente normal. Sacha está compartilhando um quarto com dois outros rapazes, e eu estou com a filha mais jovem do proprietário. Foi gentil da parte deles acomodar-nos. Granada está cheia, no momento.

— Não duvido da respeitabilidade, só do seu conforto — disse ele, secamente. Chamou o garçom e pagou a conta. — Eu os apanharei às nove horas. Venham como estão. Comeremos em algum lugar, antes.

— Imagino que ele esteja no Meliá, ou no Luz — disse Sacha, referindo-se aos hotéis mais luxuosos da cidade, depois que Carlos os deixou, para que terminassem de beber com calma.

— Provavelmente. — Sophie começou a ler *Viaagens com um Asno*.

Quando Sacha perguntou se queria mais uma bebida, ela disse: — Não, obrigada. Se vamos ficar fora até tarde, esta noite.

acho que vou voltar para o Santa Clara e descansar. Vejo você mais tarde.

Depois de conversar um pouco com a mulher do proprietário, no bar do andar térreo, ela subiu os quatro andares íngremes que davam no quarto que compartilhava com Concepción, que tinha oito anos. Pequeno demais para conter qualquer mobília, além de duas camas de solteiro e de uma cómoda com gavetas, o quarto estava limpo, e se vangloriava de uma moderna pia. Só a torneira de água fria funcionava, deixando cair, depois de muitos ruídos e batidas nos tubos, uma água tépida, numa série de explosões sinfônicas, em vez de uma corrente estável. Depois de lavar-se dos pés à cabeça com o sabonete espanhol cheirando a limão que usava desde sua segunda semana no país, Sophie vestiu um penhoar curto de algodão que combinava com sua melhor camisola, e deitou-se para ler por uma hora ou duas. Antes que virasse vinte páginas, Concepción bateu na porta e entrou para conversar, e para repartir um cone de papel de *pipas*, as sementes secas de girassol, que eram mais baratas e duravam mais do que caramelos.

As duas irmãs mais velhas de Concepción, Elena e Dolores, e seu irmão, Emílio, estavam trabalhando em hotéis na Inglaterra. Antes dela terminar de contar a história da família, Sacha bateu na porta para perguntar se Sophie estava com vontade de ir até a *churrería* da esquina.

Adivinhando que o programa agradaria muito a Concepción, ela pediu que esperasse enquanto se vestia. Em seguida, os três foram até a loja que se especializava em churros, os pedaço compridos de massa açucarada, que eram duplamente delicio-sos quando mergulhados no chocolate quente.

— Ele é o seu noivo? — perguntou Concepción.

Sophie sacudiu a cabeça negativamente e explicou que ela e Sacha simplesmente estavam trabalhando juntos, na costa.

— Você acha que a mãe dela pensa que somos noivos e pedirá para irmos embora quando descobrir que não somos? — Perguntou Sophie a Sacha.

— Por que faria isso?

— Este não é como um hotel grande, onde todo tipo de coisas irregulares acontece... — a lembrança do Miramar latejou subitamente, como um nervo exposto. — E ela pode pensar que sou uma moça má, pelos padrões espanhóis.

Sacha riu.

— Ela não é tão estúpida — retrucou ele, em sua própria língua. — Qualquer um pode ver que você não é namorada de ninguém.

"Carlos não pôde ver", pensou ela. Agora que ele ia sair de sua vida, e ela tinha certeza de que não pretendia voltar novamente à torre, neste verão, toda desilusão desde sua chegada à Espanha estava sendo revivida.

Eram oito horas quando voltaram ao Santa Clara, e Concepción foi chamada à cozinha para ajudar a mãe a preparar a refeição noturna da família.

Apesar do comentário de despedida de Carlos, Sophie não pretendia reaparecer com o conjunto de túnica e calça de algodão cor-de-rosa que usara para passear. Subiu ao quarto e vestiu o seu vestido favorito, um vestido que havia pretendido usar para jantar com ele em Alicante. Ela o comprara na França. Da cor de um sorvete de limão, não parecia nada, no cabide. Mas, assim que o experimentara, ela sabia que valia cada franco de seu preço.

Às quinze para as nove, a *señora* Moreno subiu as escadas e, sem fôlego, anunciou que um cavalheiro *muy hombre* estava esperando Sophie no bar.

A caminho do bar, Sophie bateu na porta de Sacha e gritou:

— Carlos chegou!

E ouviu-o responder:

— Estarei lá em cinco minutos, está bem?

— Está bem.

— Aquele jovem rapaz também vai a companha-los? — Perguntou a *señora* Moreno, do meio da escada.

— Na Inglaterra, temos um ditado que diz que há segurança nos números, *señora*.

A proprietária deu uma risada estridente.

— Ah, muito verdadeiro, muito sábio! Aquele que está lá embaixo é capaz de fazer até mesmo uma mulher da minha idade se comportar como uma tola. Que ombros.' Dentes magníficos! Seu sorriso derreteria a neve no topo de Mulhacén — exclamou ela, virando os olhos.

Carlos estava escutando um velho homem sem dentes quando Sophie entrou no bar. O contraste entre eles era extraordinário; e mesmo assim, talvez, em seus dias, o velho tivesse sido tão *muy hombre* quanto Carlos.

Pensou no El Gran Capitán, cujo nome, há muito tempo atrás, soara como um trompete através da Europa, mas do qual, agora, não restava nada a não ser ossos, poeira e uma efígie pintada. Pela primeira vez na vida, ficou consciente de sua própria mortalidade, e da possível falta de sabedoria de . rejeitar oportunidades de felicidade.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Carlos, enquanto trocavam um aperto de mãos.

Sua percepção a espantou. Ela disse:

— Não, nada — e imaginou como ele podia ler tão facilmente sua expressão, já que a sua própria expressão era geralmente um enigma.

O mesmo pensamento voltou horas mais tarde, quando, satisfeita depois de um longo jantar delicioso, eles estavam sentados num jardim cheio de folhas, olhando uma moça de olhos escuros jogar seu longo cabelo negro para trás, batendo seus saltos vermelhos e fazendo suas castanholas baterem em ritmo com seus pés. Era linda, uma criatura que se parecia com o fogo, e Sophie esperava que Carlos assistisse à sua apresentação com o mesmo olhar que ela vira no rosto dos outros homens Presentes. Mas seus olhos cinzas estavam estranhamente im-passíveis, quase como se ele estivesse achando tudo monótono.

Enquanto a dançarina descansava de seus exercícios, um jovem homem cantou *cante jondo*, depois do qual a moça dançou novamente, fazendo os babados de sua saia esvoaçarem, torcendo e entrelaçando os braços brancos e mãos sinuosas, com os olhos e dentes brilhando na loucura do ritmo mais rápido do *flamenco*.

Era muito tarde quando saíram da *carmen* onde viram a apresentação. Carlos, chamou um táxi. Sentou-se atrás, ao lado de Sophie, e Sacha sentou-se ao lado do motorista.

Diferente dos táxis de Londres, nos quais Sophie frequentemente fora beijada por William e outros, os táxis de Granada não proporcionavam nenhuma privacidade aos namorados. Na realidade, o espaço na parte de trás era inadequado para as pernas compridas de Carlos, e Sophie sentou-se apertada em seu canto, para deixar o máximo de espaço possível para ele. O charuto de Sacha e a pomada de cheiro penetrante do motorista do táxi fizeram com que o ar ficasse bastante sufocante. Ela ficou contente quando Carlos abriu uma janela, dizendo:

— Amanhã vou passar uma noite no *parador* perto do topo da Sierra Nevada. Como seu carro não estará pronto por alguns dias, Sophie, será que você e Sacha gastariam de vir para as j montanhas comigo? Levarei vocês de volta, depois de amanhã, Até ele falar, ela tinha esquecido o carro.

— Oh, céus, será que o problema é sério? O que as pessoas da oficina lhe disseram?

— Não, não é muito sério. Simplesmente uma peça que eles não têm em estoque e terão que encomendar. Eu arranjei para que, quando o serviço estiver terminado, um dos rapazes da oficina o traga de volta ao *camping* para você. Depois ele pode viajar de carona até Granada. Sempre há muitos caminhões na estrada principal daqui para Motril. Dar-lhe uma gorjeta generosa não será mais caro, e menos problemático, do que vir você própria buscar o carro.

— É muito gentil de sua parte. Espero que a peça não demore. , O táxi já chegara à *pension* deles. Enquanto ajudava Sophie a descer, Carlos perguntou:

— Bem, você gostaria de ver a neve de perto?

— Gostaria.

— E você, Sacha?

Sophie prendeu a respiração até que Sacha disse que ele também apreciaria uma noite longe do calor, para variar.

Com medo que a luz incomodasse Concepción, Sophie não leu na cama, por mais que quisesse encontrar a passagem que Carlos mencionara.

Ele combinara encontrar-se com eles para o desjejum, no café que ficava ali perto. Durante a refeição, Sacha descobriu que esquecera seu relógio no Hotel Santa Clara. E voltou para apanhá-lo.

— O que você teria feito se Sacha tivesse dito que não queria ir visitar o *parador*? — Perguntou Carlos, quando ficaram sozinhos.

Ela continuou a passar geléia de pêssego sobre o pão.

— Eu teria dito, educada mas firmemente, que nesse caso, eu também não poderia ir.

— Apesar da minha promessa de não tentar nada? Você não põe muita fé em minhas palavras — disse ele, secamente.

— Mas você limitou essa promessa dizendo "a não ser que você mesma indique que a virtude não é mais o seu próprio prêmio". Se tivesse concordado em ir ao *parador* sem Sacha, você poderia pensar que mudei de idéia.

— Tinha me esquecido desse trecho.

— Pois eu não. — Ela ficou contente por estar usando óculos escuros. Assim, ele não podia ver seus olhos e talvez detectar a dor de seu coração. Felicidade era estar tomando o café da manhã com Carlos, no sol, na legendaria cidade de Granada. Mas, se o seu sorriso fosse terno, além de inquiridor, se sua atração mútua fosse mental, além de física... então, poderia estar no paraíso.

Depois do café da manhã, eles dirigiram para fora da cidade passando por Plaza de Isabel, La Católica. Essa praça lembrou Sophie de Picadilly Circus, com a exceção de que ali, ao invés da pequena deusa do Amor, com asas, o tráfego passava em volta de uma estátua da maior rainha da Espanha, entronada no topo de um pedestal com cinquenta ou mais jatos de água formando uma bela fonte em forma de ferradura de cavalo, debaixo dela.

Em seguida, rapidamente, a cidade foi deixada para trás, e a estrada subiu por um desfiladeiro, que dava para a base da montanhas.

Sophie aprovava o modo como Carlos dirigira em Barcelona. Agora, enquanto a estrada começava a rodar numa sucessão de curvas estreitas e apertadas, em forma de "U", ficou duplamente impressionada. Sendo ela própria motorista, sabia que não é fácil fazer o carro passar suavemente por curvas repetidas.

Quando já estavam subindo havia algum tempo, ele parou o carro, e todos desceram para ver o cenário. Apesar de agora estarem a uma grande altura sobre a cidade e a *vega* fértil atrás dela, a brancura estonteante dos campos de neve ainda estava muito, muito mais acima.

Ele trouxera alguns alimentos. Para Sophie e Sacha, havia vinho tinto e uma caixa de papelão contendo doces diferentes. Carlos bebeu água mineral e ela lembrou-se de ele ter dito, há muito tempo, que nunca bebia vinho quando estava dirigindo. Ele também não comeu os doces. Embrulhado em vários guardanapos de papel, ele trouxera um *bocadillo* de pão fresco recheado com algo escuro.

— Parece bom — comentou ela.

— Creio que você não gostaria, Sophie — com sua expressão irônica.

— Por que não?

— Pode experimentar, se quiser. Tire um pedaço de pão. — Seus olhos, enquanto oferecia para ela, estavam atípicos e zombeteiros. Claramente, havia alguma coisa sobre o sanduíche que ele esperava que ela achasse terrível, e ele se divertia ao vê-la tentando não demonstrar sua repulsa. O que havia no sanduíche? Alguma coisa que ela detestaria engolir? Alguma coisa que queimaria sua garganta por horas?

Não sem alguma indecisão, tirou um pequeno pedaço da crosta e também uma fatia de salsicha, que parecia mármore marrom-avermelhado. Cautelosamente, mordeu um bocado e mastigou, preparada para uma reação desagradável.

— Mas é delicioso! — disse, com uma voz intrigada, depois de ter engolido.

— Você realmente acha? — perguntou ele, com um olhar estranhamente inquiridor.

— Como qualquer pessoa poderia não achar? Que tipo de salsicha é essa?

— *Butifarra* negra. Não é uma salsicha sulina, apesar de ser possível consegui-la aqui. É uma especialidade catalã. O pão foi molhado com óleo de oliva e suco de tomate.

— E você pensou que eu detestaria o óleo de oliva?

— Não é comum os ingleses gostarem tanto dele ao ponto de quererem molhar o pão. Esse sanduíche é o que seria oferecido numa lanchonete frequentada por trabalhadores espanhóis. Achei que você teria preferido algo daquele tipo — disse, indicando os doces.

— O que prova que não é certo ter ideias preconcebidas sobre as pessoas — respondeu ela, com um olhar a altura.

— Você tem razão. Afinal de contas, não é a primeira vez que a julgo mal.

A referência ao episódio de Alicante fez com que ela abaixasse o olhar, e dissesse, rapidamente:

— Os doces parecem igualmente gostosos. Vou experimentar esse comprido com amêndoas.

Acima das primeiras elevações, as montanhas estavam nuas de qualquer coisa a não ser ervas daninhas. E, a cada curva da estrada, o ar se tornava mais frio e penetrante.

Finalmente, não muito longe do pico, eles chegaram ao *parador*, um prédio comprido e baixo, designado como um paraíso aconchegante aos esquiadores, quando os rochedos ficavam cobertos pela neve.

Quando o encarregado da recepção lhe deu uma caneta, Sophie lembrou-se novamente da última vez que assinara um registro de hotel e da humilhação que se seguira. Imaginou se Carlos também estava recordando a última ocasião quando se registraram no mesmo hotel.

O encarregado entregou-lhes as chaves de seus quartos, e Carlos apanhou a mala de Sophie, além da própria bagagem. Os três começaram a subir as escadas. No meio do caminho, Sophie segurou o corrimão, e encostou-se contra a parede, respirando ofegante.

— Não fique assustada. Você não está doente. Estamos a oito mil metros do nível do mar. Você não pode subir as escadas correndo, nessa altitude. Pelo menos até que tenha se acostumado — assegurou-lhe Carlos.

— Que sensação horrível! — disse ela, quando seu coração começou a bater com menos força.

— Sinto muito, devia ter avisado. — Ele entregou a mala dela para Sacha, e colocou seu braço em volta de sua cintura para ajudá-la a subir o resto das escadas.

— Eu também sinto o efeito dessa altitude — murmurou Sacha, atrás deles.

— Você sobreviverá — disse Carlos, alegremente.

Olhando para seu rosto, Sophie viu, pelo riso em seus olhos, que o braço dele não estava em volta de sua cintura porque ele achava que ela não conseguiria chegar ao topo das escadas sem ele.

Seu quarto, ela descobriu, tinha três níveis. Fora decorado para acomodar quatro pessoas mas, evidentemente, o número de hóspedes acomodados no *parador*, no momento, era muito menor que os oito ou mais hóspedes que Carlos dissera que poderia acomodar.

A parte mais baixa do quarto tinha dois beliches e um banheiro com azulejos. Vários degraus levavam à uma área de estar que continha uma escrivaninha, algumas cadeiras, e uma janela dupla com vista desde a montanha até a cidade. Dessa área, muitos degraus de pinho levavam ao nível mais alto, que continha duas camas de solteiro e mais um banheiro.

Sophie tomou um chuveiro rápido. Estava enrolada numa toalha de banho branca, luxuosamente larga, quando alguém bateu na porta. Ela apressou-se para o nível mais baixo.

— *Quién es?*

— Carlos.

Com a mão na maçaneta, ela hesitou, imaginando se deveria gritar que estava se trocando. Em seguida, mantendo-se atrás o máximo possível, ela abriu a porta, e disse:

— Sim?

— Eu a tirei do banho? — perguntou Carlos, vendo seu ombro enrolado na toalha.

— Não, não. Já tinha terminado. Aconteceu alguma coisa?

— Achei que você ficaria contente com isto, se quiser passear esta tarde. Ficaré grande, mas é melhor que nada, e imagino que você não trouxe roupas quentes.

— Não, não trouxe. Muito obrigada — disse ela, pegando o pulôver. — Mas, e você? Tem outro para usar?

— Sim, tenho toda a minha bagagem no carro. Só vou passar mais uma noite na torre, portanto arrumei minhas malas antes de ir embora. Veja você mais tarde — Ele desapareceu no corredor.

Sophie fechou a porta, e sacudiu o o pulôver azul-marinho, que estava enrolado. Era feito de cashmere, com a etiqueta de seda de uma loja cara, para homens, em Zurique, dentro do colarinho. A atenção dele fez com que se sentisse envergonhada por, alguns minutos atrás, ter estado nervosa ao abrir a porta, pensando que a falta de roupas faria com que ele ousasse entrar para beijá-la.

"Gostaria de saber até que ponto posso confiar nele", pensou, lembrando-se da conversa durante o café da manhã.

Depois do almoço, eles subiram mais além, a pé, para ver a Virgem das Neves, uma alta estátua moderna, feita de alguma combinação de metais prateados, coroando um monte de pedras arqueado.

— Mulhacén e Veleta são os dois picos mais altos da Espanha

— disse Carlos, mais tarde, em resposta a uma pergunta de Sacha.

— Mulhacén é mais alto do que alguns picos nos Alpes suíços. Sophie lembrou-se da sentira Moreno comentando que ele

tinha um sorriso que podia derreter a neve no Mulhacén. Aconchegada no calor de seu pulôver, ela pôde apreciar a brisa que fazia os tufo de grama das rochas estremecerem, e teria feito com que ela tremesse também, se estivesse usando só sua camisa de algodão, para cobri-la.

O sol estava desaparecendo quando voltaram ao *parador*. Seguindo a sugestão de Carlos, eles relaxaram no bar, que ficava na galeria em cima da sala de jantar. As poltronas estavam cobertas com couro cru, ou com peles de cavalo cinza e marrons. A parede, atrás da galeria, tinha ferros de lareira antigos, de cobre, pendurados, que brilhavam à luz tranquila dos abajures de cerâmica espanhóis, que estavam sobre as mesas.

Os homens beberam cerveja e leram jornais. Sophie tomou pequenos goles de um copo muito quente de café com leite e caiu num devaneio preguiçoso. Devia ter dormido um pouco. Quando abriu os olhos, só Carlos ocupava o sofá oposto à sua poltrona.

— Onde está Sacha?

— Subiu para tirar uma soneca.

— Acho que farei a mesma coisa.

— Por que não? A recepção a chamará se lhes disser a que horas quer ser acordada para o jantar. Nós pensamos em comer às nove, se estiver bem para você...

— Sim, está bem. — Ela se levantou. — Não se levante. Mas ele já estava em pé. Quando, da porta, olhou para trás, ele já estava sentado novamente, muito concentrado numa revista de notícias. Absurdamente, sentiu-se magoada por ele ter deixado que se retirasse, sem discutir. Esperava que ele sugerisse que tomasse mais um café, ou um drinque.

Em seu quarto, ela tomou um longo banho, e depois deitou-se na cama e abriu *Viagens com um Asno*. Mais ou menos meia hora mais tarde, encontrou a passagem que estava procurando

"Pois há um companheirismo mais tranquilo que a solidão o qual, compreendido corretamente, é a solidão tornada perfeita. E viver ao ar livre com a mulher que um homem ama é, de todas as vidas, a mais completa e livre."

Para ter certeza que não havia errado, ela leu até o fim do livro, mas não achou mais nada que pudesse ser o que Carlos chamara de "a fórmula de Stevenson para a boa vida."

Às quinze para as nove, seu telefone tocou. Alguém disse, em espanhol:

— A *señorita* pediu para ser chamada.

— *Si... gracias.* — Sophie recolocou o telefone no gancho e jogou as pernas no chão. Quando voltou ao bar, alguns minutos depois das nove, Carlos estava onde o deixara. Escrevia uma carta. Mas estivera no quarto nesse meio tempo. Agora ele estava usando camisa e calça diferentes.

Era curioso como algumas vezes ele parecia muito espanhol, e outras, muito inglês. Essa noite, em comparação com os homens espanhóis no bar, que estavam todos usando terno e cheirando fortemente a loção pós-barba, Carlos parecia extremamente inglês. Na opinião de Sophie, suas roupas eram muito mais adequadas a uma atmosfera de chalé de esqui do que os ternos dos outros homens presentes, e ela chegara à conclusão, muito tempo atrás, que os homens deviam cheirar limpeza, mas não a perfume.

O jantar, como o almoço, foi excelente, com tanta fartura que, se eles não tivessem passado a tarde em grande atividade, até mesmo o bom apetite de Sophie poderia não estar à altura da galinha assada em seguida os grossos filés de peixe-espada.

— Você está quieta essa noite, Sophie — disse Carlos, levantando uma sobrancelha escura na sua direção.

Por algum tempo, ele estivera ouvindo Sacha, e ela se aproveitara da distração dele para estudá-lo e imaginar o que acontecera para transformá-lo do menino à procura de "solidão tornada perfeita" no homem do mundo, que há muito descartara seus ideais juvenis. Pelo menos em relação às mulheres.

— Estou tonta com o ar e a comida das montanhas — respondeu ela, pegando seu copo de vinho. Carlos levantou o copo.

— *Salud y pesetas.*

— Eu prefiro ter saúde... e felicidade.

Estivera na ponta de sua língua dizer "e amor", mas ela substituíra por felicidade porque, no vocabulário dele, amor não significava a mesma coisa que para ela.

— Como quiser. *Salud y felicidad.* — Ele bebeu ao brinde corrigido.

Depois do jantar, os dois homens jogaram xadrez e Sophie folheou as páginas de um jornal de moda francês, deixado lá por alguém, e tomou pequenos goles da mistura refrescante de suco de laranja gelado e champanhe que Carlos pedira para ela.

"Depois de amanhã ele já terá partido e eu poderei nunca mais vê-lo", pensou, olhando sua mão bronzeada movimentando um dos peões.

"O que teria acontecido se eu fosse um tipo diferente de pessoa e tivesse ficado com ele no Miramar e mandado um telegrama para Piet e Magriet, dizendo que não viria mais?", pensou ela. "Será que Carlos e eu ainda estaríamos juntos? Ou será que já teria se cansado de mim? Pelo menos agora, quando ele for embora, ainda terei o meu respeito próprio.

Ficarei infeliz; mas não me sentirei descartada e desesperada, como Kate, quando Richard a abandonou."

"Não, mas Carlos não é marido de ninguém. Ele é livre, e você é livre, e que mal teria em ser feliz com ele?", argumentou o seu outro lado. "Restará pouca satisfação em lembrar-se que você resistiu a ele, quando tiver a idade de tia Rose, e você nunca encontrou ninguém que significasse alguma coisa para você, comparado com Carlos."

Às onze horas, ela foi para a cama. Os dois homens ainda estavam jogando xadrez.

— Acho que a negligencieei — disse Carlos, ao levantar-se para lhe dizer boa noite.

— Você acha que as mulheres precisam ser distraídas o tempo todo, para não ficarem aborrecidas? — perguntou friamente. — Eu sou capaz de pensar, você sabe.

— Minha querida menina, não estava criticando os seus recursos intelectuais, mas sim, minhas próprias maneiras — disse ele, secamente. — Você tem algo divertido para ler na cama?

— Sim. obrigada. Boa noite. Boa noite, Sacha.

Aborrecida consigo mesma por ter sido tão sensível, ela os! deixou. Mas, apesar de ter *Andanças pela Espanha*, de Gautier, o livro não conseguiu prender sua atenção.

Ela não conseguiu pensar em nada a não ser em Carlos sua partida iminente, e em como sentiria falta dele.

As sete horas da manhã seguinte, uma rajada de granizo contra sua janela fez com que pulasse da cama para fechá-la. Ainda estava garoando quando desceu para o café da manhã. Sua mesa na sala de jantar estava vazia, e ela decidiu tomar o café da manhã mesmo assim. A garçonete trouxe café com torradas, manteiga e geléia de pêssago, seguida por uma cesta de churros e alguns pães doces servidos quentes, que a moça espanhola chamava de *suizos*.

Enquanto comia, Sophie viu raios de sol aparecendo no céu nublado. O tempo parecia estar melhorando. Subitamente, por alguma razão que não soube explicar, virou a cabeça para olhar para a escadaria que ligava a sala de jantar à galeria. Perto do topo das escadas, estava Carlos, parado, olhando para ela. Teve o pressentimento de que estivera parado ali por alguns minutos. Quando seus olhos se encontraram, ele a cumprimentou com a cabeça e desceu as escadas para juntar-se a ela.

— Bom dia. Dormiu bem?

— Como um pedaço de pau, até a tempestade de granizo. Você viu a qualidade dos lençóis? São de algodão de Sea Island.

— Não, não posso dizer que prestei atenção à qualidade dos lençóis. — Ele sentou-se e desdobrou o guardanapo, e a garçonete lhe trouxe o seu café, virando a asa do bule de café e da jarra de leite na direção de Sophie.

— Ela pensa que somos casados — disse Carlos, virando-os na sua direção.

— As pessoas casadas não costumam descer juntas para o café da manhã? — perguntou Sophie, estudando as migalhas em seu prato.

— Ela pensa que tivemos uma briga. É por isso que você está fazendo caretas para a toalha da mesa em vez de sorrir para mim como uma boa esposa deveria fazer na mesa do café. Aí vem ela com minhas torradas. Você pode observar que está preocupada conosco. Ela se sente aborrecida ao ver que os hóspedes não estão se divertindo.

— Então por que não lhe diz que não somos casados e que não tivemos uma briga? — Sophie manteve os olhos abaixados.

Ele colocou a mão em seu queixo e levantou seu rosto.

— Porque seria tão mais simples se você me desse aquele lindo sorriso que tem.

O toque dele, o tom de sua voz e o olhar em seus olhos fizeram com que seu coração batesse ainda mais rapidamente do que nas escadas, no dia anterior.

Em seguida, a moça trouxe as torradas para a mesa e perguntou se Sophie queria mais alguma coisa para comer, e o momento de emoção acabou. Alguns minutos mais tarde, Sacha juntou-se a eles.

Sophie ficou na mesa até que os dois homens terminassem de comer, mas não participou muito da conversa. Estava quase totalmente preocupada com o comportamento inescrutável de Carlos. Por que a olhara daquela maneira? Por que dissera que seu sorriso era lindo, num tom que derreteria até granizo? Quando os três se levantaram da mesa, Carlos disse: — Achei que, em vez de voltarmos pelo caminho que viemos ontem, seria mais interessante para vocês se descêsemos pelo outro lado das montanhas.

— Mas eu pensei que a estrada terminasse no pico! — disse Sophie.

— A estrada asfaltada termina no pico, mas há uma estrada de terra que nos levaria até Capileira, uma das vilas Alpujarra.

— A que horas você pretende partir? — perguntou Sacha. Carlos olhou para seu relógio.

— Assim que vocês estiverem prontos.

— Eu me apronto em dez minutos. — Sophie deixou-os para ir ao seu quarto.

Quando, menos que dez minutos mais tarde, ela desceu à recepção, ficou um pouco receosa que Carlos pudesse ter pago sua conta. Para seu alívio, ele não fizera isso.

O céu estava uma massa sólida de nuvens, e outra tempestade de granizo parecia iminente quando o carro branco deslizou para fora da garagem e seguiu para o pico da montanha. A estátua da Virgen de las Nieves parecia tão cinza quanto as nuvens escuras sobre ela, e sua cobertura prateada, deixada sem vida pela lua fria de inverno.

No ponto mais alto da passagem, havia um aviso advertindo os motoristas que o caminho de descida pelo lado costeiro da *sierra* só era adequado para veículos pequenos e Land Rovers e que todos os motoristas deviam prosseguir com extrema cautela. Pelo fato de, nesse ponto, a estrada transformar-se num caminho estreito, desaparecendo entre bancos de neve, o efeito desse aviso era um pouco assustador.

Para fazer a curva estreita, Carlos quase parara o carro. Antes de soltar o freio, virou-se para Sophie e disse:

— Se você não gosta do que está vendo, não precisamos descer por este caminho.

Do banco de trás, Sacha perguntou.

— Você já passou por este caminho, antes?

— Sim, muitas vezes. E cheio de truques, mas não é realmente perigoso. — Olhou para Sophie. — Mas, se você não confiar na minha maneira de dirigir, não precisa ter escrúpulos para dizer isso. Ou, para dizer que não gosta de alturas.

— Confio completamente na sua maneira de dirigir — assegurou-lhe ela.

— Vamos, homem. Parece que será uma experiência diferente — concordou Sacha.

Carlos fez o carro andar suavemente para a frente.

— Mas só na minha maneira de dirigir... *verdad?* — disse ele, calmamente, para Sophie. Em seguida, prestou atenção à passagem que abria caminho por entre a neve.

A viagem durou quase três horas e, em alguns lugares, eles passaram por abismos rochosos terrivelmente remotos e vazios. A única habitação que encontraram foi uma grande cabana de pedras, com telhado de ardósia, e Carlos disse que era o Refúgio Rio Seco, um abrigo para alpinistas. Ocasionalmente, o caminho passava por pequenos lagos de água verde e gelada. Durante grande parte do caminho, eles passaram por beiras de precipícios e parecia que, a qualquer momento, poderiam cair, com uma avalanche, dentro deles. Mas, apesar de achar que não gostaria de dirigir sozinho, Sophie não tinha dúvida que Carlos sabia o que estava fazendo.

Finalmente, o cenário frio e nu da montanha começou a dar lugar a gramados e alguns arbustos sacudidos pelo vento. Mais adiante, eles passaram por um rebanho de cabras pretas, e depois, por uma casa simples e sem conforto, onde uma mulher de preto com um lenço preto na cabeça olhou friamente para o carro e seus ocupantes.

"Será que ela pode ser feliz?", imaginou Sophie. "Até mesmo com Carlos, eu não poderia ser feliz vivendo aqui. Mas talvez, se eu nunca tivesse conhecido outras coisas..."

Eles pararam para almoçar perto de um riacho, acima da vila de Capileira. Carlos colocou uma garrafa de vinho e uma garrafa de Casera mineral na água, para gelarem. Sophie imaginou se ele iria tirar o equipamento de prata. Mas os almoços embrulhados feitos no *parador* incluíam pratos e copos descartáveis.

Meia garrafa de vinho e o calor do meio-dia fizeram com que ela se sentisse muito sonolenta, depois do almoço. Tanto ela como Sacha estavam bocejando quando entraram no carro. Mas Carlos, lendo bebido só Casera, não mostrou nenhum sinal de sono.

Mais tarde, Sophie lembrou-se de Capileira como um amontoado de velhas casas brancas com cascatas de gerânios derramando por cima de suas varandas. Em seguida, a estrada continuou diretamente para baixo, passando por outras vilas similares, através de um campo de madeiras e vinhedos.

Numa cidade um pouco maior, Carlos estacionou o carro em frente a um bar.

— Café? — sugeriu.

Enquanto atravessavam a rua em direção às mesas e cadeiras colocadas do lado de fora, sobre a calçada, e cobertas com um toldo, ele disse para Sophie:

— Creio que você achará o banheiro daqui razoavelmente civilizado.

Ela apreciou sua consideração, apesar de saber que, se fosse necessário, não teria hesitado em desaparecer dentro da vegetação rasteira, como os dois homens haviam feito durante o piquenique.

Eles chegaram ao *camping* no fim da tarde. Carlos os deixou na entrada, e interrompeu seus agradecimentos com um casual "fico contente por vocês gostarem".

Em seguida o carro partiu, e Sophie foi deixada com uma convicção desanimadora que o resto do verão, talvez o resto de sua vida, seria uma luta dolorosa para esquecer alguém que, sem dúvida, a esqueceria no espaço de um mês.

Depois do silêncio e do luxo de seu quarto no *parador*, o barulho dos apartamentos cuja vista dava para o *camping* era duplamente perturbador. Ela dormiu mal naquela noite, e acor-dou com dor de cabeça.

No meio da manhã, ela estava consolando uma criança pe-guena que caíra nos degraus da casa dos chuveiros, quando Sacha passou por ela, e disse:

— Carlos quer se despedir de você. Está esperando fora da sua barraca.

— Ah, está? — Sophie sentiu um tremor tomar conta dela. — Eu cuidarei deste aqui — disse Sacha, ficando de cócoras para falar com a criança.

Vagarosamente, Sophie foi até a barraca, preparando-se para parecer calma e despreocupada.

Encontrou Carlos sentado em sua cadeira de *camping*.

— Ouvi dizer que você já vai partir. Tem uma longa viagem à sua frente? — perguntou ela alegremente, quando, ao vê-la, ele se levantou.

— Não, não muito longa.

— Bem... *buen viaje*, Carlos — Ela estendeu sua mão.

— Obrigado. — Sua mão fechou-se sobre a dela, e segurou-a. E continuou a segurá-la. —

Na realidade, estou esperando conseguir persuadi-la a vir comigo — disse ele, depois de uma pausa.

— Ir com você? — repetiu ela, confusa.

— Não há necessidade de ficar tensa — disse ele, secamente. — Não estou sugerindo nada impróprio. É só que meus primos têm um problema que talvez você esteja disposta a resolver para eles. Eu telefonei para Hilário ontem à noite, para dizer que estaria chegando ao *cortijo* hoje à noite, e ele me disse que srta. Hempnall, a governanta das meninas, teve que ser internada no hospital para alguma cirurgia sem importância. Ele pensou que talvez eu conhecesse alguma moça inglesa que pudesse substituí-la por duas ou três semanas.

Disse a ele que perguntaria a você.

— Mas, e meu emprego aqui? E meu carro?

— Já falei com Piet. Ele está disposto a dispensá-la. Quanto seu carro, ele pode ser levado ao *cortijo* em vez de para cá. Na Espanha, não é difícil arranjar essas coisas.

A pergunta que ela queria, mas não podia fazer era: "Quanto tempo você ficará no *cortijo*?" Em vez disso, disse:

— Será que Piet me aceitará de volta quando a srta. Hempnall sair do hospital?

— Estou certo que sim, mas pode ser que Hilário e Luísa consigam encontrar algum emprego mais interessante para você, se quiser prolongar sua estadia na Espanha. Suponho que o seu emprego aqui seja bastante agradável, mas só pode lhe dar uma impressão muito superficial da vida espanhola. Você não gostaria de descobrir a Espanha atrás da fachada do turismo?

— Claro que eu gostaria! — concordou ela.

Não parecia que ele estivesse planejando ficar no *cortijo* por muito tempo. Mas mesmo passar alguns dias a mais com ele seria melhor do que dizer adeus agora.

— Então, você virá?

— Mas eu não tenho nenhuma experiência em ensinar crianças — disse ela, para adiar a decisão mais um pouco.

— Isso não é importante. Você pode ler para elas, falar com elas, e geralmente, ficar de olho nelas. Normalmente, minha prima cuidaria delas sozinha enquanto a srta. Hempnall não está. Mas Luísa está grávida novamente, e tem que se cuidar um pouco durante os primeiros meses.

— Entendo. — Sophie respirou fundo. — Nesse caso, ficarei contente com a oportunidade de ver algo da vida de uma família espanhola.

— Boa menina. — Era claro que Carlos tivera poucas dúvidas de que ela aceitaria sua proposta. — Quanto tempo você precisa para arrumar suas coisas? Meia hora?

Foi assim que, mais ou menos uma hora mais tarde, ela começou sua terceira viagem pela estrada costeira, que eventualmente chegava à Cádiz. Nem podia imaginar, na noite em que Carlos fora buscá-la em Nerja, que antes de muito tempo estaria viajando com ele para um destino incerto nas montanhas, bem a oeste de Málaga. Até mesmo agora, quase não conseguia acreditar que, em vez de dizer adeus a ele, deixara Piet, Margriet, Sacha e os outros empregados do *camping*. Também não tinha tanta certeza se ir com ele era uma decisão acertada.

— É possível ir para o interior, em Málaga. mas proponho que continuemos na estrada costeira até chegarmos a San Pedro de Alcântara. — Carlos tirou um Michelin do bolso da porta de seu lado e jogou-o no colo dela.

Sophie abriu o mapa de tal maneira a mostrar toda a ex-tensão da Costa del Sol, desde Almería até Gibraltar. Depois de alguns momentos, disse:

— A estrada entre San Pedro e Ronda está marcada com cruzinhas vermelhas. O que significa isso?

— *Estrada en muy mal estado*, uma estrada em más condições. Mas não deixe isso preocupá-la. É uma estrada **sem** muito tráfego, mas não é perigosa.

Cada vez que ela o ouvia falando espanhol, sentia algo estranho no fundo do estômago. Isso a lembrava da noite **que** ele a beijara, e murmurara: — *Buenos noches, querida*. — Ela tinha certeza que espanhol era a língua que ele amava.

Pensando em Carlos fazendo amor, começou a sonhar **acordada**. No porta-malas grande do carro, havia agora quatro pe-ças de bagagem: sua mala de *fíberglass*, outra menor, uma grande mala de couro dele e uma mochila resistente, com alças escondidas. Que felicidade indescritível seria se, ao invés **de** estarem juntos por causa da viagem, estivessem partindo para sua lua-de-mel.

Foi trazida de volta à realidade quando Carlos tocou a buzina para lembrar um grupo de crianças de uma vila que estavam brincando à beira de uma estrada principal. Consciente da : tolice de deixar sua imaginação fabricar um tema impossível, Sophie disse, rapidamente:

— O caminho que descemos a montanha do Parador Sierra Nevada não chega a estar marcado no mapa!

O carro branco comeu milhas e, pelos padrões espanhóis, não era tarde demais para almoçar quando eles estacionaram ao lado de um restaurante, no famoso veraneio de Marbella. Eles não tinham falado muito no caminho. Sophie sentira que quando Carlos dirigia depressa, ele gostava de se concentrar. Do seu ponto de vista, havia tantas coisas para ver, que falar teria sido uma distração.

San Pedro ficava só um pouco mais além, na costa, e eram quatro horas da tarde quando saíram da estrada principal, na junção com a estrada do interior que levava à Ronda. A

principio, a estrada íngreme e sinuosa lembrou Sophie do caminho de Almuñecar a Granada. Depois, começou a se dar conta de que a *serrania* de Ronda era muito mais selvagem do que a estrada pela qual viajara com Sacha.

Como se pudesse ler seus pensamentos, Carlos disse:

— Esta costumava ser a área dos *bandoleros*. Só faz algumas décadas que a polícia matou o último dos fora-da-lei.

Parou o carro uma ou duas vezes, e Sophie pôde sair e olhar espantada para as ravinas profundas e cheias de sombras escuras e para as alturas distantes, que pareciam desoladas. A estrada e o carro pareciam impróprios num lugar que não fora mudado por séculos, próprio para águias e javalis selvagens, e não para pessoas. Durante quase duas horas eles penetraram mais e mais na região desabitada. Durante todo esse tempo o sol estava perdendo seu calor, e a luz se tornava ainda mais misteriosa.

Quando finalmente chegaram ao topo, encontraram uma região de charneca que lembrou Sophie do livro *O Morro dos Ventos Uivantes*. Ali, Carlos parou o carro novamente, e saiu para destrancar o porta-malas. Enquanto fazia isso, Sophie ouviu, na distância, o som melancólico de campainhas de cabras. Mas ainda não havia sinal de fazendas, chalés ou pessoas. E agora o sol já estava baixo, e logo ficaria escuro.

— E melhor que vista o meu pulôver outra vez — disse Carlos, entregando-lhe o agasalho que ela lhe devolvera no dia anterior.

Ele vestiu uma jaqueta de couro marrom e depois ficou parado, com as mãos nos quadris, olhando em volta. Uma brisa havia surgido. Desmanchou seu cabelo preto bem escovado, e a luz do pôr-do-sol transformava o tom de sua pele numa cor de bronze. Com o casaco sem colarinho, de couro macio, sua camisa escura aberta no pescoço, ele só precisava de uma capa jogada nos ombros para completar a ilusão de que não era o Carlos que ela conhecia, mas sim um estranho de outro século, um homem que, uma vez, pertencera à essa paisagem selvagem e assombrada. E quando pensou isso, com os olhos no seu perfil arrogante, todos os romances que ela imaginara sobre ele anos atrás voltaram; e, como nessas fantasias adolescentes o tema constante fora o galope noturno para as montanhas, agora, de certa forma, elas se transformavam em verdade.

Talvez Carlos sentisse o olhar dela. Ele voltou ao carro e entrou. Mas, em vez de ligar o motor, sentou-se de lado, com um braço dobrado sobre a beirada da janela aberta, e o outro, esticado por cima do banco. Agora, era a vez dela de ser estudada.

— Ainda tem muito caminho a percorrer? — perguntou ela, com a voz um pouco forçada.

— Não muito. Você está cansada? Gostaria de um pouco de conhaque para reanimar-se?

— Oh, não, obrigada. Não estou nem um pouco cansada. — Só para ter mais alguma coisa para dizer, acrescentou: — Esse lugar é muito isolado, não é? Não é o tipo de lugar onde alguém gostaria que o carro quebrasse, ou que ficasse sem gasolina... ou qualquer outra coisa.

Carlos não disse nada e, depois de um momento, a intensidade de seu silêncio fez com que ela lhe lançasse um olhar um pouco furtivo. Ele ainda a estava olhando intensamente, e o olhar em seus olhos ela nunca vira na vida real, mas frequentemente imaginara em seu rosto. Cem vezes, em sonhos passados, ela imaginara exatamente aquele brilho de ardor de sangue quente.

— Vejo que subitamente lhe ocorreu que os meus primos podem ser simplesmente imaginários, e que não estou mais ligado àquela promessa que lhe fiz — disse ele, numa voz branda.

Como menina em idade escolar, ela achava excitante imaginar-se no poder de um homem cruel, mas atraente. Na realidade, descobriu ela, tal situação era tudo, menos agradável.

CAPÍTULO V

Carlos inclinou-se na direção dela, tirando o braço do banco para passar em volta de seus ombros.

— Todo esse tempo, e eu ainda não a beijei — disse ele, em espanhol. — Impressionante! Sophie fez um esforço para parecer despreocupada e relaxada.

— Mas você já me beijou duas vezes, Carlos — ela respondeu em inglês.

Ele se afastou um pouco, intrigado.

— Duas vezes? Quando?

Ela corrigiu o erro, dizendo rapidamente:

— Bem, quase duas vezes. Uma vez, no elevador, em Barcelona. E acho que você pretendia me beijar quando escorreguei no caminho da torre, na noite em que jantei com você.

Ele riu e apertou o braço em volta dela,

— Talvez... mas você fugiu. Quanto a Barcelona, você não chama aquilo de beijo, não é? Foi simplesmente um boa-noite amigável. Desta vez, porém...

No mesmo momento em que Sophie fechou os olhos, o primeiro ruído de patas soou na estrada. Segundos mais tarde, o animal apareceu, uma grande mula raquítica, montada por um espanhol rústico que olhou para os ocupantes do carro com curiosidade indisfarçada. Ele não estava sozinho. Havia dois outros homens montados atrás dele. Deviam ter vindo pela charneca, através do gramado e dos arbustos baixos, abafando o som das patas enormes e desajeitadas das mulas, que pareciam espalhar-se em todas as direções antes de baterem no chão de pedras.

Quando cruzaram a estrada perto do carro, Carlos desejou boa-noite aos cavaleiros. Eles responderam, gritando comentários em sotaque andaluz forte, que para Sophie era incompreensível.

— Você vê que não estamos tão isolados quanto pensou — disse Carlos secamente, ligando o motor.

Ao darem a volta numa curva da estrada, eles viram um menino com uma cobertura plástica sobre as calças, e um graveto de madeira na mão.

— Pastor de cabras — acrescentou ele, sucintamente. Mais adiante, um ônibus estava desembarcando passageiros

que corriam apressadamente através da charneca, na direção de alguns rochedos enormes.

— São pessoas de Igualaja, voltando para casa depois de um dia de trabalho em Ronda. Era crepúsculo agora, mas o planalto perdera sua atmosfera sobrenatural. Sophie sentiu-se envergonhada por ter deixado a imaginação tomar conta dela. Como podia ter pensado, por um instante, que Carlos era capaz de inventar uma situação na qual, se não estivesse realmente enganada, ela ficaria perigosamente vulnerável?

Durante o resto do caminho, viram várias fazendas, com suas paredes caiadas com limo refletindo a luz crescente da lua.

— A sra. McKinlay ainda está com seus primos? — Perguntou ela.

— Não, tia Jacinta voltou para a Escócia e, no momento, Mariluz também não está. Mas você logo fará amizade com os outros.

— É, espero.

— É claro que fará — disse ele, confiante. E um pouco mais tarde: — Aqui estamos.

Enquanto ele diminuía a velocidade do carro para passar entre os dois postes altos do portão, ela viu uma placa de cerâmica perto do topo de cada pilar, pintada com um emblema, e as palavras *Cortijo de Cupril*. O emblema, ela descobriu mais tarde, era a marca do gado do marquês.

O *cortijo* ficava muito longe da estrada. Do lado de fora, tinha uma aparência ameaçadora. Todas as janelas eram guardadas por grades pesadas, e estavam fechadas com persianas,

além disso. A grande porta estava trancada com trincos de ferro de seis polegadas de espessura. Parecia mais uma fortaleza que uma fazenda.

Carlos tocou a campainha e quase imediatamente uma portinhola foi aberta por um servente, que fez uma reverência para Sophie e depois explicou para Carlos que a família estava em Ronda, atendendo a algum convite, mas voltaria dentro de uma hora.

Enquanto isso, ela estava olhando com surpresa e prazer para o que havia por trás das grossas paredes da propriedade. A sua *frente*, tinha uma tela de ferro intrincada, através da qual, como renda preta, ela pôde ver um pátio asfaltado com azulejos, uma fonte e uma figueira carregada. No lado oposto do pátio, uma escadaria levava a uma galeria com muitas portas.

Alguns minutos mais tarde, conduzida por uma pequena e tímida empregada, que usava um vestido preto e um avental branco, estava a caminho de seu quarto, num lado da galeria, e Carlos estava sendo conduzido ao seu, do outro lado.

Quando chegaram, o pátio estava iluminado pela luz da lua e por dois ou três lampiões. Mas quando Sophie saiu do quarto, banhada, com outra roupa e descansada, a folhagem da velha árvore de figos estava brilhando com dúzias de luzes pequenas, e grinaldas de lâmpadas alegravam todos os lados do pátio. Embaixo de uma árvore, uma mesa grande estava posta para o jantar, e várias crianças estavam conversando juntas ao lado da fonte.

Quando desceu a escada, as crianças a viram e ficaram em silêncio. E então, pela primeira vez, viu que Carlos e um homem mais velho estavam sentados em cadeiras que até então não estavam visíveis para ela.

— Sophie, posso apresentar-lhe o meu primo Hilário? — Disse Carlos, quando ela se juntou a eles.

Mais tarde, a apresentação a intrigou. Considerando que ela trabalharia para ele, e que ele era um aristocrata espanhol, esperava ser apresentada ao marquês.

— Seja bem-vinda, srta. Lingwood. Espero que possamos tornar a sua visita agradável — disse o seu anfitrião, enquanto trocavam um aperto de mãos. — Minha mulher pede que a desculpe por sua ausência da mesa nesta noite. Como já deve ter ouvido, estivemos numa cerimônia em Ronda, e Luísa está um pouco cansada agora. Acredito que saiba por que ela se cansa facilmente, agora.

— Sim, Carlos já explicou — disse, sorrindo.

Ele não era nada parecido com um marquês. Era baixo, e um pouco gordo, com cabelos não mais escuros que os dela, e um rosto amigável, um pouco maltratado pelo tempo. Não havia nada do *hidalgo* arrogante nele. Parecia mais um fazendeiro, ou um pescador.

As crianças estavam esperando para serem apresentadas. Eram seis: quatro meninos e duas meninas, todos tão arrumados e limpos, e tão formais, que Sophie ficou um pouco nervosa.

Depois que o pai disse o nome de cada um, e cada criança se curvou ou fez uma reverência, Carlos disse:

— Elas não são sempre assim. Espere até vê-las amanhã antes de decidir que são perfeitas demais para esse mundo.

Mais tarde, naquela noite, quando as crianças mais jovens já tinham desaparecido e só os dois meninos mais velhos estavam jogando xadrez, silenciosamente, no outro lado do pátio, o marquês disse:

— Amanhã, infelizmente, tenho que voltar a Sevilha. E você, Carlos? Quais são seus planos? Está ocupado com os negócios, ou pode ficar algum tempo?

Sophie prendeu a respiração durante a pausa antes que Carlos respondesse:

— Posso ficar alguns dias. Semana que vem... quem sabe o que pode acontecer?

— E verdade. Quem sabe? — Concordeu seu primo. Logo depois, deu boa-noite a Sophie e subiu para conversar com sua mulher, levando os filhos consigo.

— Você sabe montar, Sophie? — perguntou Carlos, no silêncio que se seguiu à partida deles.

— Sinto dizer que não. Será que isso me fará uma má substituta para a srta. Hempnall?

— De maneira alguma. Acho que ela também não sabia montar. Perguntei porque é uma maneira conveniente de se chegar a alguns dos lugares interessantes, aqui. Mas também pode se chegar de jipe.

Ele levantou da cadeira e foi apagar as luzes nos galhos da figueira, e na cornija embaixo da balaustrada da galeria. Isso fez com que o pátio só ficasse iluminado pela luz da lua, pois os lampiões haviam sido apagados antes, pelos criados.

Quando voltou para o lugar onde ela estava sentada, Sophie imaginou se agora ele pretendia continuar o momento em que as batidas das patas das mulas impediram que a beijasse.

Mas...

— Foi um longo dia. Acho que você deveria ir dormir cedo e ela não teve certeza se devia ficar decepcionada ou aliviada.

Levantando-se, perguntou:

— A que horas, mais ou menos, começa o dia, aqui?

— Cedo. Mas não se preocupe em dormir demais. Uma das empregadas a chamará com antecedência, para que tenha tempo de tomar banho antes do café da manhã. Boa noite, Sophie.

— Boa noite. — Consciente de que ele a estava olhando, e pensando que gostaria de saber o que ele estava pensando, ela subiu as escadas para a galeria.

Na sua primeira manhã no *cortijo*, foi acordada por campainhas de cabras. Quando saiu da cama e foi para a janela, pôde ver o rebanho pastando num pequeno morro distante. Mas o ar estava tão parado que as campainhas soavam como se não estivessem muito longe.

Naquele momento, o pastor começou a cantar. Ficou parada, ouvindo. "Essa", pensou ela, "é a verdadeira Espanha. Benidorm e Torremolinos não são mais típicos da Espanha que Southend e Blackpool são típicos da Inglaterra. Algumas pessoas gostam desses lugares tumultuados, é claro, mas eu prefiro muito mais esses espaços abertos e silenciosos."

Ao debruçar-se no parapeito, ouviu o relincho de um cavalo e o som de patas no asfalto, em algum lugar debaixo de sua janela. Em seguida, Carlos apareceu, montando um lindo cavalo preto e com um chapéu cordobés cinza, de abas duras, inclinado sobre os olhos.

Deve ter sido só por acaso que ele virou-se para olhar para cima, na direção de sua janela. Ao vê-la, tirou o chapéu.

— Bom dia. Acordou cedo.

— Bom dia. As campainhas das cabras me acordaram. — Ela estava consciente da transparência de sua camisola. Sua tia a fizera para ela, de voai branco e transparente, bordado com ramos delicados. Era fresca e muito bonita. Mas não era roupa para falar com um homem como Carlos. Retirar-se para dentro do quarto, entretanto, parecia ser indelicado, quando ele estava trazendo a montaria para debaixo da janela.

Para sua surpresa, Carlos, que geralmente era tão observador, pareceu não notar a roupa transparente. Alguns minutos mais tarde, estava galopando na direção dos morros, deixando Sophie intrigada com a diferença entre seu comportamento no carro, na tarde passada, e agora, quando parecera tão indiferente à sua feminilidade, como se ela fosse uma freira... ou uma menina em idade escolar, com a qual estivera conversando. Saiu da janela e foi olhar-se no grande espelho do quarto. Seu cabelo estava solto sobre os ombros e um pouco desarrumado. As faces ainda estavam coradas do sono. A camisola cobria sua pele bronzeada, mas não escondia totalmente os lugares onde o bronzeado começava e terminava. Achou que, do ponto de vista de um homem, parecia muito mais atraente agora do que quando se maquiava, escovava o cabelo e vestia vestidos.

Era possível que, talvez, Carlos tivesse ignorado a sua pouca roupa por educação. Mas, apesar de ela conseguir imaginá-lo respeitando a modéstia de uma mulher velha, ou muito jovem, não parecia provável que ela própria, a quem uma vez tentara seduzir, devia de uma vez, da noite para o dia, ser tratada com uma decência rígida.

Mas decência, ou melhor, uma amizade sem sexualidade, foi o tratamento que ela recebeu de Carlos nos dias seguintes. Começou a achar que era imaginação aquele olhar ardente no carro, antes que as mulas passassem por eles.

No segundo dia, ele a levou com as crianças a Ronda, para ver a famosa ravina que dividia Ciudad, a cidade velha, e Mercadillo, a cidade nova. Ronda tinha um estádio de touradas do século dezoito, mas Sophie estava mais interessada no mercado, onde, por algumas pesetas, Carlos comprou uma grande bolsa de açafrão para mandar para a mulher de um amigo, na Inglaterra. O proprietário da banca de temperos deu para todas as crianças, e para Sophie, pequenos doces com sabor de anis. Alguns minutos mais tarde, ela achou divertido ver duas velhas senhoras, vestidas de preto, recebendo o mesmo tratamento.

Ao passarem por uma padaria, Carlos comprou uma dúzia de *bandilleras*. Enquanto voltavam para casa, mastigaram as longas bengalas de pão crocante, que tinham o mesmo nome das espadas usadas nas touradas.

Um outro dia, eles foram para El Burgo, uma vila que não estava marcada no mapa, onde Carlos parou o carro para que vissem uma fileira de seis mulas rodeando uma eira incessantemente, para transformarem a palha na *paja uma* com a qual eram alimentadas. Sophie já vira algumas pilhas de *paja*, e intrigada pela sua semelhança com as latas gigantes de massa de pão, quisera perguntar o que eram, mas esquecera.

Em El Burgo, viu pela primeira vez toldos feitos com grama, esticados por sobre as ruas, de teto a teto, para darem áreas sombrosas nas quais os habitantes mais velhos sentavam e fofocavam, ficando em silêncio quando os estranhos passavam entre eles.

— Para quem mora aqui, até mesmo Ronda é uma cidade grande e pervertida — murmurou Carlos.

Mas, apesar de ele ficar divertido com os olhares que os seguiram pela rua asphaltada, Sophie sentiu que sua educação espanhola significava mais para ele do que teria suspeitado, uma vez.

Sua vila favorita foi Montejaque, um amontoado, que subia, de casas com terraços que davam para uma *plaza* pequena, alinhada com árvores, com uma fábrica de presuntos da montanha e *chorizos* de um lado. Ali, ele comprou um presunto grande para mandar para os mesmos amigos. Ele sabia muito sobre a *cuisine* da terra de sua mãe, e foi dele que ela aprendeu que, na Espanha, os pães suíços eram conhecidos como braço-de-cigana e que a gíria para sobras era *roupas velhas*.

Aquele foi o dia do piquenique sob os sobreiros. Depois da visita a Montejaque, onde as mulheres ainda carregavam baldes na cabeça, à moda moura, e lavavam suas roupas ao ar livre em pequenas gamelas de madeira, ele dirigiu o jipe para dentro do campo, e encontrou um lugar onde, a não ser pela estrada que passava no meio e pelos troncos nus das árvores, a civilização poderia estar a quilômetros de lá.

Para as crianças, havia uma enorme cesta cheia de todo tipo de guloseimas, preparadas pela cozinheira da marquesa. Mas Carlos tinha suas próprias ideias sobre piquenique, e logo o delicioso aroma de cebolas e de pão fresco fritando em óleo de oliva encheu as narinas de Sophie.

— Inês diz que pão e óleo só são adequados para pessoas muito pobres e que nós deveríamos estar envergonhados por sermos vistos comendo tais coisas — comentou Joana, referindo-se a uma das criadas da casa.

— Inês é uma esnobadora — respondeu Carlos, cortando um dos enormes tomates de formato engraçado, de sabor muito melhor que os tomates arredondados e lisos. — Quando

ela for mais velha e mais sábia verá que, se uma coisa é boa, é boa para qualquer pessoa, seja rica ou pobre,

Sophie olhava pensativamente para ele.

— Você compartilhará de meu almoço, não é, Sophie?

— Se tiver bastante para mim também.

Enquanto estavam comendo, um grande rebanho de gado passou, levado por dois homens a cavalo e uma enorme vaca marrom, com uma campainha no pescoço, que ia no meio deles. Suas peles tinham o brilho de cetim preto, e Sophie foi subitamente tomada pela beleza da cena à sua volta: o dourado pálido da grama seca, o céu cor de laranja, a folhagem cinza-esverdeada das árvores e o céu quente e azul em cima.

"Agora, neste momento, estou feliz," pensou ela, tomando vinho. "'Quando for velha, me lembrarei desse dia e desse lugar.'" Mas, em seguida, o cavaleiro mais jovem fez uma volta para lhe dizer bom-dia e, quando ela viu como a olhava, lembrou-se de que Carlos parara de olhá-la daquela maneira. Na realidade, quando terminaram a refeição, ele nem se preocupou em falar com ela, mas deitou-se para aproveitar a *siesta*.

As crianças já haviam se afastado para explorar a região, mas ela continuou sentada em sua cadeira de *camping*, olhando para os morros distantes, até julgar que Carlos adormecera e que já era seguro olhar para ele.

Estava deitado de costas na esteira, uma perna dobrada e um antebraço cobrindo os olhos. O outro braço estava esticado. Ela sentiu uma vontade súbita de deitar-se ao lado dele e descansar sua cabeça sobre o ombro dele, de sentir aquele braço forte fechando-se em volta dela e de ir dormir no sol.

"...Viver ao ar livre com a mulher que um homem ama, é, de todas as vidas, a mais completa e perfeita... a solidão tornada perfeita."

O ruído de um veículo pesado quebrou o silêncio, Carlos mexeu-se e levantou, e Sophie fixou os olhos no brilho azul, lá embaixo, na estrada. Era o visor de plástico do caminhão que, pegando o brilho do sol, soltava aquela luz viva cor de safira. Era parte da essência da Espanha moderna, como as

silhuetas pretas dos touros eram a marca comercial de um conhaque popular, e as propagandas de linhas aéreas proclamando a velocidade de seus aviões, e policiais de trânsito vestidos de preto, usando motocicletas, dirigindo sempre em pares, um na frente do outro.

Outra expedição memorável foi quando Carlos os levou para ver a Cueva de la Pileta. Sophie esperava que a gruta fosse semelhante às grutas famosas de Narje. Mas essa gruta, perto da vila montanhosa de Benaoján, não possuía a infra-estrutura comercial daquela localizada na costa, com café, loja de presentes e estacionamento para várias centenas de carros.

Nesta, uma vez passados os tetos vermelhos de Benaoján, o caminho subia por uma paisagem montanhosa, marrom, e finalmente terminava numa área onde os carros podiam virar e, talvez cinco ou seis, estacionar. Dali, um caminho íngreme levava a uma escadaria de degraus escavados na rocha. No topo, havia um buraco no morro, cercado por uma grossa grade de ferro. Estava aberta, e um espanhol de rosto agradável estava ao lado dela, esperando por eles.

— Ah, Don Carlos, então é o senhor. Já faz alguns anos desde que o vimos aqui.

Os homens trocaram um aperto de mãos e Carlos apresentou o espanhol como um fazendeiro do vale lá de baixo. Ele e o irmão cuidavam da gruta, descoberta pelo avô em 1905, e guiavam os visitantes através de suas galerias até o limite máximo, a dois quilômetros da entrada.

Pelo fato de Carlos ser conhecido da família Bullon e ainda menino ter explorado a gruta muitas vezes, seu grupo não precisava ser guiado. Ele e Joaquín carregaram as lanternas de parafina, que eram o único meio de se obter luz, e Carlos guiou o grupo pelas escadas do

Hall do Morcegos, para dentro da Nave Central, onde a primeira das pinturas pré-históricas da gruta podia ser vista.

Sophie ficou fascinada pelas pinturas, uma das quais descrevia uma égua dando cria, e uma outra, um bode de chifres compridos. O desenho mais curioso era o de um peixe. A piscina subterrânea, chamada O Banho da Rainha Moura, era interessante, e também os pedaços de rocha enegrecidos pela fumaça, em cima dos lugares onde os habitantes da caverna acendiam suas fogueiras. Mas, quando chegaram ao grande abismo, que Esteban disse ter mais de sessenta metros de profundidade, ela foi tomada por um medo irracional das coisas que poderiam aparecer dessas profundezas negras e inimagináveis.

— Tio Carlos já desceu até o fundo com uma corda — disse Esteban, com admiração.

— Você não fez isso! — exclamou Sophie, com horror, para Carlos.

— Certamente que fiz. Por que não?

— Eu não desceria nem por uma fortuna — disse ela, es- tremecendo. — Que terrível para as pessoas que moraram aqui, ter esse abismo enorme tão perto delas.

Ele levantou a lanterna um pouco e olhou-a de perto. Em seguida, tomou a mão dela com sua mão livre, dando-lhe um aperto e dizendo, alegremente:

— Imagino que tenha sido um bom lugar para se jogar o lixo. Venham, *niños*, é hora de ir para casa.,.

Mesmo com sua mão na dele, o caminho de volta para a entrada foi uma experiência desagradável, que fez com que Sophie ficasse feliz ao sair para o ar alegre e quente, mais uma vez.

Mais tarde, quando as crianças não estavam ouvindo, Carlos disse:

— Eu acho que deveria ficar longe de grutas pequenas no futuro, se eu fosse você. Sophie. Não a teria levado lá se pensasse que você ficaria com medo.

— Sinto muito. Sei que é estúpido. Subitamente, eu... eu senti que o teto poderia cair — admitiu ela, relutante.

— Eu imaginei isso. Sua mão estava fria como gelo. e suada, o que só podia significar um forte ataque de medo. Não é nada para se envergonhar. Você fez muito bem em não deixar os *niños* saberem como se sentiu.

Mas mais tarde, apesar de ele ter sido muito compreensivo e gentil sobre o assunto, Sophie achou que devia ter caído em sua estima. Se um homem estava interessado em grutas, como Carlos evidentemente estava, certamente uma moça que tinha medo delas devia ser uma pessoa cansativamente nervosa.

Foi em Ronda que eles encontraram Antônia. Ela estava passando pela ponte da cidade velha, uma moça escura e viva, usando calças brancas e uma blusa amarela, com uma bolsa branca pendurada no ombro, e óculos de sol verdes cor do mar, com uma armação prateada que brilhava no sol cada vez que ela virava a cabeça.

Alguns metros antes de se encontrarem, ela parou, e gritou:

— Carlos!

— Alô, Antônia. Como vai? — Ele se dirigiu a ela em inglês, com exceção do nome, que pronunciou em espanhol.

— Eu estava aborrecida... mas não estou mais — retrucou ela. — Até quando você fica aqui? Não diga que já vai embora amanhã! Não poderia suportar. — O inglês dela era quase tão perfeito quanto o dele, mas tinha um forte sotaque espanhol.

— Não, não amanhã. Meus planos estão pouco definidos. Sophie, esta é Antônia Llobera. Nos conhecemos desde crianças.

Enquanto as moças trocaram um aperto de mãos, Sophie percebeu que, apesar do comportamento de Antônia não ser hostil, ela teria preferido encontrar Carlos quando não estivesse ocupado com a presença de sobrinhos, sobrinhas e uma moça estrangeira.

Ela passou o braço pelo dele e disse:

— A casa tem estado cheia com todos os meus tios e tias, falando de nada a não ser da saúde. Agora eles foram embora, e *papá* se retirou à sua biblioteca. Você tem que aparecer para me divertir, Carlos. Quando pode vir para jantar? — Tirou uma pequena agenda de couro. — Tenho um compromisso esta noite e também amanhã. Mas sexta-feira estou livre, está bem para você?

— Sim, mas talvez seja melhor eu consultar Luísa antes de aceitar. Ela pode ter alguns planos que ainda não tenha mencionado, ou que eu tenha ouvido mas esquecido. Eu lhe mandarei um bilhete — disse Carlos.

Antônia permitiu que uma ruga estragasse sua testa lisa.

— Quando Hilário vai permitir um telefone no *cortijo*? Eu acharia impossível viver sem um.

— Hilário não seria capaz de escapar do mundo de negócios se tivesse um telefone. Acho que é muito sensato da parte dele. Todas as mensagens urgentes chegam a Ronda por telegrama, e depois são entregues no *cortijo* por mensageiro especial

— Mas pense na pobre Luísa, sem poder conversar com as amigas. E não pode ser conveniente para você estar desligado do mundo.

Mais tarde, no caminho para casa, Carlos disse a Sophie:

— O pai de Antônia é um diplomata aposentado, que agora devota a maior parte de seu tempo à sua coleção de livros. Ele e seu avô teriam muitas coisas em comum.

Depois, mudou de assunto, e Sophie esqueceu o comentário até a sexta-feira seguinte, quando, durante o almoço, ele disse:

— Aliás, Sophie, no meu bilhete a Antônia, mencionei que você é neta de um distinto bibliófilo inglês, e o *señor* Llobera está ansioso para conhecê-la esta noite.

— Mas eu não sei quase nada sobre encadernamentos... pelo menos não sobre o tipo de encadernamentos finos que ele consideraria colecionar — protestou ela.

— Não tem importância. Tenho certeza que você o apreciará mais que a maioria dos convidados de Antônia, e aprenderá muito para poder escrever na sua próxima carta para casa.

— Sim, será uma experiência interessante para você, Sophie — concordou a marquesa. — A casa dos Llobera não é como esta. É um casa de cidade, um pequeno palácio, muito velho, e com alguma mobília magnífica.

Mais tarde, quando estava se vestindo, Sophie imaginou se Carlos decidira levá-la consigo para que ela pudesse falar, ou melhor, ouvir o *senor* Llobera, enquanto ele próprio se concen-trava em Antônia.

Já havia fechado o vestido e estava imaginando se devia usar brincos, quando a marquesa entrou no quarto.

— Sim, eu gosto muito — anunciou ela, depois de uma exame crítico do caro vestido francês de Sophie. — É liso, sempre cai melhor que os vestidos floridos tão usados pelos ingleses. A nossa boa srta. Hempnall sempre usa roupas floridas à noite, que não ajuda muito sua figura e sua complexão. — Ela viu a caixa de jóias aberta na penteadeira e aproximou-se para ver que berloques sua hóspede possuía. — Ah, estes são charmosos. Você deveria usá-los esta noite — disse ela, apanhando o par de pequenos brincos de pérolas que fora o presente de casamento do pai de Sophie, para sua mãe. — Mas vejo que eles se fecham com tarraxa. Por que você não fura suas orelhas? É tão mais confortável, e também, assim, não há perigo de perder jóias preciosas. — Ela examinou um broche que pertencera à avó de Sophie. — Este também é muito bonito. Eu sempre gostei dessas pedras azuis. Turquesa... como se diz em inglês?

— *Turquoise* — Sophie a viu apanhar um medalhão e, não pela primeira vez, admirou suas lindas maneiras.

Ela sabia que dona Luísa possuía jóias com as quais os seus próprios poucos ornamentos, quando comparados, eram um pouco melhores que os enfeites de Natal. Mesmo assim, o interesse da marquesa pelos balagandãs de Sophie não era arrogante nem condescendente.

— Uma vez, pensamos que Carlos e Antônio Llobera se casariam — comentou a marquesa. — De certo forma, teria sido adequado. Para ele, não é suficiente que ela seja bonita e saudável e, pelo fato de sua mãe ter falecido, também experiente nos cuidados de uma casa. Não, Carlos procura algo mais... mas o que é eu não sei Talvez você o compreenda, Sophie.

— Eu? Não, nem um pouco. Por que deveria compreendê-lo, dona Luísa?

Sua anfitriã sacudiu os ombros levemente.

— Às vezes eu penso que deve ser o lado inglês de sua natureza que cria as dificuldades. Os ingleses têm essa crença de que alguém sempre deve se casar por amor, mesmo quando, em todos os outros sentidos, as duas pessoas interessadas são extremamente incompatíveis juntas. Não há dúvida que você também acredita no amor, não?

— Sim, acredito; mas não acho que o verdadeiro amor leve as pessoas a casamentos incompatíveis. A atração física certamente pode fazer isso, mas o verdadeiro amor é assunto totalmente diferente pois, neste caso, a mente está envolvida, além do corpo — respondeu Sophie, com convicção. — Eu não diria que Carlos acredita no amor verdadeiro — acrescentou, num tom cuidadosamente casual.

Antes que a marquesa pudesse responder, bateram na porta.

Quando Sophie gritou:

— *Adelante!* — a porta abriu-se alguns centímetros e Carlos disse.

— Você já está pronta?

— Estou aqui com Sophie. Você pode entrar — disse sua prima. Ele entrou no quarto. Vendo o vestido de Sophie, disse:

— Pensei que você fosse pôr o vestido branco e a capa verde. Ela olhou para a marquesa.

— A *señorita* Llobera estará usando um vestido comprido? Será que esta roupa é informal demais?

Dona Luísa olhou para Carlos.

— Você não disse que seria um jantar formal. Eu pensei que só estariam vocês quatro.

— Sim, pelo que eu sei, só estaremos os quatro.

— Então, por que Sophie deveria usar um vestido comprido? Este amarelo-pálido é mais adequado.

— E muito atraente — concordou ele. — Não estava criticando, Luísa. Só que eu esperava vê-la vestida como em Barcelona. — Ele olhou para o relógio. — Já é hora de irmos.

Na galeria, no topo da escada, a marquesa desejou a ambos uma noite agradável, e foi para o seu quarto.

O carro branco estava na entrada e, quando Carlos fechou a porta, olhou para Sophie e disse:

— De qualquer maneira, prefiro você com o cabelo solto, e é da maneira como você sorriu para mim naquela noite, não do seu vestido, que me lembro claramente.

Esta súbita reversão à sua antiga maneira, depois de muitos dias de amizade formal, a surpreendeu.

— Isto é uma cantada? — Perguntou, enquanto ele escorregava para trás do volante.

— Isto é para você julgar, *señorita*. — Quando ele ligou o motor, ela viu que estava sorrindo.

Mas, durante o caminho, ele falou sobre a Espanha e sobre sua certeza de que, em 1980, o país de sua mãe seria um membro líder da Comunidade Econômica Européia.

Enquanto ouvia, Sophie refletiu que ele não tinha falado com ela dessa maneira quando jantaram juntos em Barcelona, ou durante as semanas em Torre del Moro. O fato de

pensar que ela estaria interessada em suas opiniões sobre o futuro da Europa agradou-lhe mais do que a lembrança da roupa que ela usara em seu primeiro encontro.

O palacete dos Llobera era o prédio dominante numa vila não diferente de Montejaque e Benaoján. Dentro da vila, ele parecia um pequeno museu e, apesar de ver muitas coisas que admirou, Sophie achou que, como casa, não se comparava com o *cortijo*.

Porém, o *señor* Llobera não tinha nada de prepotente. Mal tinham sido apresentados, ele a levou para a biblioteca, para ver alguns de seus tesouros antes do jantar.

Antônia e Carlos não os acompanharam imediatamente, mas juntaram-se a eles uns dez minutos mais tarde.

— Oh, *papá*, você deveria envergonhar-se — ralhou Antônia

— por não ter oferecido um drinque para a srta. Lingwood, e agora já é hora de jantarmos.

Carlos olhou com interesse para a História de Alexandre, encapada com marroquim verde-escuro, que seu anfitrião estivera mostrando a Sophie. Mas Antônia empurrou-os firmemente na direção da sala de jantar. Porém, mesmo se a aborrecia, ela era uma anfitriã boa demais para tentar dissuadir os dois homens de discutirem seu grande interesse mútuo.

Para Sophie, que há muito queria saber sobre a coleção de Carlos, a conversa durante o jantar foi muito interessante. Mais do que uma vez, teve que reprimir um comentário que teria revelado seu interesse pessoal no assunto.

Não era tarde, pelos padrões espanhóis, quando ela e Carlos se despediram.

— Sinto que foi uma noite um pouco monótona para vocês, moças. Se estivéssemos mais perto da costa poderíamos ir a algum lugar, mas, por aqui, só há *bodegas* e nem mesmo Ronda tem uma vida noturna sofisticada — disse ele, enquanto deixavam a pequena cidade para trás.

— Não foi uma noite monótona para mim. Eu a apreciei muito. Apesar de achar que não gostaria de viver com tanta grandeza — disse Sophie, candidamente. — Eles ficam aqui o tempo todo, ou só durante o verão, como seus primos?

— Só durante o verão, apesar de eu imaginar que Dou Salvador virá morar aqui o ano todo, depois do casamento de Antônia.

— Ela está noiva?

— Sim, mas ainda não foi anunciado. Finalmente encontrou alguém que segue os seus padrões um pouco exigentes... e que não compartilha a paixão de seu pai pelos livros. Ela acha que um colecionador na família é mais que suficiente

— disse secamente.

— Algumas mulheres não se importam de serem esposa de colecionador. Minha avó não se importava.

— Ela era uma raridade. A maioria das mulheres não gosta de qualquer interesse que as exclua, a não ser, é claro, que tenham algum interesse próprio. A mulher ideal para um colecionador de livros é uma colecionadora de livros, mas as fêmeas dessa espécie são muito raras, e geralmente não muito atraentes quando são descobertas — disse ele, com um tom seco.

Era um comentário que pedia uma resposta cuidadosa, e Sophie estava ponderando sua resposta quando Carlos disse um palavrão e desviou o carro da estrada. Não havia nada mais que ele pudesse fazer para evitar a colisão de frente com o carro que aparecera subitamente em frente a eles, em alta velocidade, e sem faróis que avisassem sua aproximação.

Mais tarde, Sophie imaginou o que teria acontecido se eles não estivessem presos pelos cintos de segurança. Tinha certeza de que teriam sido jogados fora do carro, e talvez ficassem seriamente feridos. Felizmente, o acostamento da estrada onde caíram era uma

margem pedregosa que subia para uma expansão plana de grama. Um só impedimento em seu caminho teria, sem dúvida, feito com que o carro capotasse. Como aconteceu, eles não sofreram mais que alguns segundos de pulos e sacudidas violentas antes que o carro parasse com a parte da frente num arbusto espinhoso.

— Você está bem? — Carlos abriu seu cinto de segurança e rapidamente livrou Sophie do seu.

— S-sim... sim, creio que estou — respondeu ela, sem firmeza.

— Maníacos estúpidos! Quase nos matam a todos — disse, furiosamente. — Meu Deus, se eu estivesse perto de um telefone, colocaria cada *guardiã* daqui a Sevilha atrás deles. Mas estamos pelo menos a algumas milhas da fazenda mais próxima, e eles não terão telefone.

— Por que essas pessoas não estavam com os faróis acesos? Talvez por que a luz da lua esteja tão clara e eles não esperavam encontrar outros carros, você não acha?

— Deus sabe. Julgando pela velocidade, eu diria que estavam bêbados. Tudo que sei é que teremos muita sorte se conseguirmos colocar esse carro na estrada outra vez. Ele tinha razão. Uma das rodas da frente estava tão atolada que o carro teria que ficar onde estava até que fosse tirado por guincho.

— Estamos muito longe de casa? — perguntou Sophie. — Mais ou menos quinze quilômetros?

— Sim, e dez quilômetros da casa dos Lloberas. Longe demais para voltarmos a pé até lá. Teremos que pernoitar na fazenda mais próxima — disse ele, apontando. — E mesmo isso não será fácil para você, andando com esses sapatos. Quem sabe se, por acaso... Ele deixou a sentença por terminar e foi abrir o porta-malas.

— Sim, Esteban deixou seu equipamento de tênis aqui, inclusive seus sapatos. Eles não servirão perfeitamente em você, mas são melhores que sapatos de salto alto, para caminhada dura. Sente-se, e eu os calçarei para você.

Sophie estivera de pé ao lado do carro. Agora, obedecendo sua ordem, abriu a porta do lado dela e sentou-se de lado, com os pés no chão.

Quando ele se agachou para desabotoar suas sandálias delicadas, ela viu o filete escuro de sangue no rosto dele.

— Você está ferido! — exclamou ela.

— Ferido? Não, estou bem.

— Mas você está, Carlos. Veja! — Gentilmente, ela tocou seu rosto forte e mostrou-lhe a mancha na ponta dos dedos.

— Um galho quebrado deve ter me arranhado. É só um arranhão. No calor do momento, nem senti — Tirou um lenço e apertou-o contra seu rosto. — Aqui, deixe-me limpar seus dedos, senão você manchará o vestido. — Ele pegou sua mão e limpou as pontas de seus dedos. — Está com frio, *pobrecita*. Ponha isto sobre os ombros. — Rapidamente, ele tirou sua jaqueta e embrulhou-a.

— Não estou realmente com frio. Só foi o choque. Estarei bem dentro de um minuto. Você precisa disso tanto quanto eu.

— Não discuta, aí está uma boa menina — ele voltou a trocar os sapatos dela.

Surpreendentemente, as mãos dele estavam tão quentes quanto sempre.

Eram mais ou menos três quilômetros, através do campo, desde o carro estragado até a fazenda mais próxima, e a maior parte do caminho Carlos manteve a mão dela apertada na sua. Tanto que, muito antes de chegarem aos prédios caiados da fazenda, ela perdera a sensação de horror por ter acabado de escapar de um acidente fatal, e estava quase grata ao motorista do outro carro por fazer com que ela ficasse com a única pessoa com a qual o incidente era uma aventura, e não um desastre.

— Você pretende pedir emprestado o carro? — Perguntou ela, quando se aproximaram da fazenda.

— Eles provavelmente só têm transporte de quatro patas e, nesse caso, será melhor passarmos a noite aqui. Hilário costuma acordar cedo. Quando descobrir que não voltamos para casa, virá nos procurar. O carro estragado o trará até aqui.

Nenhuma luz estava brilhando através das janelas fechadas da fazenda e, quando Carlos bateu várias vezes na porta e eles esperaram três ou quatro minutos sem receber qualquer indicação que as batidas foram ouvidas, Sophie começou a pensar que os ocupantes deviam ser surdos, ou não tinham nenhuma intenção de serem perturbados por seja lá quem estivesse na porta àquela hora da noite.

Em seguida, tão de repente que ela pulou e exclamou alguma coisa, as persianas de uma janela no alto se abriram e o cano de uma arma brilhou na luz branca da lua. Uma voz dura e cheia de suspeitas perguntou alguma coisa.

Por alguns momentos, depois de Carlos ter explicado o seu problema, a pessoa continuou a apontar a arma na direção deles. Em seguida, tão subitamente quanto as persianas tinham sido abertas, a arma foi recolhida, e eles receberam instruções de esperarem enquanto seu dono descia para deixá-los entrar.

— Ninguém vai pegar esse velho sujeito dormindo — disse Carlos secamente, enquanto eles escutavam o ruído de vários trincos sendo abertos pelo lado de dentro da porta grossa. O homem que abriu a porta e recebeu-os no corredor iluminado por uma lâmpada, tinha uma barba branca de vários dias, que cobria seu rosto marrom enrugado. Apesar de não estar barbeado, parecia limpo e não hostil. A falta de dentes fazia com que o seu dialeto fosse impossível de ser compreendido por um estrangeiro, mas Carlos não teve dificuldades em conversar com ele.

Ele os levou para cima, para um quarto que era dominado por uma grande e tremendamente elaborada cama de cobre, que surpreendeu Sophie. Fora isso, o quarto estava decorado com tantos quadros religiosos e crucifixos que parecia mais uma capela do que um dormitório. O velho fazendeiro abriu um armário que continha muitos lençóis, e disse algo que Carlos interpretou:

— É para você se servir de quantos lençóis e fronhas forem necessários. Agora que sua esposa está morta, uma mulher da vila mantém a casa arrumada. Ele não sabe nada sobre os cuidados de uma casa, mas acha que você encontrará tudo que precisa.

Enquanto ele estava traduzindo, o fazendeiro abriu uma gaveta e tirou uma roupa dobrada que colocou em cima da cômoda.

— Você pode usar uma das camisolas da esposa dele — explicou Carlos. — Acha que poderá dormir nessa atmosfera? — Acrescentou, olhando uma gravura tenebrosa de um santo sendo martirizado.

— Pelo menos não há perigo de o colchão estar úmido, o que provavelmente teria acontecido numa fazenda isolada na Escócia ou no País de Gales — disse Sophie, valentemente. — O seu quarto pode ser ainda pior.

— Pode ser que eu tenha que compartilhar a cama de nosso anfitrião — disse ele, com a sombra de um sorriso.

O velho homem acendeu a lâmpada do quarto. Em seguida, pegou a outra lâmpada, desejou boa-noite a Sophie, e tirou Carlos do quarto. Ela os ouviu descendo as escadas e escutou o som de suas vozes em algum lugar lá embaixo, a porta fechou-se e houve silêncio.

Os lençóis, quando os desdobrou, cheiravam a rosa. A camisola de chita grossa e de cor creme, macia de tanto ser lavada, a cobria do pescoço aos pés. As mangas compridas eram fechadas por fitas de algodão, nos punhos, e fitas de renda enfeitavam o colarinho alto.

Abrira as persianas e estava de pé ao lado da janela, olhando para o cenário prateado, quando uma batida na porta fez com que se assustasse um pouco.

— *Adelante!*

Carlos entrou com uma caneca de cerâmica na mão.

— O velho fez um pouco de *tisane* para você. Ela cheirou o líquido quente e soltando vapor.
— Você sabe o que tem dentro?
— Não se preocupe; não é uma infusão de urina de cabra — disse ele, com um sorriso. — É feito de laranja seca, muito conhecida como sedativo, na Espanha.
— Oh... está fervendo — disse ela, depois de um gole. — Terei que deixar esfriar um pouco. Espero que o homem não se incomode por eu ter aberto as persianas. Estava abafado aqui.
— Hum, esta camisola não é adequada para o calor — comentou ele, vendo o tecido cobrindo seu corpo alto e esguio.

A caneca estava quente demais para segurar. Ela a colocou cuidadosamente sobre o parapeito da janela, e disse.

— O que faremos se Don Hilário não nos achar amanhã de manhã? Há serviço de ônibus nesta estrada?

— Não me preocuparia com isso. Hilário estará aqui antes mesmo de você ter acordado — disse Carlos, confiante.

Ela disse, sem pensar:

— Sim, se suspeitar que tivemos um acidente. Mas não poderia pensar que não voltamos para casa por outra razão?

— Que outra razão? — A voz dele estava tensa, bem diferente do tom leve que usara antes. Ela começou a desejar que não tivesse dado voz a seu pensamento.

— Bem, ele não me conhece muito bem, e deve saber que você... que no passado...

— Quer dizer que isso é o que você pensaria, me conhecendo como conhece?

— Não, não quis dizer isso. Só...

— Mesmo agora, você não confia em mim — interrompeu ele. — Você nunca confiará em mim, não é? Eu poderia tratá-la como um irmão por meses, e mesmo assim você ainda estaria um pouco em guarda contra mim.

— Isso não é verdade... — começou ela.

Mas ele não queria mais escutar. Estava zangado, com uma raiva que ela nunca vira antes. Seus olhos não pareciam mais cinza, mas escuros e cruéis como os olhos dos mouros, seus antecedentes. Ele disse, suavemente:

— O velho homem pensa que você é minha *noiva*, mas, como espanhol, tem idéias muito rígidas sobre esse relacionamento. Se eu não voltar à cozinha dentro de alguns minutos, virá para cá com a arma e me obrigará a descer. Enquanto isso, já que você está determinada a desconfiar de mim, posso pelo menos justificar os seus temores. — E arrebatou-a nos braços, e começou a beijá-la, não da maneira que um homem beija uma mulher pela primeira vez, mas como se ela tivesse pertencido a ele durante muitos anos, como se tivessem estado separados por muitos meses, e como se, num momento, ele fosse erguê-la e carregá-la para a enorme cama de cobre.

Antes que Sophie pudesse ajustar-se a esse ataque, Carlos a afastou de si e saiu furiosamente do quarto. Ela o ouviu descer as escadas correndo, e, depois, uma porta fechar-se com estrondo. Depois, pela segunda vez naquela noite, o silêncio caiu sobre a casa da fazenda.

Acordou com a luz do sol em seu rosto e, por alguns momentos, ficou deitada com os olhos fechados, consciente de estar com calor e desconfortável, numa cama desconhecida. Em seguida, lembrou onde estava, e se deu conta de que a camisola volumosa, enrolada em volta de sua cintura, era a causa do desconforto.

Olhou para o relógio. Eram nove horas. Mas, levando em conta que deviam ser duas horas da madrugada quando adormecera, não era surpreendente que acordasse tão tarde.

Quando saiu da cama, seu primeiro pensamento foi encontrar o banheiro. Vestiu-se e escovou o cabelo rapidamente. Em seguida, desceu.

O som de dois homens, falando espanhol, levou-a até a cozinha, mas quando empurrou a porta, que estava aberta, não foi Carlos quem se levantou de um banco ao lado da mesa, mas sim um dos criados velhos do *cortijo*.

— *¿Dónde está Don Carlos?* — Perguntou ela, depois de se desejarem bom-dia.

— Já foi para o aeroporto, *señorita*. Don Hilário instruiu-me para esperar até que a senhorita acordasse e, depois, para acompanhá-la até em casa. Nesta mala estão algumas roupas suas, e o necessário para sua toalete.

— Ali... obrigada — disse Sophie, automaticamente. — Mas não entendo, quando Don Carlos foi embora daqui? E por que foi para o aeroporto? Qual aeroporto?

— O aeroporto de Málaga, *señorita*. Quanto à razão, não posso dizer. Não há dúvida que Don Hilário explicará isso. Eu também não sei a que horas Don Carlos deixou este lugar. Só posso lhe dizer que Don Hilário instruiu-me para vir buscá-la, mas para não incomodá-la, pois a senhorita devia estar muito cansada depois do acidente infeliz que teve na noite passada.

— Entendo — disse desanimada. Era inacreditável que Carlos tivesse ido embora sem vê-la. Ela foi tomada por um medo terrível de que aquele realmente fosse o fim de seu relacionamento tempestuoso, e de que ela nunca mais o veria.

— Você pode perguntar ao homem onde fica o banheiro, por favor?

O homem consultou o fazendeiro e em seguida virou-se para ela com um sacudir de ombros como se estivesse pedindo desculpas.

— Os banheiros aqui são muito primitivos, *señorita*. Um deles fica atrás do estábulo. O homem a levará até lá. Enquanto isso, providenciarei para que tenha água quente e uma bacia em seu quarto, quando voltar.

Em uma hora, Sophie estava de volta ao *cortijo*. Mas nem o marquês, nem sua esposa estavam lá para aliviar sua dolorosa incerteza. Tinham ido até Ronda, para alguma cerimônia cívica importante, e só eram esperados depois do almoço.

Quando voltaram, ambos estavam muito preocupados com o fato de ela ter passado por uma experiência tão assustadora durante sua estadia com eles.

— Você gostará de saber que as pessoas que estavam no outro carro foram presas — disse-lhe Don Hilário. — Me disseram que um grupo de jovens estrangeiros foi preso pela polícia em Torremolinos, ontem. São suspeitos de possuírem e talvez venderem drogas e, como você sabe, as autoridades aqui estão determinadas a proteger os nossos jovens desses males. As cortes que lidam com contrabando têm o poder de impor severas multas.

— Sim, algumas vezes trinta mil pesetas, ou mais — acrescentou a marquesa, com aprovação.

— Mas isso não é tudo — continuou seu marido. — Depois do julgamento por contrabando, tais pessoas, ainda têm que responder por infringirem as leis públicas de saúde. Para isso, que é uma ofensa criminosa, a pena mínima de prisão é seis anos. Portanto, é compreensível por que aqueles vilões do outro carro tentaram escapar à noite, se também tinham medo de serem presos dentro de pouco tempo.

— Entendo — disse Sophie. — Então é por isso que eles não estavam com os faróis acesos. Para atrair o mínimo possível de atenção. Apesar de que, na velocidade que estavam indo, só o barulho teria por si próprio alertado as pessoas.

— Agora também serão julgados por dirigirem de maneira perigosa e causarem muitos danos ao carro de Carlos.

— A polícia não irá querer um depoimento de Carlos? Ele não terá que voltar para prestar esclarecimentos?

— É possível, mas neste momento, está preocupado com essas pobres pessoas em Mallorca, algumas das quais tiveram menos sorte que você e Carlos, ontem à noite.

— Mallorca? — Disse ela, sem entender.

— Você esqueceu, Hilário, que Sophie não sabe nada sobre isso — lembrou-lhe dona Luísa. Ela virou-se para a moça inglesa. — Muito tarde, ontem à noite, nós ouvimos que cinquenta turistas ingleses foram feridos num terrível acidente num ôni-bus de excursão a uma fábrica de pérolas, em Mallorca. Eles estão hospedados num hotel que pertence a Carlos e ele foi até a ilha para ver como pode ajudar. Ter alguém que fala a sua língua é um grande conforto para pessoas que estão no hospital, longe do próprio país.

— Quando encontrei Carlos na fazenda, fomos até seu quarto para lhe contar isso — explicou o marquês. — Mas você estava dormindo tão profundamente que não quis incomodá-la.

— Entendo — disse Sophie, pela segunda vez. Mas enquanto o destino do carro cheio de fugitivos era só de importância menor, descobrir que a súbita partida de Carlos não tinha nenhuma conexão com o incidente no quarto da fazenda era o maior alívio possível para ela.

— Ele não deve ter dormido praticamente nada.

— Ele dormirá no vôo para Valência, e de lá para Palma. Ele tem muita vitalidade, mas também tem a habilidade de poder relaxar. Muitos homens, inclusive você, Hilário, teriam ficado aborrecidos com os danos do carro, e isso os impediria de descansar — disse a Marquesa. — Carlos é diferente. Se acontece alguma coisa ruim, ele não matuta sobre ela. Só tem que abrir um dos velhos e preciosos livros, e todos os seus problemas são esquecidos.

Era uma afirmação que algum tempo atrás também poderia se aplicar a Sophie. Mas, nos dias que se seguiram, nada conseguiu desviar por muito tempo seus pensamentos de Carlos. Lembrou-se agora que quando o velho fazendeiro apontara sua arma na direção deles, da janela superior, Carlos instantaneamente dera um passo à frente, colocando-se entre ela e o cano ameaçador da arma.

Lembrou-se de como, antes disso, depois que tocara seu rosto arranhado pelo galho, ele a chamara de *pobrecita* — um colo-quialismo espanhol que quer dizer pobre querida pequena e que, no tom que ele usara, soara como uma demonstração de carinho.

Mais do que tudo, lembrou-se de ter sido beijada. De novo, ela reviveu os momentos em seus braços, inclusive o instante em que estivera pronta para livrar seus braços e segurá-lo tão perto de si quanto ele estava fazendo, mas ele a jogara e saíra do quarto.

Na segunda tarde depois do acidente, um policial veio até o *cortijo* para tomar o depoimento de Sophie. Veio à paisana, e ela o viu chegando, da janela, e por um momento que fosse Carlos, voltando.

Durante o jantar, naquela noite, a marquesa disse:

— Talvez amanhã tenhamos notícias de Carlos.

Mas foi no quarto dia depois do acidente que Don Hilário recebeu uma carta, via aérea, de Palma. Leu e passou-a para sua esposa, que, por sua vez, passou-a para Sophie. Era um relatório lacônico, escrito em espanhol, sobre as consequências do desastre de ônibus na ilha. Carlos não fazia nenhuma re-ferência ao outro acidente, ou a Sophie, ou a quando esperava poder voltar para a casa de seus primos.

Daí em diante, ela começou a duvidar de que ele voltaria. Quando se passaram seis dias sem que recebesse nem mesmo um cartão postal, ela sentiu que ele não voltaria. Pois certamente se ele tivesse qualquer consideração por ela, e qualquer arrepen-dimento pela maneira rude como a tratara, teria encontrado tem-po para escrever um bilhete, ou mandar-lhe algumas flores.

No sétimo dia, enquanto ela passava a *siesta* escrevendo, para tia Rose, uma das empregadas veio até seu quarto para dizer-lhe que Don Hilário queria vê-la, imediatamente, no tou-cador da marquesa.

Intrigada por esse chamado numa hora em que, normalmente, a casa toda estava silenciosa, Sophie colocou um vestido e caminhou silenciosa mas rapidamente pela galeria, até o belo

baudoir verde e branco de dona Luísa. Foi só quando recebeu permissão para entrar, e viu as expressões em seus rostos e o telegrama na mão de Don Hilário, que um medo terrível tomou conta dela.

— Não é Carlos? — Exclamou, involuntariamente.

— Não, não, não se refere à Carlos — assegurou-lhe a mulher espanhola, levantando-se da espreguiçadeira. — É um telegrama de sua família, Sophie. Sua presença está sendo necessária na sua casa. — E ela tirou o telegrama de seu marido, e entregou-o para Sophie, que leu:

Sinto dizer que seu avô está seriamente doente; o médico acha improvável recuperação. É possível você vir para casa?

Amor. Rose.

Foi um duro choque mas, por mais que amasse o avô, as notícias de que sua longa vida estava terminando não eram o baque terrível que, só por um instante, ela esperara receber. Se Carlos tivesse sofrido um acidente... se Carlos estivesse seriamente doente... só pensar nisso era uma agonia.

Dona Luísa empurrou-a para uma cadeira, fazendo com que se sentasse, e Don Hilário deu-lhe umas batidinhas no ombro,

dizendo:

— Há um vôo com partida de Málaga, esta noite. Tenho certeza que, nestas circunstâncias, conseguiremos arranjar um lugar para você. Por volta de meia-noite, você estará na Inglaterra.

— Mas as crianças... como conseguirá arranjar-se? — Disse

Sophie para dona Luísa.

— Oh, isso é de pouca importância comparado com essa triste notícia para você — respondeu a marquesa, com um gesto de uma mão branca e graciosa. — Venha, eu a ajudarei a fazer as malas e depois Hilário a levará até Málaga. É uma pena que Carlos não esteja aqui nesse momento. Se estivesse, ele teria ido para a Inglaterra com você.

— Não creio que fizesse isso — disse Sophie, secamente. — De qualquer forma, estou acostumada a viajar pela Europa sozinha.

— Sim, eu sei. Mas é mais agradável ter um homem para cuidar de você, não concorda?

— Algumas vezes.

Sophie lembrou-se da excursão para Sierra Nevada, e de como Carlos lhe emprestara um pulôver, organizando almoços embrulhados para o caminho de volta, gelando o vinho num riacho, e mais tarde, para o benefício dela, parando num café onde o banheiro era limpo e agradável. Oh, sim, era muito mais agradável ter um acompanhante atencioso em todas as suas viagens. Só agora ela teve o sentimento depressivo de que em todas as viagens futuras os confortos teriam que ser providenciados por ela própria. Pois levaria muito, muito tempo para que parasse de amar Carlos, e talvez nunca ficasse com o coração verdadeiramente livre outra vez.

Chegou para o vôo de Londres meia hora adiantada. Mas durante esse tempo não foi possível falar com sua tia por telefone, devido aos atrasos de todas as chamadas para a Inglaterra.

O marquês insistiu em esperar até que seu vôo fosse anunciado e estava muito preocupado pelo fato de ninguém ir esperá-la no aeroporto, em Londres.

— Não tem importância, Don Hilário. Como disse para sua mulher, estou bastante acostumada a viajar sozinha, e não é uma viagem difícil de Gatwick até minha casa. — Sophie estava grata por sua bondade, mas desejou que ele não se sentisse obrigado a ficar com ela. Preferia ficar sozinha.

O sol estava se pondo quando o avião partiu, com vários turistas alegres do interior, três assentos vazios e uma moça silenciosa, com uma expressão séria, que afundou-se em seu assento e fechou os olhos.

Enquanto o avião passava por cima da costa e se dirigia **para** o norte, Sophie estava recordando algumas linhas de uma poetisa espanhola, Rosália de Castro:

Felicidade, eu nunca mais a encontrarei na terra, no ar, ou no céu, apesar de saber que você existe e não é um sonho vazio.

CAPITULO VI

"Srta. Sophie Lingwood, do vôo 103 de Málaga, queira dirigir-se ao Balcão de Informações, onde uma mensagem urgente a aguarda. Srta. Lingwood..."

Enquanto a voz no alto-falante repetia o anúncio, Sophie imaginou que, durante as horas que passara voando, Don Hilário devia ter conseguido falar com sua tia, no telefone.

Quando se apresentou à moça de plantão no Balcão de Informações, ela lhe disse que o sr. Edward Hapton vinha para encontrá-la e deveria chegar dentro de quinze minutos.

"Quem é Edward Hapton?", pensou Sophie, enquanto se sentava para esperá-lo.

Duas vezes durante o vôo da Espanha, ela releu a carta mais recente de seu avô. Nada levava a crer que pudesse ser a última carta que lhe mandaria. A caligrafia era tão firme como sempre; as notícias que continha, tão alegres como sempre.

Estava lendo a carta novamente, quando uma voz disse:

— Sophie Lingwood? — e ela olhou para cima, para encontrar um homem de cabelos grisalhos, encaracolados e grossos, e óculos de armação escura, em pé ao lado dela.

— Sim, sou Sophie. Você é o sr. Hapton?

— Chame-me de Edward. Sou um velho amigo de sua tia e, como ela não quer deixar seu avô, achou que você não se incomodaria se eu viesse buscá-la.

— Como está... meu avô?

— Não muito bem, sinto dizer. Parece que seu coração não está muito bem, mas ele conseguiu esconder isso de Rose até a semana passada, quando ela o encontrou desmaiado na cadeira. Melhorou depois de algumas injeções, mas foi só uma recuperação temporária. Ele tem piorado gradualmente... é só uma questão de tempo, agora.

— Sim, é o que pude entender pelo telegrama. Eu... simplesmente não consigo imaginar minha casa sem vovô — disse Sophie, com um tremor na voz.

Edward apanhou sua mala e enfiou seu outro braço pelo cotovelo dela. Era uma dessas pessoas compreensivas, com a qual se fica à vontade imediatamente, e Sophie ficou grata por ele não ser um homem tímido ou alegre demais. Estava cansada para lidar com uma pessoa difícil.

Foi só quando ele estava abrindo o carro que Sophie lembrou do seu próprio carro.

— O que aconteceu? Esqueceu alguma coisa no avião? — perguntou ele, ouvindo sua exclamação abafada de desânimo.

— Não, pior que isso. Deixei meu carro em Granada. Até este minuto, nem pensei nele.

"Oh, Deus, que situação desagradável!"

— Não importa, imagino que se possa resolver — disse Edward, calmamente. — Como é que o seu carro está em Granada, se você esteve trabalhando perto de Ronda? Sophie explicou a razão.

— Terei que mandar um telegrama para as pessoas com quem eu estava trabalhando, imediatamente. Piet provavelmente conseguirá encontrar alguém que traga o carro de volta para a Inglaterra, para mim.

— É possível, mas creio que possa ter dificuldades com relação ao seguro. Certamente, a solução mais simples seria voar de volta e buscar o carro você mesma. Seus empregadores atuais estarão esperando que você volte dentro de algum tempo, não é? — Não... não. eu acho que não. Eles não eram meu empregadores habituais. Eu estava substituindo a governanta inglesa das crianças, enquanto ela estava no hospital. Eles são primos do homem que é o dono do *camping* onde eu estava empregada, e ele arranhou que eu ficasse com eles. Mas não creio que a governanta fique afastada por muito mais tempo e, no que se refere ao meu emprego original... bem, não quero voltar à Espanha, a não ser que seja inevitável.

— Você não gostou do país?

— Não diria isso. Mas as partes mais bonitas da Espanha não são lugares onde os estrangeiros conseguem arrumar empregos com facilidade. As áreas turísticas, onde há mais empregos, são terrivelmente tumultuadas e barulhentas durante a estação de turismo.

— Se você gosta de paz e silêncio, deveria tentar o meu país, Nova Zelândia.

— O que o trouxe à Inglaterra? — perguntou ela,

— Eu vim para cá há oito anos quando minha mulher faleceu. Sou arquiteto, portanto, não é difícil para mim mudar de lugar. Mas por algum tempo, agora, tenho vontade de voltar para casa. Minhas raízes eram mais profundas do que imaginei. Foi só porque perdi Margaret, que senti a necessidade de me afastar de todas as lembranças de nossa vida conjunta.

— Vocês não tiveram filhos?

— Sim, dois. Mas, como você, eles eram jovens inquietos e já tinham saído de casa. Agora, meu filho está estabelecido nos Estados Unidos. Minha filha está casada com um escocês, mas eles moram na Itália. — Depois de uma pausa curta, acrescentou: — Conheci sua tia quando ela estava trabalhando num frontal para o altar da capela de um novo colégio de treinamento para professoras, para o qual minha firma fez o projeto de arquitetura. Sophie se lembrava do frontal do altar. Ele e sua tia deviam se conhecer há mais de quatro anos. Por que tia Rose nunca o mencionara?

— Você mora perto de nós?

— Durante os fins de semana, sim. De segunda a sexta-feira, fico em Londres.

Quando eles chegaram a Cliff Court, Rose Steel devia ter ouvido o barulho de rodas no caminho de cascalho. Antes que tivessem tempo de sair do carro, ela já estava parada na soleira da porta, esperando para dar o seu costumeiro abraço caloroso de boas-vindas em Sophie.

— Como está ele? — perguntou Sophie, depois que se beijaram. Sua tia levou-a até o corredor. — Ele morreu há meia hora,

O sr. Lingwood deixara sua casa e sua aposentadoria para a filha, e seus livros, para a neta. Eles tinham um valor considerável, e ele deixara um bilhete para Sophie, dizendo que não deveria ter remorsos de vender a coleção.

"Não há dúvida que Rose irá querer mudar para uma casa menor e mais moderna, quando eu não estiver mais aqui, e você pode ter dificuldade em acomodar a coleção", escrevera ele.

Já era bastante doloroso perder o avô, ainda mais numa época que ela precisava dos conselhos sábios dele, mais que nunca; a ameaça de perder o aposento tranquilo cheio de livros, que dava para o mar e que, durante toda sua vida fora a essência do lar, para ela, fez com que sua *dor* fosse duplamente aguda.

Nos dias que seguiram à morte do avô, Sophie passou muitas horas sentada na cadeira ao lado da janela, desejando poder abrir seu coração com a única pessoa no mundo com a qual ela poderia ter falado sobre Carlos. Apesar de gostar muito de sua tia, ela não conseguia confiar nela.

No dia depois do enterro, Sophie estava na cozinha preparando uma salada para o almoço, quando Rose entrou, e disse: sem quaisquer preâmbulos:

— Edward me pediu em casamento.

Sophie virou-se surpresa para ela. Desde a noite de sua chegada da Espanha, não pensara mais na razão por que Rose nunca mencionara o nome de um homem que conhecia há vários anos. Edward estivera presente no enterro, mas ela não o vira mais nesse ínterim. Presumivelmente, estava em Londres.

Antes que a sobrinha pudesse dizer qualquer coisa, Rose continuou:

— Eu já gosto de Edward há algum tempo, mas nunca tive certeza se não passava de uma amizade agradável entre duas pessoas solitárias.

— Você se sente solitária? — perguntou Sophie. Sua tia sempre parecera estar satisfeita com sua vida ocupada.

— Não completamente solitária... mas um pouco — admitiu a sra. Steel — Há muita verdade no ditado: "O que você nunca teve nunca lhe fará falta". Se eu nunca tivesse casado, não creio que teria sentido falta. O meu trabalho tem sido maravilhosamente satisfatório e eu tenho certeza que um filho não teria me dado mais prazer e orgulho do que você, Sophie, querida. Mas fui casada uma vez, por pouco tempo, e portanto sinto que falta alguma coisa em minha vida, que notei isso mais desde que você cresceu. Papai e eu nos dávamos muito bem juntos, mas nunca estive tão perto dele quanto você. Não havia nenhuma ligação

intelectual entre nós. Com Edward, sinto uma ligação mental pois, basicamente, ambos somos desenhistas.

— Quando ele a pediu em casamento?

— Mais ou menos uma hora atrás. Depois do enterro, ontem, me convidou para um passeio hoje de manhã. Aparentemente, ele gosta de mim há muito tempo, mas sabia que eu não deixaria papai, e que papai era velho demais para sofrer mudanças radicais em sua vida.

— E foi por causa de vovô, que você nunca falou em Edward.

— Sim. Papai era uma pessoa muito esperta. Se soubesse sobre Edward, poderia ter suspeitado dos meus sentimentos, e acharia que era um incômodo para mim.

— Eu teria cuidado dele com muito prazer.

— Sim, sei que você teria, querida. Mas seria errado pedir isso a você. Os jovens precisam de alguns anos de liberdade antes de ter uma ligação duradoura.

Particularmente, Sophie achou que, se vovô soubesse do desejo de sua filha de se casar novamente, não teria se incomodado em arranjar uma governanta para substituí-la. Seus livros eram necessários para ele, mas nunca fora possessivo com pessoas.

Em voz alta, ela disse:

— Quando pensam em se casar?

— O mais rápido possível, se depender de Edward. Ele diz que já esperou o suficiente. Mas há um grande problema... — Sua voz falhou.

— Que é?

— Edward pretende voltar para a Nova Zelândia, em breve. Ele é viúvo, você sabe, e só veio para cá porque, naquela época, não conseguiu aguentar viver nos lugares onde ele e a mulher foram felizes juntos.

— Sim, eu sei. Ele me contou isso na noite que foi me buscar no aeroporto. Mas por que isso é um problema? Você não gostaria de morar na Nova Zelândia? Está preocupada que não possa continuar o seu trabalho tão bem quanto aqui?

— Não, tenho certeza de que gostarei muito de lá. Quanto ao meu trabalho, creio que lá deve ter campo para uma bor-dadeira profissional. Se não tiver, ou se não for muito grande... bem, não se pode ter tudo na vida. É com você que estou preocupada, Sophie. O que acontecerá com você? O que esperamos é que venha conosco.

Sophie ficou em silêncio, digerindo essa nova reviravolta dos acontecimentos.

— Você poderia tentar, pelo menos por um ano — continuou a sra. Steel, ansiosamente. — Sei que você pode muito bem cuidar de si mesma; mas, mesmo assim, não parece certo dei-

xá-la sozinha na Europa, sem nenhum parente ao qual possa recorrer num caso de emergência. Seria diferente se você estivesse pensando em se casar. Mas não está, no momento, não é?

Sophie sacudiu a cabeça negativamente.

— Talvez eu vá com vocês — respondeu, pensativamente. — Não como parte da casa, mas para dar uma olhada no país. e estar a uma distância acessível, se você sentir um pouco de saudade, no começo. Pode ser que isso aconteça, você sabe. Você não é uma cigana nata, como eu — ela parou. — O problema é que a única coisa que eu sei fazer é falar várias línguas. Eu não sei se isso vai me servir muito, na Nova Zelândia.

— Certamente, os políglotas acham emprego em qualquer lugar — disse Rose, parecendo mais alegre. — Você pode fazer esta salada dar para três pessoas? Eu disse a Edward que queria lhe dar as notícias sozinha, mas que ele poderia almoçar conosco. Vou telefonar para ele, está bem?

Depois do almoço, foi a vez de Sophie ir passear. O dia estava frio, o que não era normal naquela época do ano, e ela caminhou pela praia quase deserta, virando as costas, de tempo em tempo, para as nuvens de areia sopradas pelo vento cortante do noroeste. Teve a impressão de que fazia muito mais que uma semana desde sua partida do calor do sul da Espanha. Seu bronzeado já tinha desbotado. Em mais uma semana, teria desaparecido, a não ser que o tempo melhorasse.

Quando voltou a Cliff Court, Edward e Rose estavam tomando chá.

— Estávamos conversando e Edward acha que seria melhor alugar esta casa, em vez de vendê-la — disse a sra. Steel, enquanto servia uma xícara de chá para a sobrinha.

— Tenho certeza de que o valor das propriedades deve continuar a subir — acrescentou Edward, oferecendo um pãozinho com manteiga a Sophie. — E, como Rose precisa do dinheiro, seria mais sensato manter a casa, e talvez transformá-la em prédio de apartamentos. Depois, se dentro de um ou dois anos você quiser voltar para cá, teria um lugar para viver e uma pequena renda do outro apartamento.

Naquela noite, ele insistiu firmemente em levá-las para jantar fora, ignorando os protestos de Sophie de que ficaria feliz em casa e que não era costume celebrar um noivado com um jantar a três.

— Bobagem. Não somos um casal de jovens. Gostaremos que você vá conosco — insistiu ele.

— Ainda há muito a discutir.

Foi durante o jantar, que ele disse;

— A propósito, Sophie, você já fez qualquer coisa para trazer seu carro da Espanha?

— Não, ainda não. Estava pensando nisso, esta tarde. Talvez, no momento, não seja interessante trazê-lo de volta para a Inglaterra. Talvez Piet consiga vendê-lo. Eu escreverei a ele amanhã cedo. É preciso entrar em contato com a Livraria Sotheby, para acertar a venda dos livros de vovô — acrescentou ela, tentando parecer natural.

Ela ficou contente quando a noite terminou, e pôde ir para seu quarto e entregar-se ao desespero que tivera que esconder durante o dia. A perspectiva de ir para a Nova Zelândia não a animava muito. Não tinha dúvida de que era um país de grande beleza, mas Edward dissera que os pioneiros ingleses não tiveram nenhuma influência até a época vitoriana, e Sophie achou difícil entusiasmar-se por um lugar onde não teria casas do século dezoito, nenhuma igreja medieval, nenhuma plantação centenária de oliveiras e, de acordo com seu Diretório de Comerciantes, só alguns vendedores de livros antigos.

"Sou europeia", pensou ela, tristemente. "Quero ficar por aqui." Mas sabia que, se se recusasse a ir com eles, seria um peso na cabeça de sua tia. Fora essa consideração, ir para longe, para uma vida nova, era provavelmente o melhor remédio para sua infelicidade.

No dia seguinte o tempo piorou. Olhando as ondas que quebravam Da praia, Sophie sentiu pena de qualquer marinheiro inexperiente que tivesse que atravessar o canal aquele dia. Os viajantes com reservas de balsas teriam que esperar até amanhã. O serviço de balsas não operava quando o mar estava tão violento como nessa manhã.

Depois do café, sua tia foi ao dentista. Sophie escreveu a carta para Piet, colocou-a em cima da mesa do corredor para mandá-la mais tarde, e foi até a cozinha para fazer um pudim de frutas para o jantar. A forma do pudim estava no forno e ela estava esvaziando uma lata de pêssegos, quando a campainha tocou. O homem esperando no portão olhava para o mar selvagem, quando ela abriu a porta. Ao virar-se para encará-la, ela soltou uma exclamação abafada e incrédula.

— Alô, Sophie — disse Carlos, — Trouxe seu carro. Foi nesse momento que Rose Steel voltou, olhando com sur-presa para o veículo estacionado na porta. Quando subiu as escadas, ela disse:

— Esse é o seu carro, não é, Sophie?

Foi Carlos que respondeu, e não Sophie. Ela ainda estava muda com o choque.

— Sim, é. A senhora é a tia de Sophie? — ele perguntou.

— Sim, e você deve ser um de seus amigos espanhóis. Como vai? — Eles trocaram um aperto de mãos e ela o fez entrar até o corredor. — Sophie, querida, feche a porta. O vento está tão forte que pode soprar a cabeça de uma pessoa para fora do lugar. Deixe-me pegar o seu casaco, *señor*...

— Eu sou Carlos Walsingham.

— Oh, então é inglês. Sinto muito. Eu presumi...

— Sou meio inglês — disse ele, sacudindo a capa de chuva. — Pelo que vejo, Sophie não falou a meu respeito...

— Bem... não... — disse a sra. Steel com olhar incerto para a sobrinha. Mas temos estado num certo tumulto desde que ela voltou da Espanha. Veja, o meu pai, o avô de Sophie, morreu na semana passada, e...

— Sim, eu vi o anúncio no *Telegraph*. Sinto muito. Estava ansioso por conhecê-lo — disse Carlos, seriamente.

— Sophie, leve o sr. Walsingham para a sala de estar e eu irei fazer um café — disse a sra. Steel. — E acenda a lareira. As mãos do sr. Walsingham estão geladas.

Vagarosamente, como uma pessoa hipnotizada, Sophie fez o que lhe fora pedido. Quando se levantou, depois de ter acendido o papel e, com ele, as madeiras, disse, numa voz baixa e rouca:

— Onde está seu carro?

— Está no *cortijo*. Hilário o mandará para mim. Achei que você podia estar precisando do seu com urgência. Felizmente, um cancelamento conveniente no navio de Bilbao para Southampton. Nós ancoramos às sete horas, hoje de manhã, e vim direto para cá.

— Oh, Carlos! — disse ela, num sussurro. Só podia ter um motivo para um homem, acostumado a dirigir um carro feito sob encomenda, com ar condicionado e rápido, viajar por toda a Espanha, em alto verão, num carro apertado, vagaroso e com péssimas molas. O calor das Sierras centrais devia ter sido terrível. — Era de você que eu precisava mais que tudo. Tenho estado tão infeliz... pensando que nunca mais o veria.

O braço dele, que estivera descansado sobre a console da lareira, caiu para o lado. Parecia mais alto ainda do que ela se lembrava e seu rosto estava estranhamente sério.

— Você está dizendo que me ama, Sophie?

Um rubor profundo subiu desde seu pescoço, mas ela não desviou os olhos.

— Sim — disse, simplesmente. — Sim, é claro que o amo. Ele pegou o rosto dela entre as mãos, que ainda estavam frias

da viagem. Mas seus lábios estavam quentes, quando a beijou suavemente na boca. Por alguns momentos, Sophie ficou passiva, ainda estonteada com essa reviravolta súbita de uma viagem sem vontade através do mundo, onde teria uma vida sem esperanças de verdadeira felicidade. Em seguida, passou os braços em volta do pescoço dele, e aproximou-se com toda sua força.

— Oh... sinto muito, eu não me dei conta... — murmurou a sra. Steel, entrando no aposento com uma bandeja, e descobrindo que sua sobrinha e a visita estavam presas num abraço apaixonado.

Eles se separaram, olhando para ela com expressões estonteadas. Carlos foi o primeiro a se recuperar. Enquanto atravessava o quarto para livrá-la do peso da bandeja cheia, disse:

— Sinto muito se isso vier como um choque para a senhora, já que Sophie omitiu minha pessoa, mas nós vamos nos casar.

— Sim... realmente, parece um pouco repentino — disse a sra. Steel, com franqueza. — Vocês se conhecem há muito tempo?

Ele colocou a bandeja sobre a mesa ao lado do sofá. Em seguida, voltou para onde Sophie estava e colocou o braço em volta de sua cintura.

— Há quanto tempo nos conhecemos, querida? — Seus olhos brilharam, divertidos. Mas, antes que ela pudesse responder, ele disse, num tom quase zangado. — Se eu tivesse mais senso poderíamos estar casados agora.

— Entendo. Bem... que surpresa! Então você irá para a Nova Zelândia conosco — disse a sra. Steel, afundando-se numa cadeira, e levantando-se novamente ao lembrar que o café estava esperando para ser servido.

— Não, não irei. Sinto muito, tia Rose, eu deveria ter lhe contado sobre Carlos, mas até hoje não havia nada para contar. Eu... eu sabia o que sentia por ele, mas não o que ele sentia por mim. Éramos mais ou menos como você e Edward.

O telefone tocou no corredor. A sra. Steel apressou-se a atender. Depois que ela saiu, Sophie disse:

— Porque não escreveu para mim? Todo aquele tempo depois que você foi embora, nem uma linha... nem mesmo um cartão postal.

— Depois do que aconteceu na casa do velho, depois do acidente, eu achei que uma cartinha seria rasgada, ao invés de lida.

— Gostei do que aconteceu naquela noite. Se você tivesse me segurado mais alguns minutos, teria se dado conta de que eu estava gostando.

— Teria? A impressão que levei para Mallorca era de que tinha estragado minhas chances de uma vez por todas. Quando voltei ao *cortijo*, esperando que ainda fosse possível acertar tudo entre nós, você já não estava mais lá. Depois, Luísa me disse que quando o telegrama sobre seu avô chegou, você parecia assustada, achando que era comigo. Disse que, na opinião dela, você ainda gostava de mim, apesar de tudo.

— Gostava de você! — exclamou Sophie. — Se ela soubesse que luta foi não demonstrar quanto eu o amava... Quase não me atrevia a olhar para você, caso dona Luísa começasse a suspeitar da verdade.

— Ela sabia o tempo todo como eu me sentia. Tive que lhe dizer que queria me casar com você, para persuadi-la a mandar a governanta tirar férias por algumas semanas.

— Férias! Mas eu pensei que a sra. Hemphall estivesse no hospital!

— Não, sinto dizer que a "operação sem importância" foi simplesmente uma desculpa. Era a única maneira de eu ter você perto de mim por algum tempo, e tentar convencê-la de que eu não era tão ruim, apesar de tudo. Luísa e Hilário não gostaram muito da mentira, mas cederam à persuasão. Se você voltar atrás, se dará conta de que eles nunca se referiram à srta. Hemphall no hospital. Só disseram que ela não estava, o que era a verdade.

— Mas, assim que chegamos ao *cortijo*, você pareceu bastante indiferente. Como se tivesse perdido o interesse até mesmo numa relação formal.

Ele a puxou para seus braços.

— Queria que você se sentisse segura comigo. Lembra da noite que fomos para as montanhas, desde a costa? Sophie concordou com a cabeça..

— Você ia me beijar no carro, quando algumas mulas passaram por nós, e não o fez.

— E você pensou que talvez nós não estivéssemos a caminho da casa dos meus primos mas, sim, a caminho de algum lugar isolado, onde, se você se recusasse novamente a fazer parte do meu harém, eu poderia jogá-la num precipício, ou ameaçá-la — disse Carlos, secamente.

— Algo parecido passou por minha cabeça — admitiu ela, timidamente.

— Exatamente; e como eu estava ficando muito cansado de ser julgado por esse prisma, me pareceu melhor assumir uma aparência de indiferença total. O que, como os *niños* estavam constantemente correndo e nos deixando a sós, não foi nada fácil — acrescentou.

Sophie encostou a cabeça no ombro dele e soltou um suspiro profundo de alívio e felicidade.

— Não importa. Me sinto segura com você, agora.

Os braços dele se apertaram, mas a sra. Steel voltou e ele soltou Sophie, sem pressa.

Enquanto tomavam café, ela explicou sobre o casamento iminente de sua tia, que a casa seria convertida em apartamentos e que os livros de seu avô seriam vendidos na Livraria Sotheby.

— Você não preferiria mantê-los? — perguntou Carlos, le-vantando-se de sua cadeira para olhar admirado para as prateleiras de livros.

— Claro que gostaria! Mas é possível? Eles ocupam muito espaço.

Ele se virou e lançou um olhar que fez com que ela prendesse a respiração.

— Se você quiser, e se eu puder arranjar, nada é impossível — disse ele. — Até acharmos uma casa do nosso gosto, eles podem ser guardados com minha coleção principal.

— Você poderia manter essa casa, se quisesse — disse a sra. Steel.

Mas Sophie sacudiu a cabeça negativamente.

— Não, sempre adorei voltar para cá, mas não pertenco mais a esse lugar. — Ela sorriu para Carlos. — De agora em diante, pertenco a você.

A expressão dele não se alterou, mas seus olhos encheram-se subitamente com um brilho de emoção controlada. Se Rose não estivesse no quarto, ele teria ido até ela para beijá-la. Na realidade, não demorou muito até que a sra. Steel encontrasse uma razão delicada para sair do quarto; e em seguida, segundos depois da porta se fechar, Sophie viu-se sendo amada pelo ardente espanhol.

Eventualmente, ele disse, em inglês:

— Temos que nos casar imediatamente, pois acho que você perdeu os seus poderes de resistência, querida, e para mim é mais difícil ainda. Há algum cartório de paz por aqui? Vamos perguntar sobre uma licença especial, e eu também tenho que comprar algumas camisas. Não havia lugar no seu carro para trazer toda a minha bagagem.

Foi no fim da tarde, no final de umas compras loucas e felizes, que eles passaram pelas vitrines da Livraria Bramfield.

Sophie sabia que o fato de Carlos sugerir que entrassem na livraria não era significativo. Que colecionador passaria por uma livraria sem entrar?

O sr. Bramfield não estava lá, e a mulher responsável não era alguém que Sophie conhecesse bem.

— Onde fica a seção de viagem? — perguntou Carlos.

— Lá em baixo, no porão. Eu lhe mostrarei — Sophie foi na frente.

Olhando-o, enquanto ele examinava as prateleiras, ela sabia que era absurdo esperar que ele se lembrasse do que acontecera nesse lugar há quatro anos atrás. Devia ter milhares de

livra-rias com porões semelhantes, poeirentos, e sem muita luz. E quantos homens se lembrariam de ter beijado uma menina em idade escolar, mesmo uma semana depois? Ela se levantou, depois de ficar de cócoras para olhar a prateleira mais baixa.

— Não, acho que não tem nada para mim, aqui. E você?

— O meu campo de caça fica em cima.

Quando chegou ao fim da passagem estreita, ele tocou seu ombro.

— Esta não é a primeira vez que estamos juntos aqui, não é, Sophie?

Ela se virou.

— Você se lembra?

— Demorou para chegar a essa conclusão. Você era apenas uma menina, naquela época. Mas mesmo em Barcelona, havia alguma coisa sobre você... achei que estava imaginando coisas. Foi na noite em que a peguei em Nerja que lembrei desse lugar, e me dei conta de que você tinha lembrado de mim desde o começo. Assim que compreendi isso, muitas coisas que me intrigavam ficaram mais claras.

— Por exemplo?

— Uma coisa fez com que eu entendesse o contraste entre sua amabilidade em Barcelona e suas maneiras hostis, mais tarde. Sabendo como as moças romantizam as coisas, cheguei à conclusão de que você esperava que eu me lembrasse de você tão claramente quanto lembrava de mim.

— Sim, eu estava — admitiu ela. — E, quando você me mandou aquela cesta enorme de cravos e um poema, parecia confirmar essa idéia. Você tem que admitir que qualquer moça, lendo aquele poema, teria ficado um pouco nas nuvens.

— Hum, aquilo foi um impulso curioso da minha parte. Mas não sabia, naquela época, que você conseguiria traduzi-lo, e que o tomaria ao pé da letra.

— Suponho que não teria feito isso se fosse a primeira vez que tivéssemos nos visto. Mas, entenda, sonhei tanto tempo em nos encontrarmos novamente, que meu raciocínio simplesmente não estava funcionando.

Ele abriu a fivela que segurava o cabelo dela para que caísse em seu rosto.

— Lembro que seu cabelo estava assim e que você corou e pareceu chocada. Você era charmosa, mas claramente jovem demais para qualquer coisa mais séria.

— E alguns dias depois você já tinha me esquecido!

— Sim — admitiu ele, com um piscar de olhos. — Mas não completam ente. E eu ainda estava livre quando nos encontramos novamente.

Sophie riu.

— Desta vez, eu o beijarei. — Gentilmente, ela puxou sua cabeça para baixo.

Duas semanas mais tarde, eles voaram para a ilha espanhola de Minorca, para ficarem numa fazenda que Carlos emprestara de alguns amigos. Ele já estivera lá antes, e não teve nenhuma dificuldade em encontrar a fazenda um pouco isolada. Mas o carro alugado que estava à disposição deles era pequeno e quente, como o carro de Sophie, e quando chegaram, ele sugeriu que, em vez de desfazerem as malas imediatamente, só parassem para encontrar suas roupas de banho e fossem até a praia mais próxima.

Foi assim que, algumas horas depois do seu casamento, Sophie achou-se deitada na areia fina, quase cor-de-rosa, de Binibeca, refrescada por um banho na água calma e transparente como uma linda água-marinha. Agora, sua pele molhada secava rapidamente, e não havia nenhum som a não ser as vozes abafadas de alguns turistas que estavam se banhando nas rochas, ao lado da casa de barcos transformada em bar, no lado oposto da gruta onde Carlos esticava duas esteiras de praia.

A noite anterior fora uma tal nuvem de atividades, que Sophie ainda estava se sentindo fora da realidade, como se, quando acordasse, pudesse descobrir que tudo fora um sonho, e que estava de volta à praia tumultuada de Almuñecar, oprimida com pensamentos problemáticos sobre o ocupante enigmático da torre moura do promontório.

Peneirando areia quente por entre os dedos, sentiu a presença ainda estranha do anel na sua mão esquerda, e sentou-se para olhá-lo novamente, pois não o vira até aquela manhã. Em vez do convencional anel de noivado, Carlos lhe dera um par de antigos brincos espanhóis de cristal. A escolha da aliança fora igualmente fora do comum. Era um nó-eterno, feito de ouro amarelo-pálido, por um joalheiro do Regimento Ghurka. Quando e onde ele o comprara, ela não sabia; mas o adorara à primeira vista, e seu peso combinava com a forma de sua mão, e suas unhas quadradas, com esmalte transparente, parecidas com as de um menino. Com as roupas de banho quase secas, eles voltaram para a fazenda, parando no caminho para que Carlos reservasse um jantar para dois, às dez horas, num restaurante que tinha um pátio sombreado de vinhedos, na pequena vila de S'Uestra.

— Pode não parecer um lugar fantástico, mas a comida é excelente — disse ele. — Você terá que usar um agasalho quente. Depois que escurece, fica muito mais frio, aqui.

O caminho que dava para a fazenda acompanhava uma estrada entre os muros de pedra seca, bem construídos, que também rodeavam os campos e circundavam as estradas principais. A própria fazenda era rodeada por cercas de arbustos altos. No terraço, espreguiçadeiras convidavam ao descanso.

— Espero que Archie e Sue tenham deixado um pouco de vinho para nós. Senão, teremos que ir até a adega em San. Luís — disse Carlos.

Mas, na cozinha, eles encontraram duas caixas, com garrafas de quatro litros, um de *blanco* e um de *tinto* e também uma garrafa do conhaque preferido de Carlos.

— Alguém também providenciou azeitonas... e pão... e *cho-riso* — anunciou Sophie, explorando uma prateleira.

— Um banquete! — disse Carlos, suavemente.

Vendo o seu olhar, ela sabia que ele estava se lembrando de uma conversa que tiveram, na Torre del Moro.

Eles levaram vinho e azeitonas para o terraço, onde juntaram as espreguiçadeiras e deitaram, de mãos dadas, comendo as frutas pretas e suculentas, e bebendo o bom e barato vinho vermelho. O sol ainda estava quente, mas já estava se pondo. Dentro de meia hora, talvez menos, deixaria o terraço cheio de sombra. E então, Sophie sabia, Carlos a levaria para dentro, fecharia as persianas verdes, cor de esmeralda, e trancaria o mundo do lado de fora até que fosse hora de irem jantar em S'Uestra.

Talvez ela devesse estar se sentindo tímida mas, de alguma forma, não estava. Nada sobre essa lua-de-mel era como ela imaginara a sua lua-de-mel. Não havia suíte de núpcias, nenhum balcão e nenhum cenário. Não havia roupas formais em suas bagagens; somente roupas de praia, de algodão, e livros. Talvez, no outro tipo de lua-de-mel, ela se sentisse tímida, e até mesmo nervosa. Do modo como as coisas estavam, só sentiu prazer da antecipação que sentira em Barcelona, da primeira vez que Carlos sorria para ela através de uma brecha multidão de cabeças, na festa da sra. Hackeenbacker.

— Por que está sorrindo? — perguntou ele.

— Estava pensando sobre a festa terrível da sra. Hacken-backer. Era tudo que eu mais detesto, e depois, você apareceu e foi embora... me senti como um botão que, subitamente, abre em flor.

— Uma flor com alguns espinhos muitos afiados — disse seu marido, secamente. Ele sentou-se ereto, e acariciou o seu braço nu. — Você está começando a sentir frio? Vamos entrar?.

— Sim, talvez seja melhor. Não está tão quente quanto estava, aqui.

Quando ela se levantou, ele a pegou nos braços.

— O que você precisa, *é* primeiro de um chuveiro quente, depois, uma *siesta*, e depois iremos comer uma outra *paella*.

Com força ágil que a surpreendera, uma vez, ele a levou para dentro da casa, e trancou a porta.

F I M